



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

CÁSSIA CORREIA DE SOUZA

**AS ESTRUTURAS PASSIVAS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS: UMA FORMA
ALTERNATIVA DE INDETERMINAR O AGENTE VERBAL**

CAMPINA GRANDE - PB
2019

CÁSSIA CORREIA DE SOUZA

**AS ESTRUTURAS PASSIVAS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS: UMA FORMA
ALTERNATIVA DE INDETERMINAR O AGENTE VERBAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do
Curso de Letras - Língua
Portuguesa da Universidade
Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Letras.

Área de concentração:
Língua /Linguística

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Marta Anaisa Bezerra Ramos

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729e Souza, Cassia Correia de.
As estruturas passivas em textos jornalísticos [manuscrito]
: uma forma alternativa de indeterminar o agente verbal /
Cassia Correia de Souza. - 2019.
100 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Marta Anaisa Bezerra Ramos ,
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Estrutura passiva. 2. Sujeito. 3. Gênero jornalístico. 4.
Gramática. I. Título

21. ed. CDD 469.5

CÁSSIA CORREIA DE SOUZA

**AS ESTRUTURAS PASSIVAS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS: UMA FORMA
ALTERNATIVA DE INDETERMINAR O AGENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do
Curso de Letras - Língua
Portuguesa da Universidade
Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Língua

Aprovada em: 09/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Marta Anaísa Bezerra Ramos.

Prof^a. Dr^a. Marta Anaísa Bezerra Ramos (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dalva Lobão Assis.

Prof^a. Dr^a. Dalva Lobão Assis

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Raniere Marques de Melo

Prof^o. Me. Raniere Marques de Melo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico aos meus pais, Terezinha
Correia e Eraldo de Souza, grandes
incentivadores dos meus sonhos.

Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, pelas oportunidades que me deu e ter me proporcionado chegar até aqui. Sem Ele, que me enche de força e esperança, nada disso seria possível.

À minha família que sempre esteve comigo, dando-me apoio e suporte. Minha mãe, Terezinha Correia de Souza, meu pai, Eraldo Severino de Souza, que acreditaram e depositaram confiança na minha decisão de sair de casa e vir para Campina Grande- PB estudar. Eles que são para mim exemplos de pessoas humildes, honestas, fortes e me ensinaram a sempre persistir, a acreditar que esforço e educação podem nos levar a ser quem quisermos e a ser quem eu sou.

À minha irmã, Carolina Correia de Souza, pelo apoio e compreensão de sempre e aos meus sobrinhos, Daniel Luiz e Joaquim Luiz, que mesmo tão pequenos e com toda a inocência me dão motivos para nunca desistir dos meus sonhos. São a minha alegria.

Aos colegas de curso e do projeto “Asas na Leitura” com quem compartilhei boas experiências, que contribuíram não só com a minha formação, mas também como pessoa. São exemplos que quero seguir. Aos amigos, em especial a José Edimosio Vital, que nesses quase quatro anos em Campina Grande, foi como um irmão para mim e com quem compartilhei bons momentos, e Maria Heloísa Souza, colega do curso de Letras, com quem formei parcerias e compartilhei projetos. São duas pessoas muito especiais e que fazem jus à palavra amizade.

Aos meus professores da graduação, aqueles que me mostraram o que é ser um verdadeiro professor e com que eu me encantasse ainda mais pela profissão, especial e imensamente, à professora Marta Anaisa Bezerra Ramos com quem tanto aprendi e que aceitou me orientar neste trabalho.

Muito obrigada!

AS ESTRUTURAS PASSIVAS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS: UMA FORMA ALTERNATIVA DE INDETERMINAR O AGENTE VERBAL

Cássia Correia de Souza
Marta Anaisa Bezerra Ramos

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo estruturas oracionais na voz passiva, sob as formas analítica e sintética. Pretende observar o emprego e a recorrência dessas estruturas para verificar se o seu uso está associado à estratégia de ocultamento do agente, como apontam pesquisas realizadas por autores como Pontes (1986) e Bagno (2004) entre outros. O *corpus* utilizado para análise consiste de textos jornalísticos, mais especificamente dos gêneros manchetes, notícias e artigos de opinião, extraídos de 20 edições do Jornal Correio da Paraíba do ano de 2019. A pesquisa possui uma abordagem descritivo-analítica, de base quantitativa e qualitativa, a partir da revisão bibliográfica. Para uma melhor compreensão do tema, apresenta um percurso que parte do conceito de sujeito, passando pela noção de voz verbal, abordando as vozes ativa e as passivas, sob a ótica da tradição gramatical até chegar aos estudos recentes nessa área. Para isso, traz os postulados de gramáticos e linguistas, como Sacconi (1947), Mendes de Almeida (1955), Melo (1968), Kury (1990), Neves (2000), Mira Mateus et. al.(2003), Bechara (2005), Cunha e Cintra (2007), Possenti (2011), Vieira e Freire (2016), e outros. A análise permitiu concluir que os falantes optam por estratégias que concorrem com as que a gramática tradicional prescreve para indeterminar o sujeito, o que se revela nos textos jornalísticos, nos quais se reflete a dinamicidade, clareza e objetividade da língua. Nesse sentido, o ensino de Língua portuguesa deve considerar o saber do falante e refletir sobre os recursos linguísticos empregados nos textos diversos.

Palavras-chave: Sujeito. Passiva. Indeterminado. Gêneros jornalísticos.

ABSTRACT

The present research has as object of study orational structures in the passive voice, under the analytical and synthetic forms. It intends to observe the use and recurrence of these structures to verify if its usage is related to the agent's concealment strategy, as pointed out by authors such as Pontes (1986) and Bagno (2004), among others. The corpus used for analysis consists of journalistic texts, more specifically the headline genres, news and opinion articles from 20 editions of the *Jornal Correio da Paraíba* of the year 2019. The research has a descriptive-analytical approach, quantitative and qualitative, based on the literature review. For a better understanding of the topic, it presents a route that starts from the subject concept, going through the notion of verbal voice, approaching the active and the passive voices from the perspective of the grammatical tradition until reaching recent studies in this area. Hence, it brings the postulates of grammarians and linguists, such as Sacconi (1947), Mendes de Almeida(1955), Melo (1968), Kury (1990), Neves (2000), Mira Mateus et. (2003), Bechara (2005), Cunha and Cintra (2007), Possenti (2011), Vieira and Freire (2016), and others. The analysis made it possible to conclude that speakers choose strategies that compete with the ones traditional grammar prescribes to indetermine the subject, which is revealed in journalistic texts, in which it reflects the dynamics, clarity and objectivity of the language. In this sense, the teaching of Portuguese language should consider the speaker's knowledge and reflect on language resources employed in a great variety of texts.

Keywords: Subject. Passive. Undetermined. Journalistic genres.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Distribuição dos dados coletados conforme os gêneros.....42

TABELA 2 - Frequência de agente (expresso e não-expresso), conforme os gêneros.....43

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Definições de sujeito de acordo com a tradição.....	15
---	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 A definição de Sujeito.....	14
2.2 Vozes verbais e suas subdivisões.....	19
2.3 A voz passiva sob o olhar de gramáticos/linguistas.....	22
2.3.1 As passivas sob o viés de alguns linguistas.....	28
2.3.1.1 Uma abordagem variacionista.....	29
2.3.1.2 Uma abordagem sob o viés da AD.....	37
3. ANALISANDO OS DADOS DO JORNAL.....	41
3.1 Análise das estruturas passivas analíticas.....	42
3.1.1 Estruturas com agente da passiva expreso:.....	43
3.1.2 Estruturas com agente da passiva não-expreso:.....	45
3.2 Análise das estruturas passivas sintéticas.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXO.....	58

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a sociedade da qual fazemos parte não é a mesma de anos ou décadas atrás e que não há sujeitos ou comunidades iguais na história, existe uma necessidade de investigar os fenômenos, os meios que levaram a essas mudanças. Vemos a partir disso como a pesquisa se faz importante, pois, através dela, podemos esclarecer dúvidas e também contribuir cientificamente com a sociedade, pois, como diz Severino (2007), a pesquisa¹ é entendida como processo de construção dos objetos do conhecimento, de modo que a ciência assume grande relevância em nossa sociedade.

A educação é parte fundamental no processo de formação social. É através dela que os sujeitos são capazes de mudar não só a si como também o meio em que estão inseridos. O professor e a própria escola têm papel importante nesse processo, visto que o trabalho realizado em sala de aula deve possibilitar que o aluno, através da educação, consiga alcançar seus objetivos e tornar-se um cidadão.

Nas aulas de língua portuguesa, ainda é comum a adoção de uma prática que prioriza a exposição de conteúdo, o ensino centrado na metalinguagem, levando o aluno a memorizar nomes dados aos fatos da língua, de maneira mecânica e “engessada”, em vez de analisar como os fenômenos acontecem. Para mudar esse método de ensino, é aconselhável que o professor leve para a sala de aula textos diversos e incentive o aluno a refletir sobre o funcionamento das regras, *como* e *se* elas se aplicam aos diversos usos. Assim, é possível que o aluno entenda não apenas a língua/linguagem que ele usa no seu cotidiano, mas a língua mais elaborada com que ele tem contato na escola.

Outra postura que, também, é interessante de ser adotada pelo professor é a de explicar aos alunos o conceito de *gramática*² e *norma*, para que as questões de adequação quanto à escrita fiquem mais claras. O conceito de gramática, no senso comum, tem relação com um livro que possui todas as normas que garantem falar e escrever certo, as quais não devem ser contestadas, pois tudo o que a gramática apresenta é correto, basta que a sigamos. Já a palavra “norma”, segundo Bagno (2004), é confusa e ambígua, pois “norma culta” ou simplesmente “a norma” é “aquele conjunto de regras que a gramática tradicional teima em fazer a gente

¹Para Gil (1946), as razões para realizar uma pesquisa se dividem em: razões de ordem intelectual, que decorrem do desejo de conhecer, pela satisfação de conhecer; e razões de ordem prática, que partem do desejo de conhecer, objetivando fazer algo mais eficiente ou eficaz.

² Celso Cunha e Lindley Cintra definem seu objeto de estudo em Nova gramática do português contemporâneo (1985, p.14), como “uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como o têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá.”

obedecer, embora muitas delas já não satisfaçam às necessidades de expressão de muita gente”.

Autores que seguem a linha tradicional associam a língua culta à linguagem literária. Para Bagno (2004), “a gramática deles, portanto, só deveria, teoricamente, ser consultada, por quem quisesse escrever um texto literário.” Esse pensamento, que tenta moldar a escrita literária, é um tanto contraditório, se pensarmos que as gramáticas retiram dos textos literários exemplos para validar o discurso de que a norma culta é a correta e está acima de tudo; no entanto, como uma espécie de filtro, ela seleciona apenas as estruturas que seguem as suas regras. Mas, muitos autores utilizam linguagem coloquial, seja para enriquecer a obra, marcar determinada região ou dar efeitos estéticos.

Para os linguistas, a norma culta é a soma de usos linguísticos dos falantes de um país, de uma região ou de uma cidade. Assim, o que os tradicionalistas chamam de *norma culta*, Bagno prefere chamar de norma-padrão, que seria um modelo de língua; e esta é a forma tomada como referência para o texto escrito. Nesse sentido, o discurso de que existe uma língua tida como correta acaba estigmatizando as outras, e até quando os grandes autores da literatura contemplam em suas obras variações de uma mesma língua, a gramática prefere ignorar e reforçar a ideia de que existe apenas uma forma “certa” de escrever e falar. Segundo Bagno, os gramáticos tradicionalistas consideram “norma culta” o uso escrito, formal, literário da língua, e isto é um dos tipos de norma.

Neste trabalho, quando nos referimos à gramática tradicional, estamos tratando dessa norma-padrão, como nomeia o autor. Que fique claro que consideramos a norma-padrão importante e não estamos relegando-a. Os alunos precisam ter o contato com a língua e aprender as suas normas; no entanto, saber português não quer dizer decorar todas suas regras. Esse pensamento até hoje enraizado faz com que muitos desses jovens digam que não sabem falar português. Deve-se estimular o conhecimento que “implica, não o armazenamento, em estoque de um conjunto de informações, de conteúdos e regras, mas a existência de uma capacidade gerativa, isto é, uma capacidade de encontrar novas respostas para novos problemas inteiramente novos, em novas situações” (ANTUNES, 2003, p.43).

Ao pensarmos em língua/linguagem, não há como não fazermos uma relação direta com os seus usuários, aqueles que a utilizam para se expressar, se comunicar, se posicionar. Nesse sentido, o ensino que se propõe a possibilitar que estudantes se tornem cidadãos capazes de interagir nas diversas situações em sociedade deve adotar uma prática que vai além do uso dos livros didáticos e gramáticas como uma espécie de guia único para o professor. O ensino/aprendizagem deve contemplar o saber do falante, considerando seu

contexto e as mais diversas formas que ele utiliza para se comunicar, o saber dos gramáticos e o dos linguistas.

Assim, incentivados pela busca de compreensão do funcionamento textual-discursivo de algumas estruturas gramaticais, tomamos como objeto de estudo as estruturas passivas (analítica e sintética). Algumas perguntas norteiam a pesquisa: a) Por que o falante/escritor optou pelo uso da estrutura passiva e não a ativa nesse gênero de texto? ; b) haveria distinção entre as estratégias de uso da passiva analítica e da sintética?

Logo, como objetivo geral, pretendemos descrever os usos e investigar as motivações da escolha do falante/escritor pela voz passiva e suas subclasses em textos jornalísticos (manchete, notícia e artigo de opinião). Como objetivos específicos, iremos analisar qual a estratégia mais recorrente, se a passiva analítica ou a sintética, e que relação tem a escolha de uma determinada estrutura com o gênero textual.

O presente trabalho tem uma abordagem descritivo-analítica, com base quantitativa e qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica. Utilizamos como base teórica gramáticas como as de Sacconi (1947), Mendes de Almeida (1955), Melo (1968), Kury(1990), Bechara (2005), Perini (2007), Cunha e Cintra (2007), Neves (2000) e Mira Mateus et. Al (2003). Também os estudos linguísticos de Pontes (1968), Indursky (1993), Monteiro (1994), Bagno (2004), Possenti (2011), Vieira e Freire (2016), entre outros.

O *corpus* se constitui de 188 ocorrências de estruturas passivas, sendo 178 de passivas analíticas e 10 sintéticas. Estes dados serão comentados na análise do presente trabalho. Para uma melhor compreensão, elaboramos uma tabela com a quantificação das ocorrências, dividida de acordo com os gêneros analisados. A escolha por analisar textos jornalísticos com enfoque nas vozes passivas não foi aleatória, recentes estudos têm mostrado que, além das estratégias de indeterminação do sujeito prescritas nas gramáticas, há muitas outras maneiras de ocultar/apagar³ o sujeito, sendo a passiva uma delas.

Pesquisas mostram que essas estratégias concorrem com as que a gramática prescreve e já podem ser encontradas em textos jornalísticos mais monitorados. Trata-se dos estudos como os de Pontes (1986), que revelam que, na voz passiva analítica, é possível levar o objeto a tópico e apagar o agente externo, apagamento a que a autora se refere como “escamoteamento”; também Bagno (2004), ao analisar as estruturas em que aparece verbo

³ Neste trabalho empregamos a palavra “ocultar” com o sentido diferente daquele apresentado pela tradição, que explica que sujeito oculto “é o que não está expresso, mas pode ser identificado pela desinência verbal ou pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período” (CAMPEDELLI e SOUZA,1999). Aqui, o sentido empregado a essa palavra tem a ver com o que nos apresenta os estudos de Pontes(1986), que revela ser a passiva é um recurso usado para “escamotear” o agente externo, ou seja, apagá-lo.

transitivo direto + SE, afirma-se tratar de pseudopassiva, pois vêm sendo usadas como uma forma de indeterminar o sujeito, e não passiva sintética.

Diante das discussões realizadas ao longo do curso de Letras a respeito de uma prática de ensino mais próxima da realidade dos alunos, a partir de textos, que lhes permita refletir sobre o uso da sua língua materna, como propõem Antunes (2003), Vieira e Freire (2016), entre outros, acreditamos que o professor deve ser um pesquisador. Para isso, ele precisa ter como suporte para as suas aulas materiais atualizados, além de proporcionar o contato com gêneros textuais variados, para que o aluno possa contemplar a língua em funcionamento.

Para entender melhor o tema deste trabalho, contemplamos na fundamentação teórica os seguintes tópicos: 1) A definição de sujeito; 2) Vozes verbais e suas divisões; 3) A voz passiva sob o olhar de gramáticos /linguistas; 4) As passivas sob o viés de alguns linguistas. Iniciaremos com a exposição da abordagem presente nas gramáticas tradicionais e depois apresentaremos o que dizem os linguistas, fazendo um contraponto entre a visão tradicionalista e os novos estudos, na busca de ampliar o tratamento do tema.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Muitos estudiosos se propõem a discutir sobre as estruturas passivas, um tema considerado complexo. Elas entram no grupo das formas que passaram a ser interpretadas pelos falantes de modo diferente do uso previsto na tradição gramatical. Assim, na busca por esclarecer as questões que envolvem esse tema, traçamos um curso. Iremos tratar inicialmente sobre a noção de *sujeito*, em seguida, sobre *vozes verbais*, para chegarmos às noções de passivas sintética e analítica. Ao final, apresentaremos novas perspectivas de abordagem sobre as passivas. Tal percurso nos permite discutir o tema sob diferentes pontos de vista.

2.1 A definição de Sujeito

Neste tópico trazemos o conceito de sujeito, expondo inicialmente a visão de autores que compõem o grupo das gramáticas tradicionais, seguindo outras abordagens. No primeiro grupo estão Sacconi (1947), Melo (1968), Bechara (2000) e Cunha e Cintra (2007); no segundo, estão Dias (1959), Keenan (1976) e Lyons (1977). Seleccionamos diferentes autores para que pudéssemos avaliar os critérios utilizados para definir essa categoria gramatical. Vejamos:

Quadro 1: Definições de sujeito de acordo com a tradição

“é o ser ao qual se atribui a ideia contida no predicado.” (SACCONI, 1947)
“é o termo que expressa o ser de que declaramos alguma coisa.” (MELO, 1968)
“é a unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração.” (BECHARA, 2000)
“é o ser sobre o qual se faz uma declaração e o predicado é tudo aquilo que se diz sobre o sujeito”. (CUNHA e CINTRA, 2007)

Percebemos, nessas definições, praticamente o mesmo critério de classificação. Pontes (1986), no livro “Sujeito: da sintaxe ao discurso”, afirma que as gramáticas⁴ utilizam essencialmente a mesma definição, que se baseia no critério de tópico. Já em relação aos falantes, a partir de uma pesquisa com professores de Língua portuguesa da UFMG, em que

⁴Entre as gramáticas consultadas estão as de Ernesto Carneiro Ribeiro, Carlos Henrique Rocha Lima, Antenor Nascentes, Saïd Ali, Napoleão Mendes de Almeida, Gladstone Chaves de Melo e Evanildo Bechara.

se solicitava a formulação de um exemplo que apresentasse sujeito, a autora constatou que a ideia predominante de sujeito é a de “ser que pratica a ação”, já que os exemplos apresentavam sujeito agente combinado com verbo de ação. Portanto, os falantes usam o critério semântico.

Ao analisar os dados, Pontes (1986) conclui que não foi a partir das gramáticas que os participantes da pesquisa privilegiaram o traço *agente* na identificação do sujeito, pois entre as 10 gramáticas consultadas, apenas a de Napoleão Mendes de Almeida contempla o sujeito como agente. Então, o conceito de sujeito mais comum entre o falante da língua pode ser entendido como algo que ele adquiriu por experiência, através do uso. Os dez participantes, ao elaborarem os exemplos que primeiro viessem à lembrança, citaram: “João matou Paulo”, “Pedro correu”, “Eunice viajou” e “O sol nasceu brilhante”, este último, o único com sujeito inanimado. Pontes (1986, p.124) concluiu que “com exceção de um, todos os sujeitos são humanos, os mais altos numa hierarquia de saliência; são, além disso, agentes (todos têm controle sobre a ação, praticada voluntariamente)”. O sujeito típico é, então, aquele que é agente e está anteposto ao verbo.

Por ter essa estrutura tão bem fixada, é comum que o falante tenha dificuldade em reconhecer orações com sujeito posposto ao verbo, concebendo como objeto direto o que a gramática explica ser o sujeito da oração. Pontes também aborda essa questão e nos apresenta uma pesquisa realizada por Teonila Pinto (1981), que mostra como a posição do sujeito interfere em sua identificação pelo falante.

“Nos resultados de Teonila Pinto pode-se ver também uma gradação para sujeito anteposto, nos traços humano (100% de resposta), animal (96% de resposta) e concreto (86%). Em último lugar vem abstrato (56% quando anteposto). Para ver como a posição influi, basta considerar que em posição pós-verbal a estatística é diferente: humano (80%); animal (30%); concreto (30 a 40%); abstrato (43%). (...) Em vista da baixa percentagem de escolha de sujeito posposto, pode-se concluir que os falantes só reconheceram um SN posposto como sujeito quando era humano e, principalmente, agente (com verbo transitivo). (...) Há portanto, uma correlação de fatores que pesam na identificação do sujeito. Agente é o mais importante, seguido da posição”. (PONTES, 1968, p. 122-123).

Nesse sentido, *agente* e *posição* são traços importantes, considerados pelos falantes, ao darem exemplos de oração com sujeito quando solicitados. Eles costumam colocar após o verbo o que não é agente. E, ao reconhecerem, através de leitura/observação, o sujeito em uma oração, o falante prioriza, segundo Pontes (op. cit.), o significado e não a forma. Os falantes, de maneira intuitiva, organizam esses termos.

As definições apresentadas nas gramáticas são insuficientes para o reconhecimento do sujeito. O ensino que prioriza as regras presentes na gramática e que não contempla textos diversos para que os alunos reflitam sobre os usos não pode garantir que esses alunos consigam de fato empregar os recursos da língua, compreendendo como funcionam. Dominar a gramática não quer dizer necessariamente saber a Língua. De acordo com Luft,

A boa comunicação verbal não tem nada a ver com a memorização de regras de linguagem nem com a disciplina escolar que trata dessas regras, e que geralmente, em nossas escolas toma o lugar do que deveriam ser as aulas de Português: leitura, comentário, análise e interpretação de bons textos, e tentativa constante de produzir pessoalmente textos bons. O talento de bem falar e escrever tem a ver, sim, tem *tudo* a ver com gramática. Mas com a *gramática natural*, o sistema de regras que formam a estrutura da língua, e que os falantes interiorizam ouvindo e falando. (1985, p.21)

Diante dessa assertiva teórica percebemos que há uma distância entre o que os alunos aprendem nas aulas de Português e os usos feitos em situações do seu cotidiano. Muitos alunos afirmam ter dificuldade nesse componente por estarem acostumados a aulas expositivas, e boa parte deles afirmam “não saber português.” Bagno (2000), no livro *Dramática da língua portuguesa*, apresenta oito mitos que permeiam o imaginário do falante brasileiro. Conforme o autor, pode haver até mais, mas esses oito, em particular, são os que considera mais graves, visto que são reproduzidos tanto pela prática escolar, quanto pela mídia⁵. Dentre esses mitos estão: “Português é muito difícil” e “É preciso saber gramática para escrever bem”. Sabemos que escrita e fala são diferentes uma da outra e não se trata de “certo” ou errado, mas de “certo” para determinado momento, ou seja, o falante adequa a língua para as situações de uso. A esse respeito Perini (2007), em *Gramática Descritiva do Português*, afirma:

As diferentes variedades da língua são utilizadas em situações razoavelmente bem definidas. Assim, qualquer pessoa modifica sua maneira de falar conforme esteja discutindo no bar com os amigos, ou respondendo a uma entrevista para obter um emprego. De modo geral, pode-se dizer que a variedade coloquial (ou melhor, o conjunto de variedades que chamamos “coloquiais”) é utilizada na fala; já a variedade padrão é própria da escrita. (PERINI, 2007, p.24)

⁵Bagno (2004) comenta que existe um comércio, incentivado pela mídia, que lucra com manuais que ensinam a escrever bem, apontando “erros” que devemos evitar. Um dos problemas que envolvem o ensino é que não fica claro para o usuário da língua o que é *variação linguística*, *norma padrão*, *norma culta*, o que acaba favorecendo o preconceito e os mitos de que o autor trata em seu livro. Além de favorecer essa indústria, que lucra vendendo um modelo “certo” de comunicação, a mídia acaba categorizando quem fala certo e quem fala errado.

Ainda conforme Perini (2007), como a gramática realiza uma espécie de filtro, fica evidente que ela não está aberta a considerar variedades presentes na Língua nem discutir a respeito. Parece ignorar resultados teóricos e práticos que as pesquisas linguísticas trouxeram como contribuição nas últimas décadas.

Passemos agora, a tratar do modo como os linguistas conceituam o *Sujeito*. Pontes (1986, p.150) afirma que “buscando nos mestres da linguagem o que vem a ser sujeito, encontramos orientações diversas”. Há entre eles os que não definem sujeito e deixam por conta da própria gramática e outros que expõem definições pautados pela Lógica ou Psicologia. Dias (1959) inicia o assunto explicando que em português *sujeito* é um substantivo, e ensina que, através da posição, é possível distinguir sujeito de objeto.

Keenan (1976) defende que existe um sujeito básico e não-básico, ou seja, as sentenças semanticamente básicas são aquelas cujo significado não depende de outra. Por exemplo, *José é um médico* é mais básico do que *Roberto acha que José é um médico*. Para este autor, as orações passivas são menos básicas que as ativas.

Segundo Pontes (1986), a afirmação de que existem orações básicas e não-básicas é feita apenas por quem faz essa separação, no entanto, tudo depende da escolha do falante quando deseja transmitir informações; assim, uma oração não parte de uma outra anterior a ela. Para a autora, é o falante que escolhe a maneira que deseja organizar o pensamento, dependendo do que quer transmitir e o efeito que quer provocar com a mensagem. Dessa forma, acrescenta a autora, em relação a quem entende a oração interrogativa como uma transformação da declarativa: “o falante é que, se quer fazer uma afirmação, escolhe a forma afirmativa. Se quer fazer uma pergunta, escolhe a forma interrogativa. Nenhuma é derivada da outra” (PONTES, op.cit., p.164).

Lyons (1977) defende uma concepção parecida com a de Dias. Para ele, em toda língua haverá uma correlação entre as classes de palavras e as funções sintáticas de sujeito, predicado, objeto, etc. Ele também discute definições para o sujeito dentro dos campos *gramatical*, *lógico*, *temático* e *psicológico*. Destacaremos o último, em que, ao tratar de aspecto cognitivo, o autor esclarece que, em uma escala, há uma saliência psicológica na mente do indivíduo e é isso que o leva a se interessar mais por pessoas do que por animais. Por exemplo, embora apresente a mesma informação, o enunciado “Um homem foi mordido por uma abelha” parece ser mais interessante para o falante do que “Uma abelha mordeu um homem”.

Analisando essas orações, percebemos que a primeira está na voz passiva e a segunda, na voz ativa. Na estrutura ativa, o constituinte “Uma abelha”, semanticamente agente, é o

sujeito gramatical e “um homem”, paciente e objeto direto. Na estrutura passiva analítica, “Uma abelha” passou a ocupar o lugar de agente da passiva e “um homem”, que continua sendo o “paciente”, ocupa o lugar de sujeito. O falante passa ao seu interlocutor a mesma informação através das duas orações, apenas fez a escolha de priorizar em um dos casos (na voz passiva) o sujeito *animado* (um homem).

Ao introduzir o assunto das passivas analíticas e passivas sintéticas, Duarte (2003), em *Gramática da Língua Portuguesa*, assim explica os papéis temáticos:

Considerem-se os seguintes exemplos: 1(a) O Luís ofereceu o livro à Maria. 1(b) O livro foi oferecido à Maria pelo Luís. Os exemplos apresentados em (1) descrevem essencialmente o mesmo tipo de situação e obedecem às mesmas condições de verdade. Desde a tradição gramatical greco-latina que se considera que a diferença entre (1a) e (1b) reside na **diátese**, ou seja, no modo como é perspectivada a situação descrita pela frase: em (1) tal situação é perspectivada a partir da entidade com o papel temático externo, enquanto em (1b) se perspectiva a situação descrita pela frase a partir da entidade com o papel temático interno (directo). No primeiro caso, a frase é uma **diátese activa** e, no segundo, uma **diátese passiva**. (DUARTE, 2003, p.521)

A autora traz outros exemplos para explicar que duas orações podem descrever a mesma situação. O que as diferencia é o *papel temático* que se deseja evidenciar quanto aos argumentos interno e externo. A forma apresentada em 1(a) é mais comum e parece ser mais aceita pelo falante; em 1(b) “livro”, que é menos animado, ocupa lugar de sujeito. Se compararmos as duas estruturas, confirmamos a posição de Lyons (1977), de que temos mais interesse por pessoas do que por animais, nesse caso, o livro estaria numa posição de menos interesse em 1(a), por ser menos animado. É interessante notar que, mesmo com a troca de posições, se pedíssemos ao falante para identificar o sujeito na oração 1(b), haveria maior escolha para o agente “Luís”, visto que o traço agente influencia na identificação do sujeito, como comprovou a pesquisa de Teonila Pinto (1981).

Apresentados os conceitos sobre sujeito e os aspectos que envolvem seu uso e identificação por parte do falante, partimos agora para o conceito de *vozes verbais*, conforme diferentes gramáticos, e, logo após, das *passivas sintéticas* e *passivas analíticas*.

2.2 Vozes verbais e suas subdivisões

Tratar das estruturas classificadas como passivas sintéticas (ou pronominais) e do papel do tópico “sujeito” nesse contexto estrutural, requer a compreensão da noção de vozes

verbais. Segundo Almeida (1955, p.174), a voz situa “o verbo com relação ao sujeito. (...) Da mesma forma, “voz verbal” assim se define, de acordo com Melo (1978, p.83), “aspecto verbal caracterizado pelo papel do sujeito relativamente à ação expressa. Se o sujeito é visto como praticando a ação, a voz se diz ativa; se ele é visto como sofrendo a ação, a voz se diz passiva”.

Bechara (1999, p. 222) chama a atenção para não se confundir as noções de voz passiva e *passividade*, pois Voz é “a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação” e cita como exemplos: “Ele foi visitado pelos amigos”; “Alugam-se bicicletas”. Passividade, por outro lado, “é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo: Os criminosos recebem o merecido castigo”. Ainda de acordo com este autor, na voz ativa, o verbo se apresenta numa forma que normalmente indica que a pessoa a que se refere é o agente da ação; enquanto na voz passiva, a forma como o verso se apresenta indica que a pessoa é o objeto da ação verbal; logo, diz-se paciente da ação verbal, como no exemplo “A carta é escrita por mim”.

Nos termos de Kury (1991, p.33), a voz ativa “é a forma habitual que reveste o verbo transitivo direto pra denotar que o sujeito (claro, elíptico, ou indeterminado) é AGENTE, isto é, executa ou pratica a ação que exprime, como ocorre no exemplo Caim (sujeito = agente) matou (ação = verbo na voz ativa) Abel (objeto direto = paciente)” (grifos do autor).

Particularmente sobre a passiva, para Mendes de Almeida (1955, p.174), o verbo passivo é o que expressa uma ação sofrida, recebida pelo sujeito; o sujeito, nesse caso, diz-se paciente ou recipiente da ação verbal”. O autor ressalta que não há diferença em dizer “verbo passivo” ou “verbo da voz passiva”, bem como “verbo ativo” ou “verbo da voz ativa”. Com relação à voz, ele se refere apenas à passiva analítica: “Nas orações passivas, a pessoa ou a coisa que pratica a ação aparece sob a forma de complemento, o qual se chama complemento agente (...): “O caçador foi morto pelo tigre”. Afirma também que “verbos intransitivos não podem passar para a passiva; não é possível apassivar verbos que não têm recipiente”.

Quanto às formas de identificação, de acordo com o autor, a passiva se apresenta sob as três seguintes formas: a) verbo *ser*, *estar* e *ficar* e o particípio passado de verbos ativos, como: *ser visto*, *estar (ficar) preso*, etc.; b) mediante o emprego de pronome se (partícula apassivadora): “Alugam-se casas”; c) a partir do emprego de verbos ativos que, estando no infinitivo, funcionam como complemento de adjetivos: “Osso duro de roer” (Osso duro de ser roído), “Estrada difícil de passar”, etc.

Melo (1978, p. 83) faz menção à perífrase verbal para expressão da voz passiva: “combinação, em que figura como auxiliar do verbo ser, ficando o verbo principal no particípio passado: sou amado, era amado...”. O gramático ensina que “construções com o pronome pessoal átono coerente com o sujeito: “batizei-me”, “crismeime” (=fui batizado; fui crismado)”, também tem valor passivo. O autor não se refere à passiva sintética, comenta sobre a voz reflexa, “aquela em que o sujeito é agente e paciente ao mesmo tempo”.

Segundo Lima (1972, p. 123), a voz passiva é formada por “verbo auxiliar *ser*, conjugado em todas as formas, seguido do particípio do verbo que se quer apassivar” (“Sou louvado”, “És louvado”, etc.). O autor não explica sobre a divisão da voz passiva em analítica e sintética.

Kury (1990) diferencia dois tipos de passiva: a passiva com auxiliar e a passiva pronominal, que correspondem às estruturas analítica e sintética. Esse autor conceitua a voz passiva analítica como “a forma composta, com auxiliar, que o verbo transitivo direto assume para exprimir que o seu sujeito é PACIENTE, isto é, recebe ou sofre ação: Abel (sujeito = paciente) foi morto (ação = verbo na voz passiva) por Caim (agente da passiva)”. E a passiva pronominal consiste em uma construção sintética, “em que à forma do verbo na voz ativa se acrescenta, para indicar passividade, o pronome *se*”. Segundo o autor, esta forma pede complemento de verbo transitivo direto, agente (sujeito) indeterminado e paciente (objeto direto) representado por um ser inanimado, que é incapaz de praticar a ação verbal: “Construíram-se muitos edifícios”. O gramático acrescenta que “no caso de paciente representado por um ser animado, em vez de passividade, a construção pronominal poderá também indicar reflexibilidade, ou reciprocidade: ‘Salvaram-se todos nadando’” (KURY, op.cit. p. 34 - 35).

Conforme Kury, inicialmente, a construção com um verbo acompanhado do pronome *se* era considerada reflexiva, mas passou a significar passividade, quando com verbos transitivos diretos, em orações providas de sujeito. Com a evolução da língua, esse uso se ampliou para todos os tipos de verbos, mas em frases sem sujeito determinado, como em: “Também se morre de amor”, “Obedeça-se às prescrições”, “Nunca se é excessivamente bom”. Ele explica ainda que, na tradição da gramática latina, erroneamente, essa construção era chamada de passiva impessoal: passiva quanto à forma do verbo, impessoal por ser desprovida de sujeito.

O gramático informa que a passiva pronominal poderia ser classificada como pessoal (com sujeito: “Ouviram-se amplos bocejos”) e impessoal (sem sujeito: “Já não se falava, gritava-se”). Para ele, seria mais adequado dizer que se trata de uma construção na qual há

uma “conjugação pronominal de sujeito indeterminado”. Ocorreu que a frequência de uso do pronome *se* para indicar indeterminação do sujeito junto a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação (Vive-se bem aqui; Precisa-se de uma secretária; Nunca se é excessivamente bom.) se estendeu aos “próprios verbos transitivos diretos, desde que empregados com objeto direto preposicionado, ou intransitivamente e cita alguns exemplos: ‘Admira-se a Bernardes’; entre outros.” (KURY, 1990, p. 37).

Segundo o autor, o “uso vulgar estende esse emprego até os verbos transitivos diretos sem objeto preposicionado, a exemplo de ‘Conserta-se relógios’, construções que contrariam a norma vigente na boa linguagem literária.” E informa que “apesar disso, já se encontram exemplos literários, como este de Aluísio Azevedo: ‘Como que se sentia ainda na indolência da neblina as verdadeiras notas da última guitarra da noite antecedente...’” (KURY, 1990, p. 38).

Em síntese, percebemos que alguns gramáticos não citam a voz passiva sintética, mas a maioria é unânime no conceito de passiva como indicativa de que o sujeito sofre ou recebe a ação. Na visão desses autores, o “se” não tem função de sujeito, essa é uma regra que vigora desde a tradição latina. Em orações como “Alugam-se casas”, *casas* é o sujeito paciente e “se” é partícula apassivadora, a forma equivalente é “Casas são alugadas”.

Chamamos a atenção para a abordagem de Kury (1990) a respeito da passiva sintética, pois ele comenta sobre sujeito indeterminado. O autor é o único a abordar essa questão e esclarecer que os falantes consideram construções em que o “se” é apassivador como sendo sujeito indeterminado. Ou seja, o autor considera em sua explanação as formas já usadas pelos falantes. O gramático diz que esse uso é vulgar, mas reconhece que essa forma pode ser encontrada na literatura, apresentando um exemplo retirado de uma das obras de Aluísio Azevedo. Essa é a questão que envolve a complexidade do uso da voz passiva sintética, tema em discussão nessa pesquisa.

2.3 A voz passiva sob o olhar de gramáticos/linguistas

Câmara Jr.(1968, p. 276) diz que a *voz passiva* é “uma formulação dos verbos transitivos em que se inverte a formulação corrente dita voz ativa. É assim uma transformação da voz ativa, em que se torna sujeito o que na voz ativa é complemento objetivo”. De acordo com ele, existem no português, duas construções passivas, a passiva analítica, formada pelo verbo auxiliar *ser*, em qualquer tempo verbal e um particípio passado e a médio-passiva,

também chamada sintética, constituída pelo verbo da 3ª pessoa da forma ativa mais o pronome “se” na função de apassivador.

Para o autor, há duas diferenças básicas entre esses dois tipos de passiva. A) A voz passiva analítica pode ser formulada em qualquer pessoa gramatical, mas a médio-passiva só se formula na 3ª pessoa, que corresponde a 3ª pessoa do pronome oblíquo *se*. Torna-se, assim, inadequado considerar construções como *batizei-me*, como médio-passiva. B) A voz médio-passiva não permite que o agente seja expresso como complemento no predicado (*o discurso é ouvido por todos com atenção*, na médio-passiva: *ouviu-se o discurso com atenção*), tornando essa explicação artificial no português clássico.

Câmara Jr. (1968) afirma que a médio-passiva se aplica a sujeito cujo ser é inanimado, e a sujeito animado, quando percebemos pelo contexto que se trata de paciente. Explica ainda como acontece a degradação do sujeito na médio-passiva, chegando até o seu desaparecimento: 1- através da regência da preposição expletiva, comum na língua literária: “*a Bernardes admira-se e ama-se*”; 2- pela invariabilidade do verbo que acontece na língua popular: “*se nota pelos mareantes os perigos do mar*”; 3- com a extensão da construção aos verbos intransitivos, em que não há paciente que sirva de sujeito: “*vai-se bem por aqui*”. Assim, para o autor, chega-se a uma forma passiva com caráter impessoal, que em português se limita à médio-passiva (passiva sintética).

Sobre *passividade*, o autor explica que ela se configura na forma de paciente que um sujeito apresenta em relação ao verbo: “Não raro, a passividade decorre da significação do semantema verbal e manifesta-se na própria voz ativa: *O meliante apanhou uma surra — Este menino aprende com um bom professor — O funcionário recebeu uma censura*”. Conforme Câmara Jr., não há uma coincidência absoluta entre forma passiva e passividade, mas ele considera, por outro lado, que existe na voz médio-passiva de verbos intransitivos uma passiva impessoal, no qual o processo verbal é considerado em si mesmo, sem a existência de um paciente como sujeito que recebe a ação, ou seja, passivo.

Já Luft (1979, p.132) explica que voz passiva é “quando o sujeito sofre a ação, segundo se exprima com ser (estar, ficar (v)ir...) + particípio ou pronome *se*: *O lobo foi ferido; feriu-se o lobo*”. Informa ainda que a voz passiva pode ser representada por auxiliar mais particípio: “Ele é *estimado* pelos colegas”, e com o pronome apassivador *se* junto a verbos transitivos diretos: “*Consertam-se calçados*”. O autor diz:

“Mais acertado é considerar ativa essa conjugação — o que corresponde: (1) ao sentimento dos falantes (*conserta-se calçados, vende-se terrenos* — é

como se usa na fala espontânea) e (2) à colocação dos termos (a posição pós-verbal é a do paciente) e (3) evita o divórcio dessas construções com a dos verbos não transitivos diretos (*precisa-se de, trabalha-se de, corre-se, pula-se*), que seria absurdo considerar passivos. Aqui, como ali, temos a idéia de “sujeito indefinido”, formalizada no *se*, que pode, pois, tranquilamente, ser analisado como sujeito (Aqui – se – trabalha = Aqui – **a gente** – trabalha). A flexão plural do verbo (vendem-se terrenos), no padrão culto escrito, pode-se explicar como mera “servidão gramatical – nem sempre observada – ou por atração”. [grifos do autor] (LUFT, 1979, p.132)

Percebemos, diante disso, uma distinção de nomenclatura na proposta de Mattoso - a passiva sintética é nomeada como médio-passiva. Passemos a tratar da proposta de Neves (2000), na *Gramática de Usos do Português*⁶. Para ela, “a locução verbal de voz passiva é formada com o verbo *ser* e o particípio do outro verbo: “Foi morto com um tiro na nuca”. Ainda é possível a formação de voz passiva que indique estado, usando-se o auxiliar *estar*, como em: “O Pacaembu *está interditado*”.

Sobre estruturas com o pronome *se*, Neves (2000) explica que “Tipicamente genéricas, isto é, de sujeito maximamente indeterminado, já que todas as pessoas do discurso ficam abrangidas, são as construções de terceira pessoa do singular com o pronome *se* do tipo de: ‘Pensa-se em reduzir as importações fomentando a produção interna no setor manufatureiro’” (p.465). Essas construções apresentam verbos intransitivos, ou verbos de complemento preposicionado, visto que, “com verbos que se constroem com objeto direto, a construção com o pronome *se* tem valor passivo. (...): *Entre os papéis, encontra-se um documento sobre a exploração do urânio em Minas Gerais*”.

Na *Gramática da Língua Portuguesa*, de Mira Mateus et al⁷. (2003), a voz passiva é definida a partir de dois exemplos: 1a) “O Luís ofereceu o livro à Maria” e 1b) “O livro foi oferecido à Maria pelo Luís”. A primeira oração é uma construção *ativa* e a segunda, *passiva*. Para Duarte et al. (2003 p.521) as orações “descrevem sensivelmente o mesmo tipo de situação e obedecem às mesmas condições de verdade”. O que diferencia uma da outra é a perspectiva em que se coloca o *agente*, se no papel temático externo, como em (a), ou no papel temático interno, como em (b). A esse fenômeno ela dá o nome de *diátese ativa* e *diátese passiva*.

⁶Trata-se de uma gramática que, segunda a autora, aborda a língua viva, em funcionamento, assim, parte dos próprios itens lexicais e gramaticais da língua e explicita o seu uso em textos reais.

⁷Trata-se, segundo as organizadoras, de “uma nova edição amplamente revista, com maior pendor descritivo, com um estilo menos tecnicista e com uma cobertura linguística mais ampla.” Quanto ao caráter da obra: “ela não é uma gramática normativa, ou seja, não é um instrumento que regule o bom uso da língua. O seu objetivo consiste na apresentação de descrições e análises (...) de aspectos da língua portuguesa”. [grifo das autoras]

Segundo a autora as formas de expressão da diátese passiva variam inter- e intralinguisticamente”. Na língua portuguesa há formas passivas como nas orações: 2a) “Os artigos publicaram-se no último número da revista”; 2b) “Os artigos estão publicados no último número da revista”. As autoras denominam as duas formas passivas no português como passiva **sintáctica** (ou perifrástica, que outros autores vão chamar de *passiva analítica* e **passiva de –se**, também denominada por outros gramáticos de *passiva sintética*).

Sobre a *passiva sintáctica*, retomando os exemplos em 1(a) e 1(b), “se relacionam de forma sistemática” com estruturas ativas, que pode ser descrita da seguinte forma:

(i) o constituinte com a relação gramatical de sujeito da passiva, tem, na activa correspondente, a relação gramatical de objectodirecto; (ii) o constituinte introduzido pela preposição *por* na passiva, a que chamaremos **sintagma por**, tem, na activa correspondente, a relação gramatical de sujeito; (iii) existe constância de papel temático entre sujeito da passiva e objectodirecto da activa correspondente e entre sintagma *por* e sujeito da activa correspondente; (iv) ocorre na passiva uma forma auxiliar *ser*, ausente da activa correspondente, seguida de uma forma participial; (v) a forma participial presente na passiva concorda em género e número com o sujeito. (DUARTE et al., 2003, p. 522)

Em seguida, ao tratar das *passivas de –se*, a autora pontua que a tradição as classifica como passivas pronominais ou reflexas, e ao contrário das passivas sintáctas, essas têm o argumento interno em terceira pessoa gramatical. Após citar os exemplos: 44 (a) e 44 (b), respectivamente: “Os artigos publicaram-se propositadamente no último número da revista” e “O canivete usou-se para cortar o pão”, comentam sobre a concordância entre o sujeito e verbo nessas estruturas:

(...) o constituinte interpretado como argumento interno directo do verbo tem relação gramatical de sujeito, como se pode ver pelo facto de ser ele que controla a concordância verbal – compare-se (44) a (45): 45 (a) *Esse artigo publicou-se* no último número da revista; (b) *Os três canivetes usaram-se* para cortar o pão. (DUARTE, 2003, p. 531)

Sobre o fato de as passivas de –se possibilitarem uma dupla interpretação pelo falante, ela explica que essas construções “são sistematicamente ambíguas entre uma interpretação de passiva de –se e de frase activa com –se nominativo: 50(a) Descobriu-se uma fuga no reactor nuclear. Int. 1: Foi descoberta uma fuga no reactor nuclear”. (DUARTE et. al. 2003, p. 533). Já, na versão de 1989 da obra, conforme lemos em D’avila (2006), as autoras chegam a

afirmar que consideram a passiva de –se “uma estratégia de supressão ou ocultação do agente, que envolve a externalização de um argumento interno do verbo a partir do qual é formado o particípio passado”.

Perini (2007), na *Gramática Descritiva do Português*⁸, apresenta algumas regras de interpretação semântica que servem para descrever as funções sintáticas de muitos verbos. Sobre a relação entre *agente* e *sujeito*, afirma que existem 3 regras: o *objeto direto* é interpretado como paciente (R1); o *atributo* (com a preposição *com*) é interpretado como instrumento (R2); e o *sujeito* é interpretado como agente, instrumento ou paciente (R3). Esclarece que é preciso aplicar as regras nessa ordem e o agente “precisa denotar um ente animado”.

Para Perini, o grupo das passivas pede um tratamento especial, sendo o principal problema a introdução do *agente* na representação semântica das sentenças. Sobre a definição das estruturas, o autor diz que: “Se a estrutura contém predicado composto do verbo ser + particípio, é uma estrutura passiva. Caso contrário, é uma estrutura ativa” (p. 269). Cada tipo de estrutura segue um conjunto de regras de interpretação. As ativas seguem as Regras 1 a 3 mencionadas anteriormente. Para as estruturas passivas, Perini estabelece novas regras:

Regras para interpretação das estruturas passivas (regras P)

Regra 1-P (R1-P): O adjunto circunstancial (com *por*) se interpreta como agente.

Regra 2-P (R2-P): Introduzir “agente não especificado” na representação semântica das passivas, caso essa representação não inclua “agente”.

Regra 3-P (R3-P): O sujeito se interpreta como paciente. (PERINI, 2007, p. 269, grifos do autor)

Como exemplo de aplicação desse mecanismo, apresenta a oração: *Meu livro foi rasgado* e explica que se trata de uma estrutura passiva, visto que seu predicado é composto de *ser* + particípio. Ensina que, nesse caso, não se aplica a aplicação de R1-P, pois não há adjunto circunstancial com *por*. Mas se no lugar dessa tivéssemos “Meu livro foi rasgado pelos garotos”, o constituinte “pelos garotos” teria papel de agente.

Sobre a aplicação da regra R2-P, explica que a frase tem uma representação semântica que não inclui agente, sendo assim, o agente é “não-especificado”. E conclui com a regra R3-P, que considera o sujeito, *meu livro*, como paciente.

⁸Perini (2007, p.17) explica que a sua gramática apresenta uma nova proposta com o objetivo de “discutir pontos relativamente bem compreendidos e ao mesmo tempo olhar para frente, identificando problemas a estudar”.

De acordo com Perini (2007), as passivas devem ser interpretadas por um sistema separado devido a “uma contingência do precário estado de nosso conhecimento no assunto” e é preciso buscar meios de integrar a interpretação das passivas no sistema geral de interpretação. Ao examinar o caso de frases “impessoais”, como: ‘Quebraram meu relógio’ e ‘Come-se pizza no Natal’, diz sobre a primeira que, como não é uma estrutura passiva, devemos aplicar o primeiro conjunto de regras. Ao aplicarmos R1, o objeto direto, *meu relógio*, recebe o papel semântico de paciente. Como não há atributo, R2 não se aplica. Em relação à R3, surge um problema: se a frase não tem sujeito, R3 não se aplica. O autor explica que a representação semântica não terá agente, no entanto, “isso vai contra nossa intuição”. Entendemos que há um agente, pois, o relógio não se quebrou sozinho. Nesse caso, afirma o autor, que há uma falha nesse sistema de regras até aqui estabelecido, mas que podemos saná-la criando um outra: **Regra 4 (R4) introduzir “agente (não-especificado)” na representação semântica de frases com NdP na 3ª pessoa do plural, sem sujeito.** (PERINI, 2007)

Sobre a segunda frase, *Come-se pizza no Natal*, o autor explica que esse tipo de oração apresenta dificuldade por não ter análise clara; não fica claro qual é o sujeito – se é pizza ou se é uma oração sem sujeito – e informa que isso acontece porque há muita flutuação entre falantes e escritores quanto ao uso do verbo no singular ou plural, ou seja, sobre como dizer: *Come-se pizzas no Natal* ou *Comem-se pizzas no Natal*?

Para os gramáticos normativos, a estrutura correta é a segunda e muitas pessoas a usam, mas, para Perini, esse fenômeno é puramente escolar, pois não crê que as pessoas aprendam nativamente a produzir estruturas como essa. Segundo ele, a gramática do português que considera apenas essa forma como correta e julga a outra como incorreta está escondendo fatos e perdendo tempo.

Para interpretar as frases, o autor se utiliza das regras estabelecidas e explica que a maneira de incluir “Come-se pizzas no Natal” é estender R4, de forma que “introduza o agente especificado na representação semântica de frases com NdP na terceira pessoa mais – se” (PERINI, 2007, p. 271). Desse modo, temos a seguinte interpretação: R1 confere o papel de paciente ao objeto direto (pizzas). Como não existe atributo ou sujeito R2 e R3 não se aplicam. R4 introduz o papel de agente (não-especificado).

Em relação à frase “Comem-se pizzas no Natal”, a grande diferença é que o paciente (pizzas) é sujeito, isso se confirma pela concordância com o verbo. Nesse caso, podemos aplicar as regras P, próprias para estruturas passivas, como maneira mais fácil de interpretar essa oração. A regra R1-P não pode ser aplicada, porque não há adjunto circunstancial; R2-P

introduz um agente não-especificado; e R3-P atribui ao sujeito (pizzas) o papel de paciente. Segundo ele, essa é também uma forma de se obter a interpretação correta.

Questionado sobre qual das duas análises melhor se aplicaria, o autor diz que depende de que estrutura se está interpretando. Se for verificado que no português atual só existe a primeira estrutura (Come-se pizzas no Natal) e não a segunda (Comem-se pizzas no Natal), a análise correta será a primeira e “teremos que estender R4 para introduzir agente não-especificado também em casos de 3ª pessoa do singular mais *-se*”. Mas se verificarmos que apenas a segunda existe, teremos que estender a ação das regras P a essa construção. E se as duas coexistirem no português atual, devemos fazer o uso das duas regras e suas respectivas modificações.

Ao tratar da presença do agente nas representações semânticas, afirma que a análise proposta pediu que fossem levados em conta agentes de duas fontes, e diz:

em alguns casos, “agente” é o papel semântico atribuído a um sintagma explícito, formalmente presente na estrutura; em outros casos, o papel de agente foi introduzido em uma representação semântica sem se vincular diretamente a nenhum constituinte formal (embora, naturalmente, essa introdução sempre seja controlada por algum traço formal; por exemplo, pela presença de um NdP sem sujeito e na terceira pessoa do plural) (PERINI, 2007, p. 272)

Explica ainda que em alguns casos, por outro lado, não existe a introdução de nenhum agente na representação semântica. Desse modo, a análise atribuiu a “Meu livro foi rasgado” um agente não-especificado, mas não atribuiu nenhum agente à representação semântica de “A vidraça quebrou”. A primeira razão para a diferença de tratamento refere-se à intuição dos falantes. Na primeira oração (Meu livro foi rasgado) é possível subentender que há um agente por trás da ação, visto que a interpretação que surge primeiro não é a de um rasgamento acidental. Já em “A vidraça quebrou”, a interpretação é de que não há um agente para o acontecimento. Segundo Perini, a primeira foca em uma ação, a segunda em um simples acontecimento. A outra razão apresentada para diferenciar essas estruturas em termos de presença de um agente é que certos elementos cujo significado é tal que só podem ocorrer se a frase inclui um agente em seu significado. Um desses elementos, chamados de *adverbiais orientados para o agente* é a palavra “propositalmente”.

Em “Marília fechou a janela”, que exprime ação, aceita o acréscimo de propositalmente, e outros elementos citados pelo autor, como: *para me incomodar, sem*

querer, etc. No entanto, em “Marília me parece muito gorda”, o acréscimo de um desses elementos provoca um efeito estranho.

Os autores citados, ao conceituarem as construções na voz passiva, consideram tanto os aspectos sintáticos como os semânticos e apresentam críticas à maneira como gramáticas tradicionais taxam de erradas as formas utilizadas pelos falantes em situações reais de uso. Essas formas utilizadas pelos falantes para se expressar e que acabam modificando estruturas da língua são motivo de discussão entre linguistas, tema desenvolvido na seção seguinte.

2.3.1 As passivas sob o viés de alguns linguistas

Dividiremos esta seção do trabalho em dois grupos, o primeiro contempla autores que seguem uma linha variacionista, como Pontes (1986), Bagno (2004), e Bravin(2012) e Vieira e Freire (2016). No segundo, os autores Indursky (1993) e Possenti(2011), tratam sobre o tema das passivas através da perspectiva da Análise do discurso (doravante AD).

2.3.1.1 Uma abordagem variacionista

Apesar de seguirem correntes diferentes, alguns com o viés formalista, outros variacionista, os autores citados nesta seção e na anterior possuem ideias convergentes sobre as estruturas denominadas passivas sintéticas, divergindo do ponto de vista das gramáticas que tratam o “se” em tais estruturas como apassivador. Sobre isso, Monteiro (1994) afirma que vários estudiosos consideram que o “se” deva ser interpretado como recurso de indeterminação que a língua oferece ao falante e “embora as nossas gramáticas continuem a considerá-lo apassivador junto a verbos transitivos diretos, não é de agora que se propõe uma reanálise em termos mais coerentes.” (p.106)

Bagno (2004), em *Português ou Brasileiro?*, afirma ter uma posição teórica muito bem definida sobre o que a tradição gramatical chama de “orações passivas sintéticas” ou “passivas pronominais”. Ele as denomina de *pseudo-passivas* (pseudo é “falso” em grego), pois considera que elas não existem, são um “verdadeiro mito”. Só considera passivas no português brasileiro as *passivas analíticas*: “orações formadas pelo verbo ser (e, mais raramente, outros verbos: estar, ficar, vir, etc.) seguido de um particípio passado. (...): (1) A velha casa *foi demolida* e em seu lugar *foi erguido* um edifício moderno.” (p.125)

O autor, para negar a existência de passivas sintéticas, menciona que já na primeira edição de *Dificuldades da língua portuguesa* (1919), de Said Ali, consta uma análise do problema de classificação do “se” nas passivas sintéticas, decidindo o autor por atribuir a ela

“uma incontestável função de *sujeito*”. Na visão de Said Ali (1919, *apud*. Bagno, 1961, p. 125), é possível atribuir função de sujeito ao *se*, “se fizermos abstração da gramática e, procedendo unicamente à análise psicológica, considerarmos que os termos psicológicos só têm que ver com as ideias que as palavras atualmente simbolizam”. Para Bagno, enquanto Said Ali tenta reunir os critérios semântico e pragmático, para analisar o problema, os gramáticos prescritivistas só consideram o critério sintático e é daí que decorre a incoerência.

Bagno (2004) cita dois enunciados para examinar a função do *se*: (1) Lá em casa **se lê** muito; (2) Lá em casa **se lê** muito jornal. Segundo ele, os gramáticos interpretam *se* como referente a alguém que não queremos ou não desejamos determinar; logo o *se* é marca de indeterminação. Já em (2) o *se* chama-se *partícula apassivadora* e o constituinte *jornal* é o “sujeito” da oração. No primeiro caso, o critério de classificação usado pelos gramáticos é o semântico, enquanto em (2), o critério usado é o sintático, com base na história das línguas, pontuando que no *latim* o *se* não podia ser sujeito da oração.

O autor afirma que isso é um paradoxo, pois, estão sendo propostas duas explicações diversas para o mesmo fenômeno, além do que não falamos *latim* no Brasil. Destaca que a única diferença entre as estruturas é que em (1) o verbo é intransitivo, e em (2) o verbo é transitivo direto. Considera que nas duas o *se* marca a indeterminação do sujeito e em (2) “jornal” funciona como objeto direto de “ler”.

Para Bagno (2004, p.126), os autores desconsideram o aspecto semântico, pois nas orações desse tipo “os verbos presentes são sempre verbos que só podem ser praticados por um sujeito com traço semântico [+humano]”. Assim, só humanos podem praticar a ação de ler jornal, “assim como em aluga-se salas, joga-se búzios, vende-se ovos (...) etc.” Considerando isso, temos a evidência semântica que faz com que os falantes mantenham o verbo no singular, fazendo-o concordar com o sujeito indeterminado, indicado pelo *se* na oração.

A concordância do verbo quando acompanhado do pronome *se* também vem sendo desrespeitada em textos escritos mais elaborados. Por isso, Bagno refuta a afirmação de que essa é uma forma que só se encontra na fala. Para ilustrar esse fato, apresenta dois exemplos – um referente a um comentário da escritora Marilene Felinto sobre a poesia de Manoel de Barros, exposto na FSP, 29/04/200, p.5-12; e outro, um trecho de *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, escritor considerado exemplo de uma prosa requintada e elaborada. Na Seguem os dois exemplos:

‘(1) Inaugurar linguagens, dar concretude de imagem (de coisa) ao incorpóreo, preencher com isso *as faltas* todas que *se sente* neste mundo –

porque “tem mais presença em mim o que me falta” –, reside nisso o gênio da poesia Manoel de Barros [...]’

‘(2) Salta-se do trem; *transpõe-se poucas centenas* de metros entre casas deprimidas [...]’. (BAGNO, 2004, p.127)

Observemos um trecho do conto *O colocador de pronomes* (1924) de Monteiro Lobato, no qual, de forma bastante humorada, Lobato trata do uso do *se* e faz uma crítica a respeito das regras que parecem não se adequar às verdadeiras necessidades dos falantes. O texto conta a história de Aldovandro Cantagalo, professor e defensor de que as pessoas devem seguir fielmente as regras da gramática. Ele passa a vida tentando resgatar a beleza da norma, mas não encontra quem possa apoiá-lo. Destacamos um trecho da conversa entre Aldovandro e o dono de um estabelecimento:

Andou pelas ruas examinando dísticos e tabuletas com vícios de língua. Descoberta a “asnidade”, ia ter com o proprietário, contra ele desfechando os melhores argumentos catequistas.

Foi assim com o ferreiro da esquina, em cujo portão de tenda uma tabuleta - **“Ferra-se cavalos”** - escoicinhava a santa gramática.

- Amigo, disse-lhe pachorrentamente Aldovandro, natural a mim me parece que erre, alarve que és. Se erram paredros, nesta época de ouro da corrupção...

O ferreiro pôs de lado o malho e entreabriu a boca.

- Mas da boa sombra do teu focinho espero, continuou o apóstolo, que ouvidos me darás. Naquela tábua um dislate existe que seriamente à língua lusa ofende. Venho pedir-te, em nome do asseio gramatical, que o expunjas.

- ???

- Que reformes a tabuleta, digo.

- Reformar a tabuleta? Uma tabuleta nova, com a licença paga? Estará acaso rachada?

- Fisicamente, não. A racha é na sintaxe. Fogem ali os dizeres à sã gramaticalidade.

O honesto ferreiro não entendia nada de nada.

- Macacos me lambam se estou entendendo o que v. s. diz...

- Digo que está a forma verbal com eiva grave. **O “ferra-se” tem que cair no plural, pois que a forma é passiva e o sujeito é “cavalos”.**

O ferreiro abriu o resto da boca.

- **O sujeito sendo “cavalos”, continuou o mestre, a forma verbal é “ferram-se” - “ferram-se cavalos!”**

- Ahn! Respondeu o ferreiro, começo agora a compreender. Diz v. s. que ...

- ... que “ferra-se cavalos” é um solecismo horrendo e o certo é “ferram-se cavalos”.

- V. S. me perdoe, mas o sujeito que ferra os cavalos sou eu, e eu não sou plural. **Aquele “se” da tabuleta refere-se cá a este seu criado. É como quem diz: Serafim ferra cavalos - Ferra Serafim cavalos.** Para economizar tinta e tábua abreviaram o meu nome, e ficou como está: Ferra Se (rafim) cavalos.

Isto me explicou o pintor, e entendi-o muito bem.
[\(https://contobrasileiro.com.br/o-colocador-de-pronomes-conto-de-monteiro-lobato/](https://contobrasileiro.com.br/o-colocador-de-pronomes-conto-de-monteiro-lobato/), Grifos nossos)

Nesse trecho, o autor destaca que Aldovandro considera errado o uso do verbo no singular porque este deveria concordar com o sujeito “cavalos”. Por outro lado, o responsável por ferrar os cavalos interpreta o *se* como equivalente ao sujeito, no caso ele próprio (Serafim). Logo, “cavalos” estaria ocupando o lugar de objeto, daí “Serafim ferra cavalos”. Bagno (2004) questiona o fato de determinados autores, como o dos exemplos por ele citados, poderem utilizar essas formas, enquanto os alunos de língua portuguesa não. E diz: “Se eles podem escrever assim, porque nossos alunos são obrigados a acreditar numa regra que já provou não passar de uma ilusão gramatical? Por que tantos corretores de provas de vestibular (...) continuam cobrando o respeito a uma regra que não faz sentido? (...)”

O linguista acrescenta que devido à dificuldade que as pessoas têm de lidar com essa regra, que chama de ilógica, muitas (até as que possuem domínio da língua escrita considerada culta), numa tentativa de “acertar demais”, acabam cometendo erros. Para confirmar o caso de hipercorreção, apresenta um exemplo retirado da Folha de SP, que traz a análise do resultado da pesquisa sobre a mentalidade dos jovens do Brasil na época, feita pelo jornalista Gilberto Dimenstein: ‘Não *se falam* em revoluções sociais, utopias, mas, embora desejem uma sociedade fraternal, a aposta é no individualismo’. (FSP, 28/11/1999, p. C-8)

Ao se preocupar em atender à concordância, o autor não percebe o fato de que está empregando verbo transitivo indireto seguido de preposição. Esse fato “pode resultar do policiamento excessivo daqueles que querem a todo custo, seguir à risca uma gramática normativa que prescreve regras desprovidas da mais simples lógica... a gramatical!” (BAGNO, 2004)

Bagno faz uma crítica à forma proposta nas gramáticas de verificar se a estrutura é de voz passiva, por meio da paráfrase, transformando a passiva sintética em analítica. Enunciados como “Alugam-se casas” passam a “Casas são alugadas”, tática ainda usada pelos professores. Para ele, “Não tem nada mais antipedagógico e didaticamente reprovável do que tentar ensinar alguma coisa recorrendo a ‘truques’, ‘macetes’ e ‘decurebas’, em vez de apresentar ao aluno (com clareza e coerência) a natureza do fenômeno a ser analisado. (BAGNO, op. cit., p.128)

Para o linguista, não há equivalência entre essas estruturas. Em uma investigação através do *corpus* de língua falada, percebeu a falácia da equivalência. Nas ocorrências

registradas, os falantes usaram o verbo no singular quando acompanhado do *se*, independentemente do tipo de verbo, como revelam os exemplos:

(1) “agora hoje como tenho filha médica mé/ e genro médico e tive irmão médico e marido médico e tudo isso... abolimos e que essas *plantas todas são usadas* em remédios e já *se encontra* nos remédios né?...” (RED – DID 156: 137)

(2) “só os mais gritantes é que *são... pu/ publicados* em jornal etcétera e *se controla* mas os pequenos não...”(SÃO - D2 343: 145)

Depreendemos, desses dados coletados pelo autor, que, para o falante, tanto na estrutura (1) quanto na (2) o sujeito é indeterminado, daí não estabelecer a concordância que seria esperada em (2), conforme a tradição; o falante entende as duas estruturas como semelhantes, pois também não atenta para o fato de os verbos terem transitividade distinta – um pede a preposição e outro não, daí a gramática classificar o *se* em (1) como índice de indeterminação e como apassivador em (2). Para o falante, o constituinte “os pequenos” é objeto direto, razão de não seguir a regra de concordância.

Bagno continua a discussão a respeito das *pseudopassivas* e comenta que o uso do pronome *se* como forma de indeterminar o sujeito também fica evidente em situações em que se deseja utilizar o clítico para estabelecer coesão textual. Ele cita como exemplo duas canções, uma delas é “Sonhos sonhos são” de Chico Buarque, vejamos:

Em Macau, Maputo, Meca, Bogotá
Que sonho é esse de que não *se* sai
E em que *se* vai trocando as pernas
E *se* cai e *se* levanta noutro sonho

A regra gramatical estabelece que a forma correta no terceiro verso seria: “E em que se vão trocando as pernas”, visto que a concordância deve ser seguida. Porém, Bagno afirma que “essa suposta ‘correção’ tornaria essa estrofe completamente *ilógica*, uma vez que romperia o encadeamento de verbos praticados por um mesmo sujeito indeterminado, indicado pelo pronome *se*”. Temos o mesmo sujeito de “vai trocando as pernas” para *sair*, cair e *levantar*. Passar esse verbo para o plural (se vão trocando as pernas) mudaria completamente a interpretação, fazendo de “ir trocando” um verbo reflexivo, em que a ação de pernas é praticada por ela mesma.

Ao refletir sobre esses usos, o autor destaca a necessidade de abandonarmos a análise tradicional em favor de considerar todos os fenômenos linguísticos em ação nessas estruturas. Acresce que o clítico *se* vem passando por uma revisão, em outras palavras, o pronome vem sendo usado em outras funções, como estratégia de indeterminação. Analisando o material do jornal do Estado de São Paulo, Bagno encontrou 12 ocorrências de *se* indeterminador (as passivas sintéticas) contra 84 passivas verdadeiras (as passivas analíticas). Para ele, essa preferência ocorre devido à “preferência dos autores dos textos pelos efeitos de maior clareza e rapidez de processamento da construção com o verbo *ser* (ou, mais raramente, *estar* e *ficar*) seguido de *participio passado*”. (BAGNO, 2004)

Eunice Pontes, em *Sujeito: da sintaxe ao discurso* (1986), considera que a oração passiva é mais restrita do que a ativa, mas é preciso um estudo mais complexo para entender a função que ela exerce e saber por que ela é mais restrita. Ela também explica que a passiva é um recurso para escamotear o agente. Assim, diz-se *Alguém matou Paulo* e *Paulo foi morto*, em que ocorre promoção do objeto a tópico. Não se sabe ou não se quer dizer quem matou Paulo. A autora considera que a passiva é um dos meios de alcançar esse objetivo, pois há outros recursos na língua.

Pontes (1986) acrescenta que se fizermos uma análise estatística de ocorrências (raras na língua oral) de estruturas passivas, a maioria delas é sem agente. Desse modo, quando dizemos *Sumiu uma fita*, não estamos cogitando o agente, seja porque não sabemos quem deu sumiço na fita, ou por que não é do nosso interesse acusar alguém, queremos apenas registrar o acontecimento. Em seu trabalho *A ordem VS em português* (1982), a autora cita Givón (1979), que já afirmava que a passiva era usada principalmente como um recurso para escamotear o agente na oração.

Passemos aos trabalhos que defendem a função do pronome *se* como indeterminador além de outras variantes que também assumem essa função. Esses trabalhos apontam que no Brasil existem variantes que são adotadas pelos falantes para se expressar, mas não têm sido abordadas nas aulas de gramática, apesar da comprovação de que essas formas estão na escrita monitorada.

Vieira e Freire (2016) afirmam que nas últimas décadas surgiram diversos estudos sociolinguísticos que descrevem o português brasileiro, na forma oral e escrita, permitindo um melhor entendimento da realidade linguística do Brasil, que contrasta com a descrição das gramáticas, tomadas como base pelo professor nas aulas de língua portuguesa.

Segundo as autoras, tais estudos trouxeram ricas informações e clareza sobre “o complexo jogo de inter-relações entre as variantes que convivem numa mesma comunidade

linguística” (p.81), expondo as variantes coexistentes que vão além das prescritas pela norma. Ao considerar a grande diferença entre a norma gramatical vista nas escolas e a “efetiva escrita brasileira”, a intenção das autoras é apresentar reflexões sobre as formas que não são do domínio dos estudantes e precisam ser trabalhadas em função de um letramento, no nível de leitura e produção textual. Afirmando as autoras que o estudo por elas realizado

[...] privilegia fenômenos morfossintáticos variáveis, considerando estruturas prototípicas da fala, sobretudo a culta, *versus* um quadro bastante diferenciado das construções que se encontram em textos escritos, com graus de formalidade diversos e com maior ou menos compromisso com o que seria prototipicamente categorizador da escrita padrão. (VIEIRA E SILVA, 2016, p.84)

Em outras palavras, o trabalho se baseia na análise da fala e de textos que deveriam seguir estritamente a língua culta padrão ensinada nas escolas. Se entendermos que os traços analisados são vistos desde as séries iniciais, pressupomos que o sujeito sabe utilizar esses recursos nos mais variados gêneros textuais, no entanto, não é isso que acontece. Na fala e até na escrita mais monitorada, o sujeito utiliza as variantes.

Sobre as estratégias de indeterminação, as autoras explicam que, dentre os trabalhos linguísticos que descrevem as formas de indeterminação do argumento externo na fala brasileira, está o de Duarte (2007, 2008) que apresenta a ocorrência de diferentes estratégias que concorrem com o clítico *se* e com o verbo na 3ª pessoa do plural. Duarte tomou como base a amostra do Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Oral Culta do Rio de Janeiro). Vamos observar os exemplos das diferentes variantes destacados por Vieira e Freire (2016) com base na amostra:

(a) **Clítico <se>** (05) antigamente jogava-se futebol na rua Visconde Silva. (b) **Eles** (6) *eles* deixavam na vila olímpica um monte de bicicletas. (c) **A gente** (7) hoje em dia, quando *a gente* levanta as coisas, é que *a gente* vê tudo o que aconteceu. Mas na época *a gente* não podia acreditar. *A gente* não acreditava nisso, primeiro porque *a gente* era novo. (d) **Nós** (8) agora mesmo *nós* estamos em época de festividades... (e) **Você** (9) [*você*]i quando [*você*]i viaja, [*você*]i passa a ser turista. Então [*você*]i passa a fazer coisas que [*você*]i nunca faria no Brasil. (f) **Zero** (10) [-] não *vê* mais amolador de faca. (VIEIRA E FREIRE, 2016, p. 89)

Na tabela de Duarte (2007), com o resultado das estratégias de indeterminação do argumento externo na fala, consta que nas 321 estruturas, o **se** apareceu como recurso de indeterminação em 26 (8%), a menor ocorrência foi para o **nós** que apareceu 8 vezes (2%) e a

maior foi o uso do **você**, com 140 ocorrências (44%). Depreendemos, a partir desses dados, que, mesmo em menor número todas as variantes precisam ser consideradas, pois são estratégias usadas pelo falante, por sua escolha no ato de comunicação.

Sobre a escrita, Duarte (2007) analisou textos de opinião, crônicas e reportagens publicadas pela imprensa carioca, representando o que considera como escrita padrão. A partir da amostra, são destacados os exemplos a seguir:

(a) **Clítico <e>**(11) Em nenhum outro país *se* dá mais importância ao IDH do que no Brasil. (artigo de opinião) (b) **Eles (preferencialmente nulo)** (12) [...] o assalto ao Banco Central nos reassegura que ainda [-] fazem assaltos em moldes clássicos. (artigo de opinião) (c) **A gente** (13) *A gente* pode não saber, mas a natureza sabe do que é capaz numa ínfima fração de minuto. (crônica) (d) **Nós (preferencialmente nulo)** (14) Realmente não existe mais ética neste país, nenhum princípio moral, nenhum caráter, [-] vivemos numa total inversão de valores. (artigo de opinião) (e) **Você** (15) ‘É muito chato assistir a um filme, quando *você* já conhece o final.’ (crônica) (VIEIRA E FREIRE, 2014, p. 90)

Os resultados obtidos mostram que das 268 ocorrências de estratégias de indeterminação do argumento externo na escrita, a menor ocorrência foi do **você** com 3%, o maior número de casos foi o do **nós** com 45% e o **se** apareceu 97 vezes (36%) sendo a estratégia mais usada depois do **nós**. As estratégias **A gente** e **Eles** apareceram em 5% e em 11% dos casos respectivamente. Desses dados depreendemos que a escrita sofre influência do trabalho feito na escola, pois as variantes que ocorrem menos na fala, como é o caso do clítico *se* e do **nós**, são as mais usadas na escrita⁹.

Outro trabalho a respeito das formas de indeterminação que concorrem com as que a norma prescreve é o de Angela Marina Bravin, em *Práticas de ensino do português* (2012). A autora inicialmente fala sobre a questão do estudo da indeterminação do sujeito nas escolas, destacando que as gramáticas privilegiam estruturas encontradas nos textos literários. Para ela, “é preciso olhar para as estratégias de indeterminação como um fenômeno variável”, o que não impede a explicação tradicional, pois os alunos também devem conhecer todas as formas que competem entre si.

Bravin (2012, p.76) acrescenta que nas aulas sobre variação, os professores utilizam livros didáticos cujas atividades consideram as variantes estigmatizadas “sem, contudo, levar

⁹De acordo com Duarte (2007 apud. Vieira e Freire, 2014) o uso do **a gente** e do **você** como formas de indeterminação “já começam a se implementar na escrita do PB, mas muito lentamente, e preferencialmente nas crônicas, um texto que é também opinativo, mas de natureza mais leve que os textos de opinião”. Isso mostra que textos mais monitorados estão mais próximos do que descreve a tradição.

em conta a competição entre as formas linguísticas, bem como os contextos estruturais e sociais em que eles se realizam”. É uma abordagem que deseja fazer com que os alunos respeitem as variantes regionais e sociais, sem deixar claro que a variação está presente também na escrita considerada culta, em que o grau de monitoramento é maior, como acontece em jornais, por exemplo. Para a autora, a dificuldade de o aluno compreender determinados fatos gramaticais é consequência de como esses fatos são descritos pelas gramáticas consideradas normativas. Mas é possível construir meios para que os alunos percebam que eles também se utilizam da variação na fala e no momento de produzir textos.

Sobre a discussão a respeito da indeterminação do argumento externo, Bravin (op. cit.) se baseia em dados obtidos através da pesquisa¹⁰ de Bravin dos Santos (2000), na qual ela faz uma análise de textos de alunos do ensino médio, observando as estratégias descritas por Duarte (2007). Os enunciados destacados como exemplos na escrita foram:

(a) Nós (1) *Nós* devemos deixar o país ou, pelos menos, o bairro limpo. 1ª pessoa do plural não expressa (2) Certamente quando *alcançamos* a idade adulta, nós passamos a aprender que a vida não é brincadeira. (b) Você (3) Logo o dinheiro acaba e *você* não tem de volta sua felicidade. (c) Eles (4) Às vezes penso por que *eles* não aproveitaram os colégios tradicionais? (d) 3ª pessoa do plural não expressa (5)...aproveitaram a inexperiência dos alunos nessa questão política... (e) A gente (6) Quando *a gente* passa fome, nós somos capazes de fazer qualquer coisa. (f) Se (7) Agora, só *se* vê na televisão filmes violentos. (g) Zero (8) Para ser artista, Ø precisa estudar durante anos. (2012, p.81)

Nos dados de Bravin dos Santos (2000), fica evidente que os alunos utilizaram as estratégias de indeterminação do sujeito que não constam nas gramáticas tradicionais. Dentre as 153 ocorrências coletadas, o *se*, com 13 delas, é o terceiro escolhido entre as estratégias, pelos estudantes, sendo 12 com verbo transitivo direto, como exemplificada em (7), e 1 com verbo transitivo indireto. Vejamos alguns exemplos de ocorrências com o *se* usado como recurso de indeterminação:

(11) Comprou-se muitos livros para biblioteca, mas nós estamos interessados em outras coisas. (12) Tudo bem, **compraram os livros**, mas não *se calculou* os gastos com a reforma da escola. (13) Vale lembrar também que *se descobre* muitas coisas nos livros, além de descobriremos também nossas opções. (BRAVIN,2012, p.82,83)

¹⁰ A autora cita sua pesquisa que faz parte da Dissertação de Mestrado, intitulada “O Sujeito Pronominal em Contexto de Mudança Paramétrica: a escrita de alunos do Ensino Médio” (2000).

Nessas três ocorrências (11), (12) e (13) o falante usa o *se* como indeterminador do sujeito, pois não há concordância com o sintagma posposto que está no plural, que seria o sujeito da oração conforme explicação da gramática. Em (12) temos estruturas concorrentes, o uso da 3ª pessoa do plural e a combinação de verbo transitivo direto + *se*, mostrando que são estratégias em competição.

2.3.1.2 Uma abordagem sob a perspectiva da AD

Possenti, em *Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido* (2011) comenta que, ao estudarmos a categoria sujeito, aprendemos a classificá-lo e observamos os seus exemplos, além de diferenciar uma oração com sujeito de outra com agente da passiva, mas não damos a devida importância aos efeitos que podem ser produzidos em um texto a depender do sujeito, se ele está ou não implícito, a sua posição, etc.

Com base em um trecho jornalístico, o autor comenta como a posição (política, ideológica) de quem escreve pode ser interpretada se levarmos em conta as características sintáticas. Sobre o enunciado abaixo, escrito por Eliene Cantanhêde,

(1) “A causa do MST é justa. A causa de Arafat também. Os dois movimentos simbolizam a eterna luta do pobre contra o rico, do fraco contra o forte. Ambos, porém, são identificados com a radicalização que Lula e o PT tanto se esforçam para repudiar” (Folha de S. Paulo (03/03/2002)).

O autor diz que, à primeira vista, o texto nos parece ser neutro, até simpático ao PT, mas a sintaxe revela o contrário, e isso pode até não ter sido notado pela autora. Essa outra posição fica evidente quando analisamos “Ambos, porém, são identificados com a radicalização que Lula e o PT tanto se esforçam para repudiar”, mais especificamente o trecho: ... *são identificados com a radicalização*. Uma breve análise nesse trecho diria que “se trata de uma construção passiva, cuja ativa é “Identificam a ambos com a radicalização...”, e embora o verbo ‘identificar’ não seja impessoal, aparece sem sujeito”. (POSSENTI, 2011)

Ele afirma que se aceitarmos que as passivas derivam das ativas, a posição ideológica do texto aparece, visto que não está explícito quem identifica o PT com grupos radicais. Ao não mencionarmos o agente, o texto dá a entender que a identificação do PT com os grupos não é de responsabilidade de ninguém. Em outras palavras, a opinião é dada como se fosse universal. Não se quer comprometer, desse modo, aquele que escreve o texto. O autor aponta

outro efeito ideológico do apagamento do sujeito, o de apresentar o fato como natural, produzido por nenhum agente. Vemos que esse é um recurso usado pelo usuário da língua, aquele que escreve, seguindo suas necessidades, sua intenção.

Possenti (2011) faz uma reflexão sobre como a gramática tradicional explica o “se” apassivador, a partir da comparação entre dois enunciados, um em que o “se” é indeterminador de sujeito e outro, apassivador (de acordo com a norma):

Em orações como “precisa-se de empregados”, o sujeito é “se”, e é chamado de indeterminador porque não se pode saber (ou não interessa dizer) quem é que precisa de empregador. A interpretação é intuitivamente correta. Mas em orações como “vendem-se casas” (e mesmo na variante considerada errada “vende-se casas), o que se aprende é que não há mais um sujeito *se* indeterminado, ou seja, aqui a questão não é mais sabermos ou não quem vende. Diz-se que este *se* é apassivador, ou seja, que, de fato, esta oração é passiva (casas são vendidas). O verdadeiro sujeito da oração seria “casas” e é por isso que se deve dizer “vendem-se” e não “vende-se”. Se a oração é passiva e o sujeito é “casas”, então *se* é o agente da passiva. (POSSENTI, 2011, p. 145-146)

A explicação exposta acima por Possenti está presente em grande maioria das gramáticas. O autor acrescenta ainda que aqueles que defendem essa posição dão uma dica a mais: em caso de dúvida, se é ou não uma estrutura passiva, basta observar se o verbo é transitivo, se for, o *se* é apassivador.

Por fim, no artigo *A interpretação do clítico se: uma fronteira entre sintaxe e discurso* Indursky, (1993, p.245) considera que existe “dupla possibilidade” de interpretar o *se*, permitindo que o texto tome dimensões discursivas, para além da estrutura da frase, e que “faculta duas leituras teoricamente autorizadas”. A autora faz observações interessantes sobre as estruturas passivas. Ela transforma enunciados que estão na passiva sintética, em passiva analítica, conforme as duas versões abaixo, buscando mostrar que o sentido do enunciado base (1) e sua paráfrase (1 a) não é o mesmo.

(1) “Os casos [de violência e corrupção] são tantos e tão frequentes que se está criando um clima de susto, de descrença”. (Folha de S. Paulo, 01/08/91)

(1a) “Um clima de susto, de descrença está sendo criado”.

De acordo com Indursky (1993), temos em (1a) a interpretação do SE como apassivador, leitura que está limitada a “uma interpretação frasal do SE que põe em evidência a forma verbal cuja voz é passiva”. (p. 246). No entanto, o enunciado (1) favorece uma outra

interpretação: (1b) “Alguém está criando um clima de susto, de descrença”. Nesta leitura, se quer evidenciar que o agente da ação é indeterminado, “e instiga o leitor a questionar o texto para preencher a lacuna produzida pelo pronome indeterminador” (p. 246). Não se sabe quem é este alguém que está criando tal clima, e isso faz o leitor criar suposições que o orienta “em suas investigações ao longo da superfície textual.” Segue outro exemplo citado pela autora:

(2) Quanto aos crimes ditos de “colarinho branco”, não há “justiceiros”, nem se está pedindo o enforcamento de seus autores.

(2a) O enforcamento dos autores dos crimes de “colarinho branco” não está sendo pedido.

Também nesse caso, temos em (2a) uma interpretação passiva e dela o leitor pode retirar, à medida que progride no texto, informações “quanto à voz do verbo e seu sujeito linguístico” (p. 246). Mas é possível, a partir de (2), uma interpretação do “se” como indeterminador, obtendo-se: (2b) “Quanto aos crimes ditos de colarinho branco, não há “justiceiros” e ninguém está pedindo o enforcamento de seus autores. Esta leitura permite enfatizar o estado apático da sociedade, que não pune nem busca meios de punir os criminosos. Para a autora, tal leitura “desacomoda o leitor, obrigando-o a refletir sobre a atual conjuntura do país”, sobre essa indiferença da sociedade com relação aos acontecimentos.

A autora deixa claro que há estruturas simples formadas por SE + verbo transitivo direto + SN, mas há também as de maior complexidade, que, no entanto, seguem uma mesma análise. Vejamos um exemplo de estrutura mais complexa em que o *se* vem inserido em uma relativa; trata-se de um recorte retirado do artigo “A lógica na loucura”, de Clóvis Rossi:

(3) ... o eleitorado aprovou um programa e a ação do governo é totalmente diferente do que se aprovou....” (Folha de São Paulo, p.1.2, 5/10/91)

A interpretação passiva é a seguinte:

(3a) ... o eleitorado aprovou um programa e a ação do governo é totalmente diferente do que foi aprovado.

Conforme a autora “o antecedente do seu nexos relativo (um programa) está um pouco distanciado, o mesmo ocorrendo com o agente (o eleitorado), que não se segue ao verbo”

(1993, p. 247); logo, esse distanciamento dificulta a interpretação da estrutura em (3) como passiva. No lugar, ocorre a interpretação do *se* como estratégia de indeterminação. Em (3b), temos a interpretação de que o eleitorado aprovou um programa e a ação do governo é totalmente diferente do que ele (o eleitorado) aprovou. Para a autora, essa leitura, “ao pôr em relevo o sujeito temático do verbo” mostra que o leitor não está habituado à voz passiva, o que faz ele interpretar o *se* como um recurso anafórico.

Ela explica que quando o verbo e o sintagma nominal estão no plural isso confirma um vínculo e temos uma interpretação passiva. Do contrário, a dupla interpretação é possível. Quando a construção pronominal está dentro de outra estrutura frasal mais complexa, como observamos, “as relações diluem-se e surge com muita força a interpretação indeterminadora.” (INDURSKY, 1993, p. 249)

O trabalho de Indursky leva-nos a refletir sobre a definição da voz passiva, mais especificamente sobre a regra que afirma que as passivas têm sua equivalente ativa. As paráfrases propostas pela autora comprovam que o sentido das duas estruturas oracionais muda. Não é à toa que o falante escolhe as estratégias de indeterminação.

No caminho que percorremos desde a definição do sujeito até os estudos que mostram as diferentes formas possíveis de indeterminá-lo, depreendemos que nem todos os gramáticos ou linguistas pensam da mesma forma sobre os fatos da língua, nem todos os estudos irão revelar os mesmos resultados, mas com a soma de todos eles é que podemos ter a possibilidade de compreender os fenômenos que nos dedicamos a analisar. Nesse sentido, ao nos fecharmos para o que a tradição gramatical diz sem buscarmos os novos estudos que estão sendo feitos a respeito de determinado assunto/tema, limitamos as nossas capacidades de compreender o funcionamento da nossa língua.

3. ANALISANDO OS DADOS DO JORNAL

Como já afirmado, nas aulas destinadas ao ensino de gramática nem sempre há espaço para o estudo das manifestações reais da língua, já que os excertos analisados são usados para exemplificar determinado aspecto da língua e mostrar a maneira “certa” de escrever e falar. Como a GT faz uma espécie de “filtro”, selecionando exemplos retirados das obras literárias, o coloquial, as variações que “ferem” a norma, quase não são apresentadas, apesar de autores considerados renomados apresentarem variações em seus textos. Também os textos jornalísticos, ainda que apresentem maior grau de monitoramento, pois geralmente passam por revisão, apresentam variações, fugindo às formas prescritas pela tradição, o que não significa dizer que a mensagem que se quer passar ao leitor tenha ficado comprometida, pelo contrário, o objetivo pretendido é atingido.

Em relação às marcas de indeterminação do sujeito, a norma reconhece como recurso apenas o uso do verbo na 3ª pessoa do singular seguido do pronome “se”, verbo na 3ª pessoa do plural e verbo no infinitivo impessoal, deixando de lado outras estratégias concorrentes, como as descritas por Duarte (2007), já mencionadas anteriormente. Neste trabalho não nos ocupamos em investigar todas as estratégias de indeterminação, detivemo-nos na análise das estruturas passivas analíticas e sintéticas, visto que o pronome “se” está entre as estratégias utilizadas pelos falantes para indeterminar o argumento externo e é apontado pelos autores como tal.

Os dados foram obtidos a partir de 20 edições do Jornal Correio da Paraíba do ano 2019, nos gêneros *manchete*, *notícia* e *artigo de opinião*. Para facilitar a análise nos jornais, obedecemos a seguinte sistematização: selecionamos os jornais; definimos os gêneros jornalísticos a serem analisados; fizemos a leitura dos textos selecionados; destacamos as estruturas passivas; por fim, realizamos a quantificação. Apresentamos uma tabela geral desses dados:

Tabela 1 – Distribuição dos dados coletados conforme os gêneros

Estruturas	Manchete	Notícia	Artigo	TOTAL
Passiva analítica	29	108	41	178
Passiva sintética	0	0	10	10

Como demonstra a tabela, o número de estruturas passivas analíticas é muito superior. No conjunto dos textos selecionados, só foram encontradas 10 ocorrências de passiva sintética, e no artigo de opinião.

Convém esclarecer que as duas estruturas são estratégias utilizadas para “escamotear” o agente, em que o objeto é levado a tópico, conforme afirma Pontes (1986) ao discutir sobre o tema. Sendo a passiva sintética a que gera maior confusão por parte do falante, pois, ele atribui a função de indeterminador ao –se nos casos em que ele é apassivador. O fato da estrutura **verbo na 3ª pessoa do singular + -se**, prescrita para sujeito indeterminado, ser muito parecida com a estrutura passiva sintética, junto ao fato de que muitas vezes o falante não se atenta para o tipo de verbo usado, é um facilitador dessa atribuição.

Nossa pesquisa buscou nos textos jornalísticos as duas estruturas, passivas e sintéticas, mas nosso foco foi analisar principalmente a passiva sintética, justamente por ter sido a ela que o falante atribuiu uma nova função que contraria as normas gramaticais. Na sequência, discutimos primeiramente o emprego das passivas analíticas (3.1), já que tiveram maior número de ocorrências, e depois o das passivas sintéticas (3.2).

3.1 Análise das estruturas passivas analíticas

De acordo com a norma gramatical, o constituinte oracional que corresponde, na estrutura ativa, ao objeto direto, passa a ocupar, na estrutura passiva analítica, o lugar de sujeito, com papel semântico de paciente, e o constituinte que ocupa o lugar de sujeito na ativa passa a ser o agente da passiva. Assim, a partir de: “Mariana regou as flores”, temos, na passiva: “As flores foram regadas por Mariana”. Mas essa mesma estrutura pode ser proferida da seguinte forma: “As flores foram regadas”, em que o agente não vem expresso, quando o interesse recai no fato e não em quem o realizou.

Em nossos dados, encontramos casos em que o agente da passiva não estava expresso na oração, cabendo ao leitor verificar o contexto para identificá-lo. Em alguns casos, essa identificação se tornou difícil, mesmo lendo todo o texto.

Dentre as cento e setenta e oito (178) ocorrências analisadas, verificamos tanto estruturas em que o agente da passiva vinha **expresso** como estruturas em que o agente não vinha expresso (**não-expresso**). Ressaltamos que em tais estruturas, o agente quando expresso vem representado pelo que a gramática denomina “agente da passiva”, sendo introduzido pela preposição *por*. Nos dados que usamos como ilustração, destacamos em itálico esse constituinte, e quando não está expresso, sinalizamos com o símbolo de vazio (Ø). Vejamos a tabela com a quantificação dos dados e, em seguida, alguns exemplos:

Tabela 2 – Frequência de agente (expresso e não-expresso), conforme os gêneros

Notação do agente nas passivas analíticas	GÊNEROS		
	Notícia	Artigo	Manchete
Expresso/Não-expresso	25/83	16/25	6/23
TOTAL	108	41	29

3.1.1 Estruturas com agente da passiva expresso:

Vejam os dados¹¹ de (1) a (5) abaixo:

- Ex. (1): “A aposentada Claudete Cavalcante informou que a ponte improvisada foi construída *pela própria comunidade*”. (**Moradores se arriscam em travessia de ponte** - CP - N - 21/04/2019)
- Ex. (2): “Sem mercado para agiotagem em seu país, colombianos invadiram o Brasil para emprestar dinheiro e cobrar juros abusivos de pequenos comerciantes (...). O esquema batizado de “Cobro” já chegou em 12 estados, conforme revela a investigação e começou a ser desmontado ontem *pela Polícia Federal (PF)*.” (**Extorsão para o tráfico** - CP - N - 16/03/2019)
- Ex. (3): “ Nossa geração teve a ventura de conviver com um mineiro nascido em Pedro Leopoldo em 2 de abril de 1910: Chico Xavier. Desde pequeno conversava com sua mãe falecida (...). Sofreu muito por ouvir vozes e ver mortos, até ser aconselhado *pelo padre local* a procurar o Espiritismo.” (**Chico: esperto ou tolo?** - CP - A- 01/05/2019)
- Ex. (4): “Poucas pessoas se dão conta de como é importante na vida a experiência do perdão. Ela é uma chave especial que abre caminho para a saúde emocional, para a cura de nossas feridas na alma. (...) Sem isso, podemos desenvolver uma percepção negativa de nós mesmos por conta de fracassos, dissabores e perdas que não conseguimos superar. A vida fica aprisionada *pelas lembranças desconfortáveis de um passado* que insiste em permanecer vivo.” (**Vasos quebrados** - CP - A- 03/02/2019)
- Ex. (5): “Vendedores de frutas foram retirados das calçadas do Centro da capital *pela Sedurb*, enquanto outros ambulantes passaram a ocupar as ruas Santo Elias e Santos Dumont, próximo à Lagoa.” (**A ‘dança’ dos ambulantes** - CP – M – 15/05/2019)

Nas estruturas acima, temos os agentes “comunidade”, “Polícia Federal”, “padre local”, “lembranças desconfortáveis” e “Sedurb”, respectivamente. Em (1), Em (1), o assunto da notícia girava em torno de uma ponte, utilizada por moradores da Comunidade da Usina,

¹¹ Para identificação dos dados, utilizamos siglas para nos referirmos aos gêneros textuais (A – Artigo de opinião; M – Manchete e N – Notícia, além de CP, em relação ao nome do jornal - Correio da Paraíba)

na cidade de Santa Rita – PB, de maneira arriscada, pois se viam sem alternativa para chegar até o Centro. Dessa forma, na estrutura passiva, o que tem destaque logo no início da oração é o fato, o acontecimento, ou seja, a construção da ponte improvisada, ainda que depois se informe que fora construída *pela própria comunidade*, pelas pessoas que, talvez cansadas de esperar uma ação da prefeitura, do governo, agiram por conta própria.

No exemplo (2) o tema da notícia é um empréstimo ilegal de dinheiro feito por pequenos comerciantes a colombianos que, ao não encontrar esse tipo de mercado em seu país, vinham para o Brasil. O grupo, considerado pela Polícia como bastante organizado, agiria com muita violência, caso o valor emprestado não fosse devolvido, daí ter início a uma operação da Polícia Federal do Amapá e da Paraíba, envolvendo 30 policiais, o que resultou na prisão de 3 colombianos. Na notícia o redator destaca o que mais interessa ao leitor saber – o desmonte do esquema de agiotagem.

Quanto ao excerto (3), retirado de um artigo de opinião, tinha como tema a vida do espírito Chico Xavier, autor de diversos livros que foram traduzidos para 30 idiomas e que causou polêmica por ser acusado de plagiador. No texto diz-se que, quando criança, o *medium* sofria com o contato que pessoas mortas tentavam ter com ele. Na estrutura passiva analítica, primeiramente vem a informação de que Xavier teria recebido conselhos de buscar ajuda no Espiritismo para tratar das questões que o afligiam. Depois, vem a informação de que o conselho tinha sido dado *pelo padre local*, mas essa informação vem em segundo plano.

Em (4), que também parte de um artigo de opinião, o autor fala sobre a prática do perdão, pouco presente em nossa cultura. Um ato que nos liberta e permite viver novamente sem o fardo que para muitas pessoas acaba se transformando em doenças, chamadas de psicossomáticas. Através da passiva, é possível dar destaque à “vida” que fica aprisionada, sendo prejudicada em muitos aspectos, quando não praticamos o perdão.

Por fim, em (5), a manchete anuncia uma matéria sobre a situação dos ambulantes que trabalham sem autorização nas ruas de João Pessoa. Eles ocupam as calçadas e, segundo a Vigilância Sanitária, prejudicam o consumidor, visto que a mercadoria vendida fica exposta, podendo causar riscos à saúde. A manchete dá destaque aos “vendedores”, que seria o paciente da ação dos fiscais, pois são pessoas que tiram dessa atividade o seu sustento, e na espera pela promessa de um lugar autorizado e construído pela prefeitura da cidade, muitos saem de um local para outro. O que têm relevância na estrutura passiva é o acontecimento – a retirada dos comerciantes que ocupavam as calçadas. Depois vêm os responsáveis pela retirada, a *Sedurb*.

Considerando que o jornal busca alcançar o maior número de pessoas, daí a linguagem pretender ser clara e objetiva, acreditamos ser essa a justificativa da opção pelas estruturas com agente expreso.

3.1.2 Estruturas com agente da passiva não-expreso:

Observemos os exemplos de (6) a (9):

Ex. (6): “A programação oficial do Maior São João Mundo 2019 foi lançada Ø oficialmente ontem, no Teatro Facisa, em Campina Grande.” (**Axé abre, sofrência fecha** – CP - N - 6/04/2019)

Ex. (7): “Quero mergulhar em 113 anos de história e parabenizar o grupo de abnegados que fundou, em 7 de setembro de 1905, o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), e também aos que aceitaram o desafio de mantê-lo vivo e atuante. É a nossa mais antiga instituição cultural em funcionamento. Para situar melhor, quando foi criada Ø, nossa capital ainda se chamava “Parahyba” e o Estado, “Parahyba do Norte”. (**Resgate histórico** - CP- A - 10/02/2019)

Ex. (8): “A empresa Aliança Comunicação e Cultura teve o valor de R\$550 mil bloqueado em sua conta após decisão judicial assinada pela Juíza Ana Carmem Pereira. A quantia é destinada Ø para possível pagamento de indenização de um rapaz assassinado dentro do Parque do Povo, durante o Maior São João do Mundo, em 2017.” (**Justiça bloqueia R\$550 mil de Aliança** - CP - N - 16/03/2019)

Ex. (9): “O Grupo de Atuação Especial contra o Crime Organizado (Graeco) do Ministério Público Federal da Paraíba (MPPB) apresentou a quinta denúncia com base nas investigações da força-tarefa da operação xeque-mate. Catorze pessoas são alvo da denúncia. (...) Entre os denunciados está o ex-prefeito Leto Viana, que está preso no 5º Batalhão da Polícia Militar há mais de um ano (...) Em depoimento, tornado público na segunda-feira, Leto revelou que os repasses realizados mensalmente dos recursos do lixo eram em torno de R\$ 100 mil e em alguns momentos chegou a ser de R\$ 200 mil, que eram rateados Ø para o pagamento de diversos envolvidos no esquema de corrupção (...)”. (**Xeque-mate tem 5ª denúncia** - CP - N - 2/05/2019)

Analisando o exemplo (6), interessa informar ao leitor é que a programação das festas juninas já está disponível e não quem lançou tal programação – se foi a Prefeitura ou alguma empresa particular responsável pelos eventos da cidade, talvez porque já seja algo que o leitor já sabe a partir do conhecimento de mundo, da experiência vivida na cidade.

Também em (7) a informação sobre quem criou a capital João Pessoa não é dada ao leitor, o que nos leva a entender que interessa evidenciar a questão dos nomes dados a capital

e ao Estado, e que o autor pressupõe que o leitor já saiba quem criou a capital paraibana. Do mesmo modo, em (8), é mais relevante a informação do destino da quantia bloqueada da empresa, no caso, a indenização da morte de um rapaz, pois o leitor pode inferir, através do contexto, quem determinou a sentença, a justiça.

No exemplo (9), há destaque para o valor dos repasses no esquema de corrupção e para o fato de esse valor ser dividido para o pagamento das pessoas envolvidas, mas não se informa quem faz a divisão, talvez por não ter um só responsável ou porque não é o mais importante.

A utilização das passivas analíticas, sobretudo no gênero notícia, mostrou ser um recurso que, numa escala, coloca em primeiro lugar o fato, priorizando o acontecimento, e depois o agente da ação. O número maior de ocorrências em que o agente não vem expresso, como demonstrado na tabela acima, só confirma isso. Entre os gêneros jornalísticos, manchete foi o segundo em que encontramos maior uso de agente não-expresso e isso é explicado pela economia de informações que só serão dadas ao leitor na própria notícia, já que a manchete tem o objetivo de chamar a atenção do público.

Retomando a posição de Bagno (2004), a passiva analítica é um recurso “de maior clareza e rapidez de processamento da construção com o verbo *ser* seguido de *particípio passado*.” Por isso, ele não considera a passiva sintética como passiva de fato e a classifica de pseudopassiva. Conforme o autor, os redatores dos jornais evitam a passiva sintética (ou *pseudopassiva*) para manter a compreensão. A afirmação sobre tal recusa é fundamentada nas palavras de Câmara Jr. (1977, p.90), “Ora, como o fim da linguagem é a comunicação das ideias, o seu emprego deve subordinar-se à eficiência da comunicação. O nosso objetivo deve ser, antes de tudo, não causar estranheza.”

Como vimos, as estruturas passivas analíticas permitem evidenciar o fato e depois, em segundo plano, o agente. No entanto, mesmo o falante tendo a opção de expressá-lo não o faz, como mostrou nossos dados, em que a maioria das ocorrências encontradas foi de orações em que o agente não vinha expresso. Isso mostra que a forma passiva analítica permite promover o apagamento do agente e nesse sentido, comprova que ele não é tão relevante quanto o acontecimento e por isso não estaria sendo usado pelo falante. Também corrobora com Pontes (1986) que, como mencionamos, fala sobre a passiva servir para “escamotear” o agente e acresce que esse recurso é apenas um dos meios de alcançar tal objetivo, havendo outros disponíveis na língua.

3.2 Análise das estruturas passivas sintéticas

De acordo com a gramática tradicional, trata-se de passiva sintética a estrutura formada por verbo transitivo direto na 3ª pessoa junto ao pronome “se” (Alugam-se casas), seguido de substantivo não preposicionado. A norma determina que nesse tipo de oração o verbo varia conforme o número do sujeito. Se o sujeito está no plural (casas), o verbo (alugar) também fica no plural. No entanto, é bastante comum encontrarmos enunciados como “Aluga-se casas”, “Vende-se apartamentos”, “Vende-se picolés”, etc. Isso ocorre porque o falante considera “casas”, “apartamentos” e picolés” como tendo função de objeto da oração, e não de sujeito, o que dispensa a concordância.

A respeito disso, como já afirmado anteriormente, Pontes (1986) discute sobre os fatores que pesam na identificação do sujeito. O primeiro e mais importante é o agente. Quando o sujeito é agente e animado, as chances de o falante identificá-lo numa oração, mesmo quando vem posposto ao verbo, é maior. Depois tem influência o aspecto da posição. Por ter tão bem fixado a forma SVO (sujeito – verbo – objeto), e por organizar de maneira intuitiva esses termos, o falante, ao observar enunciados como os citados acredita estar diante de uma estrutura com verbo + objeto. O aspecto semântico é também levado em conta, e o falante atribui ao –se a função de sujeito (Alguém aluga casas), considerando que a ação de vender é praticada por um agente animado.

Todos os 10 casos de passivas sintéticas encontrados em artigos de opinião tinham V e SN no singular, o que torna a dupla interpretação possível, conforme aponta Indursky (1993) em seus estudos. Antes de passarmos para a análise dessas estruturas, vejamos o exemplo abaixo, em que ocorre o se como marca de *indeterminação do sujeito*, para que possamos perceber o quanto essas duas estruturas se parecem, levando à confusão por parte do falante:

Ex. (10): “Estamos vivenciando um momento sem acreditarmos plenamente em nossas instituições, sempre desconfiando daquilo que nos é dito. (...) Por outro lado, acreditamos em tantas coisas como horóscopos; vida após a morte, céu e inferno. (...) *Acredita-se em quem escreve difícil*. Dizem que quando Hegel começou a escrever sua obra, só ele e Deus sabiam o que ele queria dizer; ao final, só ele”.
(**Acreditando e desconfiando** - CP – A – 27/04/2019)

Em “*Acredita-se em quem escreve difícil*” o verbo “acreditar”, no sentido de “ter confiança em”, pede complemento regido de preposição; nesse caso, temos um complemento relativo. Conforme a norma gramatical, nesse exemplo, não há a identificação do sujeito, seja por que não se sabe ou não se quer dizer quem acredita. Por outro lado, o falante não faz a distinção entre o –se apassivador e o –se indeterminador, porque ele não atenta para o tipo de

verbo que faz parte da estrutura, um ponto que os pesquisadores destacam como importante explorar no ensino, já que o comportamento sintático é distinto porque tem a ver com o conhecimento da transitividade.

Em nossos dados não encontramos estruturas que apresentassem sujeito simples no plural. Assim, não foi possível observar se o falante/redator segue ou não a norma prescrita pela gramática com relação à concordância entre sujeito e verbo. Encontramos duas ocorrências em que o sujeito é composto e posposto ao verbo, que nesse caso aceita que o verbo tome a forma singular, concordando com o núcleo mais próximo. Vejamos os exemplos de (11) a (14):

Ex. (11): “O estelionato, previsto no artigo 171 do Código Penal Brasileiro, é considerado como um crime contra o patrimônio, sem que haja uso da força. **Alguém** mal-intencionado adota o engano ou a fraude para levar vantagem sobre o outro. É crime comum no Brasil. *Utiliza-se a lábia e a influência para convencer a vítima a dar dinheiro, objetos, etc.*” (**A cultura da vantagem** - CP - A - 20/04/2019)

Ex. (12): “No mundo pós -moderno, as relações comerciais mudaram e entre elas surgiu a influência digital. O Facebook, o Instagram e outros buscam satisfazer o consumidor com o melhor produto ou serviço. *Leva-se em conta a funcionalidade e o custo para a aquisição.* O marketing digital une o valor e o custo.” (**Influência digital no cotidiano** - CP – A – 26/01/2019)

Ex. (13): “Todos os dias, durante três anos da minha vida, escutei o Bolero de Ravel que acompanhava a dança do sol poente, ao entardecer da Praia do Jacaré. (...) A boa música não enfada, sobretudo se foi composta na possível riqueza das variações. (...) Continuo a escutar Ravel, e ainda aguardar o aparecimento de cada instrumento, como me ensinou o meu professor belga, Eduardo Hoornaert: *escuta-se uma Orquestra Sinfônica, procurando perceber a presença de cada instrumento e sentir as variações da música.*” (**Repetição das variações** - CP – A- 10/02/2019)

Ex. (14): “*Em viagem, usa-se muito o táxi para tudo.* Reclamando da carestia fui aconselhada por meu irmão: “experimente usar o Uber e veja a diferença”. Realmente vi diminuir o custo em 50%, pelo mesmo trajeto. (**Vou de Uber** - CP - A - 2/05/2019)

No exemplo (11), a autora Regina Targino, professora da UFPB, fala sobre a questão da vantagem, da corrupção, que é algo muito presente em nossa cultura e possivelmente por causa disso vivemos em situação de subdesenvolvimento. No período: “*Utiliza-se a lábia e a influência para convencer a vítima a dar dinheiro, objetos, etc.*”, fazendo a substituição da passiva sintética pela analítica, como recomenda a gramática, para confirmar o uso do “se” como partícula apassivadora, temos a seguinte paráfrase:

11 a) “A lábia e a influência são utilizadas para convencer a vítima a dar dinheiro, objetos, etc”.

Como o sujeito é composto e anteposto ao verbo, este tem de ser empregado no plural. Conforme assinala Indursky (1993), essa leitura é umas das leituras possíveis e nela tomamos apenas a frase como objeto de análise. Uma outra leitura pode ser feita, a do “se” como indeterminador, temos então:

11 b) “Alguém utiliza a lábia e a influência para convencer a vítima a dar dinheiro, objetos, etc”.

Não se afirma quem é esse alguém, ele é genérico. Tanto é que, no mesmo texto, tinha sido feito o uso do pronome indefinido na oração: “**Alguém** mal-intencionado adota o engano ou a fraude para levar vantagem”, o que reforça a interpretação do *se* indeterminador. O autor poderia ter optado, na construção do artigo, pela estrutura (11a), e a mesma informação seria dada, considerando a interpretação passiva. Mas, ao escolher a passiva sintética e com o reforço do uso de “alguém” na oração anterior, leva o leitor a pensar que alguém (um mal-intencionado) se apropria da lábia e da influência para agir de má-fé.

Passemos ao segundo caso, que também apresenta sujeito composto posposto ao verbo. No texto a autora aborda a influência digital no cotidiano, advinda do mundo pós-moderno. “O Facebook, o Instagram e outros buscam satisfazer o consumidor com o melhor produto ou serviço. *Leva-se em conta a funcionalidade e o custo para a aquisição*. Passando esse último período para a passiva analítica, temos:

12 a) “A funcionalidade e o custo para a aquisição são levados em conta”.

Nessa frase, o constituinte “A funcionalidade e o custo” é o sujeito da oração. Mas nos parece que a informação está incompleta: quem leva em conta esses aspectos para a aquisição? Como o redator está falando que as plataformas (Facebook, Instagram, etc.) atraem o consumidor e este atenta para a funcionalidade e custo dos produtos, antes de adquiri-lo, provavelmente está se referindo a todo/qualquer consumidor; teríamos, então, um sujeito genérico, levando à seguinte interpretação:

12 b) “*Alguém/ todo mundo* leva em conta a funcionalidade e o custo para a aquisição”.

Com relação ao exemplo (13), que tem por tema os aplicativos de transporte e tecnologias surgidos com o propósito de melhorar a mobilidade, tornando-a mais barata, segura e rápida, observemos a frase “*Em viagem, usa-se muito o táxi para tudo*”. Uma interpretação do “se” como apassivador, em conformidade com a norma gramatical, que afirma haver equivalência entre as passivas sintética e analítica, teríamos a paráfrase:

13 a) “Em viagem, o táxi é muito usado para tudo”.

No entanto, a autora poderia fazer uma correspondência entre o “se” e “as pessoas”, sendo o “se” usado como indeterminador:

13 b) “Numa viagem, *as pessoas* utilizam o táxi para tudo.

Nessa situação, o termo “pessoas”, da mesma forma que “alguém”, citado nos exemplos anteriores, teria um referente genérico. Passemos à análise do fragmento seguinte, no qual o autor, Damião Cavalcanti, fala sobre seu gosto pela música e como as variações, mesmo as que se repetem, o encantam e surpreendem até hoje. No trecho do artigo:

“ (...) Continuo a escutar Ravel, e ainda aguardar o aparecimento de cada instrumento, como me ensinou o meu professor belga, Eduardo Hoornaert: *escuta-se uma Orquestra Sinfônica, procurando perceber a presença de cada instrumento e sentir as variações da música.*” (CP – A- 10/02/2019)

a paráfrase da estrutura passiva sintética, seria:

14 a) “Uma Orquestra Sinfônica é escutada, procurando perceber a presença de cada instrumento e sentir as variações da música”.

Apesar de estar de acordo com a norma, essa estrutura não soa natural; logo, parece pouco provável que o falante a utilize. Uma interpretação, viável, do –se como indeterminador seria:

14b) “*Quem* escuta uma Orquestra Sinfônica, procura perceber a presença de cada instrumento e sentir as variações da música”.

Aqui também temos uma expressão genérica, o pronome “quem”, universal, indicando que *aquela que/ o indivíduo que* escuta uma Orquestra Sinfônica busca perceber cada instrumento e as variações presentes na música.

Depreendemos desses exemplos que, do ponto de vista semântico, é possível, para o falante, dar uma interpretação ao –se como indeterminador, dependendo da sua intenção no ato de comunicar-se, embora essa leitura não esteja de acordo com a gramática tradicional. E ao pôr essa interpretação em evidência, conforme apontou Indursky (1993), o plano sintático se eleva para um semântico.

Diante do número de estruturas passivas sintéticas, encontradas apenas nos artigos de opinião, acreditamos que esse a ocorrência restrita a esse gênero se justifica por ser um texto mais rebuscado, que tem uma linguagem mais subjetiva, ao contrário da notícia.

Fazendo uma comparação das ocorrências com passivas sintéticas (10 casos) com as passivas analíticas (178 casos), em 20 edições do jornal, é um número muito pequeno. Levando em conta esse número tão baixo de ocorrências das passivas sintéticas, concordamos com os pesquisadores, como Bagno (2004), Bravin (2012), Vieira e Freire (20116), entre outros, que sugerem uma reanálise das passivas, no sentido de aceitá-las como estratégia de indeterminação, já que essa é a leitura do falante ao utilizar o “se”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema das passivas é tratado por gramáticos e linguistas como complexo e não é recente a preocupação de alguns autores quanto à necessidade de fazer uma revisão das passivas sintéticas, considerando a dupla interpretação atribuída pelo falante ao “se”, como apassivador ou indeterminador.

De acordo com Monteiro (1994), o –se indeterminador derivou do –se apassivador, numa escala evolutiva em que ambos partiram do –se reflexivo. Se o falante utiliza determinadas estruturas no ato da comunicação que fogem às regras prescritas pela tradição, e concorrem com estas, isso não acontece de maneira aleatória, tem uma explicação que deve ser levada em conta. Todas essas transformações ao longo dos séculos é um fator que contribui para que as pessoas tenham dificuldade em fazer distinção dessas formas no uso.

O objetivo geral deste trabalho foi descrever os usos feitos pelo falante/escritor em relação às passivas nos textos jornalísticos. Apesar do menor número de ocorrências das passivas sintéticas, realizamos a análise, tendo em vista que é essa forma que revela maior confusão por parte do falante, que atribui função indeterminadora ao se, mesmo nas estruturas com verbo transitivo direto, a que a gramática atribui função apassivadora. Com relação aos gêneros textuais, pudemos constatar que a escolha do falante sobre qual estrutura usar depende do gênero que ele pretende produzir. O maior número de passivas analíticas foi encontrado nas notícias, comprovando que o gênero favorece essa estrutura e o que interessa evidenciar é o acontecimento, depois o agente, expresso pela preposição “por”. Quanto às passivas sintéticas, foram encontradas em textos de opinião, que exige grau de monitoramento maior.

Como visto, os falantes utilizam diferentes estratégias na comunicação oral para marcar a indeterminação ou apagamento do sujeito, fato repetido nos textos jornalísticos; porém, o ensino exclui essas estratégias e as considera algumas delas como erradas, apesar de existirem estudos que comprovam o uso das mesmas estratégias em texto que apresentam maior grau de monitoramento e se pressupõe que o autor saiba utilizar a norma padrão.

Consideramos que o número de ocorrências coletadas ainda é limitado para fazermos generalizações, o que nos leva a considerar que seria interessante uma pesquisa mais ampla, incluindo mais textos, e diferentes jornais - do mesmo Estado ou de diferentes Estados, para fazermos comparações e chegar a uma conclusão a respeito dos usos das estruturas passivas.

Assim, seria possível verificar se realmente passivas sintéticas são de menor preferência na produção de textos jornalísticos.

Por fim, ao refletir sobre este trabalho, concluímos que o ensino de língua deve contemplar textos diversos e não se basear apenas no que diz a gramática tradicional, que muitos professores tomam como referência para suas aulas. O professor, que também é pesquisador, deve trazer essas questões para a sala de aula, mostrando aos alunos que as variações não ocorrem apenas na fala, como ainda se pensa, e que elas não ocorrem apenas na fala ou escrita das pessoas que têm menor nível de escolaridade. O usuário da língua, mesmo não sabendo aplicar as regras gramaticais, as utiliza de maneira intuitiva, a fim de atingir objetivos em sua comunicação. Cabe à escola, portanto, adotar uma postura mais reflexiva acerca dos aspectos da língua, a partir da fala, de maneira que, através da comparação dos diversos usos, dê uma visão de como a língua funciona atendendo às necessidades do falante.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1955

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, editorial, 2003

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**. Tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo, Loyola, 2000

_____. **Português ou brasileiro? um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000

BRAVIN, Ângela Marina. Variação linguística e o estudo da indeterminação do sujeito nas escolas brasileiras. In: __**Práticas do ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2012. P.75-89

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. **O sujeito pronominal em contexto de mudança paramétrica: a escrita de alunos do Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CÂMARA, J. Mattoso Jr. **Dicionário de filologia e gramática**. São Paulo: J. Ozon + Editor, 1968

_____. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1977

CAMPEDELLI, Samira Y.; SOUZA, Jesús B. **Gramática do texto**. São Paulo: Saraiva: 1999

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007

D'AVILA, Nerci Terezinha. **Voz verbal: uma abordagem enunciativa**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006

DIAS, Epiphany da Silva. **Syntaxe historica portuguesa**. 4.ed. Lisboa: Clássica, 1959

DUARTE, Inês. **A família das construções inacusativas**. In: MIRA MATEUS *et.al.* **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 509-548

DUARTE, M. E. L. **Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão**. In: Revista Linguística, Rio de Janeiro, .3, n. 1, p. 89- 115, junho 2007

FREIRE, G. C.; VIEIRA, S. R. Variação morfossintática e ensino de português. *In: __ Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 81-113

INDURSKI, Freda. **A interpretação do clítico se: uma fronteira entre sintaxe e discurso**. Boletim da ABRALIN 14. São Paulo, 1993

KEENAN, Edward L. Towards a universal definition of subject. *In: Li, C. org. Subject and Topic*. New York, Academic Press, 1976

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1990

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972

LOBATO, Monteiro. O colocador de pronomes. Conto Brasileiro. 2013. Disponível em: <<https://contobrasileiro.com.br/o-colocador-de-pronomes-conto-de-monteiro-lobato/>> Acesso em: 15 set. 2019

LYONS, Jhon. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1979

_____. **Língua e Liberdade: por uma nova concepção da língua materna**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1985

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978

MELO, J. Nelmo de. **Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro, Bruno Bucciari, 1968

MIRA MATEUS et. Al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editora Caminho, 2003

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 1994

NEVES, Maria Helena de. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007

PONTES, Eunice S. L. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Editora Ática, 1986

POSSENTI, Sirio. Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido. São Paulo: Parábola Editorial, 2011

SACCONI, Luis Antonio. **Nossa gramática: teoria e prática.** 5. ed. São Paulo: Atual, 1947

ANEXO

ANEXO

JORNAL CORREIO DA PARAÍBA

MANCHETES

26/01/2019

<p>POLÍTICA CIDADES TERÃO DE CUMPRIR CÓDIGO</p> <p>O conselheiro Arnóbio Viana assumiu a Presidência do TCE, para o biênio 2019/2020, anunciando a criação do Programa Decide, que vai exigir o cumprimento do estatutos ou códigos das cidades. Na fiscalização serão usados recursos tecnológicos.)</p> <p>» PÁG. A4</p> 	<p>Hospitais geridos pela Cruz Vermelha sofrem intervenção</p> <p>O governador João Azevêdo decretou intervenção nos hospitais estaduais, dentre eles o Trauma de João Pessoa, que são administrados pela Organização Social Cruz Vermelha. A entidade é investigada por irregularidades. Por 90 dias, o Governo assume o comando para auditoria.</p> <p>» POLÍTICA / PÁG. A3</p>
--	--

03/02/2019

REVISTA DA TV
XUXA COMANDARÁ REALITY DA RECORD

Estreia na quarta-feira o reality show 'The Four Brasil', sob comando de Xuxa Meneghel, a partir das 22h30. Ele é diferente das atrações do gênero, pois os quatro finalistas serão mostrados no primeiro episódio.



10/02/2019



09/03/2019



10/03/2019



16/03/2019

Espanhóis compram aeroportos da PB

A espanhola Aena deu lance de R\$ 1,9 bilhão e arrematou o bloco nordestino dos aeroportos brasileiros, entre eles os de João Pessoa e Campina Grande. O leilão foi realizado na Bolsa de Valores de São Paulo. Mais ambicionado, o bloco nordestino inclui os terminais de Recife, Maceió, Aracajú e Juazeiro do Norte. Os aeroportos paraibanos foram rebaixados de categoria e devem operar apenas voos regionais. » ECONOMIA / PÁG. D1

6/04/2019

O 'farró eclético' do Maior São João do Mundo

O São João de Campina será aberto com axé e farró, vai ter gospel, sertanejo, arrocha e lambada e fechará com sofrência. A programação foi apresentada ontem e o prefeito Romero Rodrigues justificou que a festa é "para todos os gostos". » CIDADES / PÁG. B1

CIDADES PESQUISA COM O CANABIDIOL

A UFPB abriu inscrições para crianças de 2 a 12 anos que tenham Transtorno do Espectro Autista (TEA). Será formado um grupo para pesquisa do óleo canabidiol no tratamento da doença. » PÁG. B2

Ministro Vélez será demitido até segunda

Foi o que deixou explícito o presidente Jair Bolsonaro durante raro encontro com jornalistas: "É honesto, mas falta gestão".

20/04/2019

HIV é usado na cura de meninos da bolha

Cientistas americanos afirmam ter usado o vírus do HIV, causador da Aids, em uma terapia genética que curou oito crianças com imunodeficiência combinada grave (SCID, na sigla em inglês), a síndrome da bolha. As crianças que apresentam este distúrbio precisam viver em ambientes completamente esterilizados para se proteger de infecções.

» GERAL / PÁG. A8

23/04/2019

CIDADES

VACINAÇÃO CONTRA GRIPE É AMPLIADA

Após crianças e gestantes, os postos de saúde abriram a vacinação para todos os grupos prioritários, com atenção especial para idosos. O público-alvo soma 1.183.605 pessoas na Paraíba. » PÁG. D1



'Minha Casa' avaliará condição de pagar luz

A Caixa vai incluir na avaliação para a concessão de empréstimos do Minha Casa, Minha Vida a condição do morador de pagar água, luz e condomínio. A inadimplência chega a R\$ 2,8 bilhões. Pelo menos 70 mil imóveis foram devolvidos e outros 80 mil estão com obras paradas.

» ECONOMIA / PÁG. D1

25/04/2019



27/04/2019



30/04/2019



02/05/2019

Ala dos esquecidos enterra 30 por ano

Alguns têm nome, outros nem isso. A violência traz todo tipo de consequências, entre elas produzir um exército de cadáveres esquecidos. Como em qualquer outro lugar do país, João Pessoa tem um dos cemitérios que recebe esses corpos não reclamados nem por familiares. Após prazos regulamentares os corpos são enterrados, mas há casos em que o cadáver está no IPC há um ano.

» CIDADES / PÁG. 01

Na cemitério do bairro Cristo Redentor, em João Pessoa, uma ala foi destinada ao sepultamento dos indigentes: - esquecidos pelas famílias, esses mortos são desprezados numa área suja e tomada pelo mato

03/05/2019

Oitavas da Copa do Brasil terão confronto de Fla e Timão

As oitavas de final foram definidas em sorteio realizado na sede da CBF, ontem. O destaque ficou por conta do clássico nacional entre Flamengo e Corinthians, detentores das duas maiores torcidas do País, que reeditarão a semifinal do ano passado, na qual o Timão acabou levando a melhor. Outros três confrontos também envolvem clubes com grande história no futebol brasileiro.

» ESPORTES / PÁG. 04

Milícia do RJ pode ter prédios na PB

A Polícia Civil do Rio de Janeiro apreendeu documentos e mídias eletrônicas na Paraíba e em Pernambuco, após indícios de que milicianos, responsáveis pelos prédios que desabaram na comunidade carioca da Muzema, teriam construído imóveis em estados nordestinos. Outros mandados de busca e apreensão foram executados em vários pontos do Rio. Três suspeitos estão com mandados de prisão em aberto: Rafael Gomes da Costa e Renato Siqueira, apontados como corretores, e José Bezerra de Lima, construtor. Na Muzema, 24 pessoas morreram, incluindo paraibanos.

» GERAL / PÁG. 08

11/05/2019

Tolerância zero a abusos na Igreja

O novo presidente da CNBB, dom Walmor Oliveira de Azevedo, arcebispo de Belo Horizonte, defendeu a abertura de diálogo com o governo federal, o compromisso inegociável com valores bíblicos e a tolerância zero a abusos sexuais no clero. Dom Walmor disse que os religiosos que se omitirem diante de situações suspeitas serão considerados corresponsáveis pelos delitos. A fala ocorre logo após um decreto do Vaticano que obriga bispos e padres no mundo inteiro a denunciar casos de abuso.

» GERAL / PÁG. 07

15/05/2019

Preso poderá pagar detenção

A Comissão de Direitos Humanos do Senado aprovou projeto de lei que obriga presos a pagarem ao Estado pelas despesas da detenção. A proposta precisa ser votada no plenário do Senado e na Câmara. Pelo texto, os presos que não tiverem dinheiro para custear as despesas deverão trabalhar durante o cumprimento da pena e ter os valores descontados do salário. Aquele que tiver condições financeiras, mas se recusar a pagar ou a trabalhar será inscrito na dívida ativa da Fazenda Pública.

» GERAL / PÁG. A7



A 'dança' dos ambulantes

» CIDADES / PÁG. B1

Vendedores de frutas foram retratados das calçadas do Centro da Capital pela Sedurb, enquanto outros ambulantes passaram a ocupar as ruas Santo Elias e Santos Dumont, próximas à Lagoa

Vaticano reconhece 2º milagre, e Irmã Dulce vai se tornar santa

Decreto será assinado pelo Papa Francisco, mas não há data para a canonização. A beata será a primeira mulher nascida no Brasil a se tornar santa. Novo milagre atribuído a ela é sobre pessoa que dormiu cega e acordou enxergando. Será chamada de Santa Dulce dos Pobres.



» GERAL / PÁG. A8

Azevêdo anuncia concurso com 400 vagas para Fundac

O governador João Azevêdo (PSB) disse que o edital para a contratação de agentes socioeducativos será divulgado "nos próximos dias". Os

aprovados irão atuar na Fundação de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente (Fundac). Aesa e PGE também terão concursos.

» ECONOMIA / PÁG. D2

POLÍTICA

TEMER E LIMA SÃO LIBERTADOS

Por unanimidade, os quatro ministros da Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça concederam liberdade ao ex-presidente Michel Temer (MDB), preso desde o dia 9. Decisão liminar também beneficiou o coronel Lima. Os dois são réus em ação penal que investiga desvios na construção da usina de Angra 3. » PÁG. A3

ANEXO

JORNAL CORREIO DA PARAÍBA

NOTÍCIAS

26/01/2019

UEPB. COM GREVES E CORTES NO ORÇAMENTO, 39 CURSOS NÃO TERÃO NOVOS ALUNOS E O PERÍODO 2019.1 SERÁ OCUPADO POR CONVOCADOS DE 2018.2

Graduações sem vagas

Fernanda Figueiredo

Com orçamento apertado e a cada ano mais reduzido pelo Governo do Estado, a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) não garante abertura de vagas para o semestre 2019.2 na instituição. Além disso, o preenchimento de vagas para o período 2019.1 feito através do processo do Sistema de Seleção Unificada (SISU) atende apenas à vagas remanescentes do período 2018.2, ou seja, estudantes que realizaram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) com o intuito de ingressar em cursos como Direito, Geografia, Biologia e Letras (Língua Portuguesa), da UEPB, tiveram os planos frustrados em virtude das sucessivas greves e cortes orçamentários que, esse ano, chegam a aproximadamente R\$ 25 milhões em relação aos R\$317 milhões dos anos anteriores. "Esses cursos simplesmente não aparecem no sistema. É como se os cursos de Letras Língua Portuguesa e Direito nem existissem no campus de Campina Grande. Mas foi exatamente pensando neles que fiz o Enem. Eram minhas escolhas para este ano. E agora não sei como proceder, porque a reitoria diz que talvez não tenha entrada no segundo período. Então se o primeiro período do ano é voltado aos estudantes que concorreram às vagas em 2017 e deveriam ter ingressado em 2018.2. Quem fez o Enem ano passado pensando em cursar faculdade esse ano, simplesmente não encontrou nem vai encontrar vaga", afirma o estudante Josinaldo Medeiros, 18 anos, natural de Santa Luzia. O jovem fez cursinho em 2018 com o objetivo de cursar Direito, na UEPB, em Campina Grande, este ano.

De acordo com informações do pró-reitor Eli Brandão, para o referido semestre letivo quase todas as turmas dos cursos da universidade estão formadas, uma vez que a convocação dos candidatos se deu durante o ano passado através do SISU 2018.2. Dados da PROGRAD apontam que restaram 347 vagas do segundo SISU de 2018, acrescidas mais 154 vagas, resultando em um total de 501 vagas. Por essa razão, a UEPB participa do SISU 2019 apenas com as vagas remanescentes da seleção de 2018.2, cujo cronograma previa o início das aulas em 2019.1, devido ao atraso resultante das últimas greves. É claro que isso teve uma repercussão negativa para a sociedade. Mas foi com o objetivo de conciliar os calendários anuais do MEC relativos ao SISU, e adequar o envio das informações devidas ao Censo Anual do Ensino Superior, no final do ano passado, que o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão decidiu renomear o período 2018.2 para 2019.1, explica Eli Brandão.

SEM OBTIVER RESPOSTA

O CORREIO entrou em contato com a assessoria do governador João Azevedo e com a Secretaria de Planejamento, mas até o fechamento desta edição nenhuma explicação foi dada sobre a redução do repasse orçamentário.

2019 apenas com as vagas remanescentes do SISU 2018, já que as demais vagas já estão preenchidas e os demais estudantes devidamente matriculados. "Esses candidatos foram convocados para o período 2018.2, cujo cronograma previa o início das aulas em 2019.1, devido ao atraso resultante das últimas greves. É claro que isso teve uma repercussão negativa para a sociedade. Mas foi com o objetivo de conciliar os calendários anuais do MEC relativos ao SISU, e adequar o envio das informações devidas ao Censo Anual do Ensino Superior, no final do ano passado, que o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão decidiu renomear o período 2018.2 para 2019.1, explica Eli Brandão.

Campus de CG. A UEPB participa do SISU 2019 apenas com as vagas remanescentes da seleção de 2018



Diálogo como alternativa

A Associação dos Docentes da Universidade Estadual da Paraíba (ADUEPB) impetrou, no dia 10 de dezembro, na Justiça Estadual, um mandado de segurança para suspender a tramitação da Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2019, que prevê a redução de R\$ 317.819.269 para R\$ 292.822.363 no orçamento da instituição. A associação entende que a medida "fez a Lei da Autonomia, que proíbe orçamento menor que o do ano anterior" e, por esse motivo, é ilegal.

Diante disso, o reitor Rangel Júnior acredita que o diálogo com o atual governador João Azevedo antes do início das aulas, previsto para 18 de fevereiro, é a única alternativa para tentar manter o pleno funcionamento e o atual porte da instituição.

Segundo Rangel Júnior, "o Governo liberou recursos abaixo do esperado, depois reduziu o montante e disse que a UEPB devia se adequar ao dinheiro que tinha. Estamos fazendo estudos e análises de números, ações, vendo alternativas de mais cortes e só vamos aplicar efetivamente qualquer medida após um diálogo", diz Rangel.

O reitor explica que o Governo do Estado sequestrou R\$ 27 milhões do orçamento de 2017 e reduziu o orçamento de 2018, ignorando o acordo feito para o descongelamento das progressões funcionais dos servidores da UEPB, que previa manter para 2018 o mesmo orçamento de 2017, sem redução.

No Cronograma Mensal de Desembolso publicado no Suplemento do Diário Oficial do Estado (DOE) de 27 de janeiro de 2018, foi fixada a quantia de R\$ 24.220.000,00 por mês para a Universidade, o que totaliza R\$ 290.643.000,00 no ano, valor inferior em quase R\$ 27 milhões do que foi aprovado na Lei Orçamentária Anual (LOA) 2018 pela Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB).

"O orçamento da UEPB em 2016 foi de R\$307 milhões. Já o de 2017 foi de R\$317 milhões, mas o Governo subtraiu desse valor R\$27 milhões. Ou seja, nesse ano nós só conseguimos executar pouco mais de R\$290 milhões, apesar do Governo ter feito um acordo durante a greve dos servidores técnicos e docentes, prevenindo a repetição do montante executado em 2017. Assim, em vez de receber de R\$317 milhões como estava previsto, nós receberíamos apenas R\$307 milhões, abrindo mão de R\$10 milhões para repetir o orçamento de 2016", diz.

O reitor reiterou que "esse mesmo compromisso, assinado e documentado, publicado em Diário Oficial no dia 10 de outubro de 2017 ficou acertado, conforme documento que eu havia encaminhado para o Governo do Estado, para o orçamento de 2018. Eis que no final do ano de 2017 o governo trava o orçamento, bloqueia o sistema e impede que a UEPB execute o orçamento conforme havíamos programado e acordado", afirma. IFF

ter feito um acordo durante a greve dos servidores técnicos e docentes, prevenindo a repetição do montante executado em 2017. Assim, em vez de receber de R\$317 milhões como estava previsto, nós receberíamos apenas R\$307 milhões, abrindo mão de R\$10 milhões para repetir o orçamento de 2016", diz.

O reitor reiterou que "esse mesmo compromisso, assinado e documentado, publicado em Diário Oficial no dia 10 de outubro de 2017 ficou acertado, conforme documento que eu havia encaminhado para o Governo do Estado, para o orçamento de 2018. Eis que no final do ano de 2017 o governo trava o orçamento, bloqueia o sistema e impede que a UEPB execute o orçamento conforme havíamos programado e acordado", afirma. IFF

Diálogo como alternativa

A Associação dos Docentes da Universidade Estadual da Paraíba (ADUEPB) impetrou, no dia 10 de dezembro, na Justiça Estadual, um mandado de segurança para suspender a tramitação da Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2019, que prevê a redução de R\$ 317.819.269 para R\$ 292.822.363 no orçamento da instituição. A associação entende que a medida "fez a Lei da Autonomia, que proíbe orçamento menor que o do ano anterior" e, por esse motivo, é ilegal.

Diante disso, o reitor Rangel Júnior acredita que o diálogo com o atual governador João Azevedo antes do início das aulas, previsto para 18 de fevereiro, é a única alternativa para tentar manter o pleno funcionamento e o atual porte da instituição.

Segundo Rangel Júnior, "o Governo liberou recursos abaixo do esperado, depois reduziu o montante e disse que a UEPB devia se adequar ao dinheiro que tinha. Estamos fazendo estudos e análises de números, ações, vendo alternativas de mais cortes e só vamos aplicar efetivamente qualquer medida após um diálogo", diz Rangel.

O reitor explica que o Governo do Estado sequestrou R\$ 27 milhões do orçamento de 2017 e reduziu o orçamento de 2018, ignorando o acordo feito para o descongelamento das progressões funcionais dos servidores da UEPB, que previa manter para 2018 o mesmo orçamento de 2017, sem redução.

No Cronograma Mensal de Desembolso publicado no Suplemento do Diário Oficial do Estado (DOE) de 27 de janeiro de 2018, foi fixada a quantia de R\$ 24.220.000,00 por mês para a Universidade, o que totaliza R\$ 290.643.000,00 no ano, valor inferior em quase R\$ 27 milhões do que foi aprovado na Lei Orçamentária Anual (LOA) 2018 pela Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB).

"O orçamento da UEPB em 2016 foi de R\$307 milhões. Já o de 2017 foi de R\$317 milhões, mas o Governo subtraiu desse valor R\$27 milhões. Ou seja, nesse ano nós só conseguimos executar pouco mais de R\$290 milhões, apesar do Governo ter feito um acordo durante a greve dos servidores técnicos e docentes, prevenindo a repetição do montante executado em 2017. Assim, em vez de receber de R\$317 milhões como estava previsto, nós receberíamos apenas R\$307 milhões, abrindo mão de R\$10 milhões para repetir o orçamento de 2016", diz.

O reitor reiterou que "esse mesmo compromisso, assinado e documentado, publicado em Diário Oficial no dia 10 de outubro de 2017 ficou acertado, conforme documento que eu havia encaminhado para o Governo do Estado, para o orçamento de 2018. Eis que no final do ano de 2017 o governo trava o orçamento, bloqueia o sistema e impede que a UEPB execute o orçamento conforme havíamos programado e acordado", afirma. IFF

“Sem decisão favorável e sem mudança por parte do novo governo, a atual previsão orçamentária vai obrigar a universidade a fazer muitos cortes. O que nós fizemos de adiar um período letivo e ficar uma entrada só por ano, certamente vai se repetir em 2019 para que a gente possa equilibrar essas finanças. O Governo liberou recursos abaixo do esperado, depois reduziu o montante e disse que a universidade devia se adequar ao dinheiro que tinha.”

Rangel Júnior. Reitor da UEPB

03/02/2019

Pensamentos podem ter 'voz'

Da Redação

Com agência

Pesquisadores conseguem pela primeira vez captar sinais cerebrais e reproduzi-los em voz artificial de forma precisa. Avanço pode levar a um sistema que leia mentes e ajude pessoas que perderam a capacidade de fala. Cientistas da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, criaram uma tecnologia capaz de analisar atividades cerebrais e transformá-las em fala clara e inteligível? Um passo científico significativo para a criação de um sistema que possa ler pensamentos.

A pesquisa, publicada nesta

semana na revista científica Nature conseguiu processar palavras ouvidas por pacientes e reconstruí-las por meio de uma voz artificial, usando sintetizadores de fala e inteligência artificial.

Segundo os pesquisadores, a técnica pode levar a novas formas de os computadores se comunicarem diretamente com o cérebro e, no futuro, reproduzir não só o que pacientes ouviram, mas também o que estão pensando.

Assim, "A voz nos permite nos comunicar com amigos, família e o mundo ao nosso redor, por isso perder a fala é tão devastador", diz o neuroengenheiro Nima Mesgarani, um dos autores da pesquisa.

"Com esse estudo, há uma eventual maneira de restaurar esse poder. Mostramos que, com a tecnologia certa, o pensamento dessas pessoas pode ser decodificado e entendido por qualquer ouvinte."

Para reproduzir a fala, os cientistas utilizaram um instrumento conhecido como vocoder, que é um algoritmo de computador capaz de sintetizar a voz após ser treinado com gravações de pessoas falando. "É a mesma tecnologia usada pelo Amazon Echo ou pela Siri, da Apple, para dar respostas verbais às nossas perguntas", explica Mesgarani.

Para ensinar o vocoder a interpretar atividades cerebrais, a equipe da Universidade de Columbia fez experimentos com pacientes que sofrem de epilepsia e que estavam passando por cirurgias no cérebro e, por isso, já tiveram seus crânios abertos.

"Pedimos a esses pacientes que ouvissem frases ditas por pessoas diferentes enquanto mediamos os padrões

das atividades cerebrais", diz Mesgarani. "Esses padrões neurais treinaram o vocoder."

Em seguida, esses mesmos pacientes ouviram uma gravação contando de 0 a 9, enquanto seus sinais cerebrais eram registrados e enviados ao vocoder por meio de redes neurais - um tipo de inteligência artificial capaz de imitar a estrutura dos neurônios de um cérebro humano.

O resultado foi uma voz robótica recitando os mesmos números ouvidos pelos pacientes. "O sensível vocoder e as poderosas redes neurais reproduziram os sons ouvidos originalmente com surpreendente precisão", afirma Mesgarani. No site da Universidade de Columbia, é possível ouvir o que parece um robô contando de 0 a 9 em inglês.

A equipe de neuroengenheiros quer agora tentar reproduzir palavras e sentenças mais elaboradas e, em seguida, fazer os mesmos testes usando sinais cerebrais emitidos quando uma pessoa



Pesquisa. Cientista conseguiu decodificar pensamentos

fala ou quando imagina que está falando.

O objetivo final, segundo Mesgarani, é transformar essa tecnologia num sistema que possa ser implantado no cérebro do paciente e traduzir pensamentos em palavras.

"Nesse cenário, se o paciente pensar 'eu preciso de um copo de água', nosso siste-

ma poderá captar os sinais cerebrais gerados por esse pensamento e transformá-los em fala verbal sintetizada", explica o cientista. "Isso seria um divisor de águas. Daria a qualquer pessoa que perdeu a capacidade de fala, seja por lesão ou doença, uma nova chance de se conectar ao mundo a seu redor."

10/02/2019

CONTINUAÇÃO DA CAPA. PARA YAMANDÚ, DISCO DESENVOLVEU PERSONALIDADE NATURALMENTE

Diversidade sonora

GABRIEL BOIERAS/ DIVULGAÇÃO

Renato Félix

O violino de Ricardo Herz e o violão de Yamandu Costa marcaram o encontro no estúdio da casa de Yamandú, no Rio. Mas decidiram fazer um disco todo autoral. Há parcerias, músicas só de Herz e outras só de Yamandú.

"Na primeira sessão de gravação, em dois dias, fizemos oito músicas", conta Yamandú. "A partir dessas oito músicas, o álbum ganhou uma cara, uma característica. A gente encontrou um som, encontrou uma maneira de tocar no estúdio também...".

O resultado deixou a dupla animada. "Mas a gente pensou: Puxa, vai ficar faltando música. A gente vai precisar se encontrar mais uma vez pra gravar mais quatro faixas", lembra o violonista. "E aí, essa outras quatro faixas a gente compôs".

“Mesmo você preparando muito um álbum... A unidade do álbum, mesmo que ela seja pensada, às vezes foge um pouco do nosso alcance. Tem uma coisa mística ali, uma coisa que acontece porque acontece, entendeu? Não é sempre, não é todos os álbuns que têm esse encaixe. Quando acontece a gente fica muito feliz.

Yamandú Costa. Violonista



Gravação. Ricardo Herz e Yamandú Costa: oito músicas em dois dias, depois mais quatro para completar o disco

E essas novas composições já surgiram no espírito da diversidade sonora que o disco vinha apontando. "Compomos músicas com características que faltavam no álbum", conta Yamandú. "Então o álbum

está redondinho, rapaz. Você escuta ele de ponta a ponta... Tá supergostoso, tô muito feliz com o resultado".

Yamandú Costa é um homem de parcerias. "Ele tem esse estúdio na casa dele e sempre

que chega um amigo no Rio, ele chama para gravar lá", conta Herz. Essa produção o faz ter alguns discos "na manga": vai gravando, depois espera o momento ideal de lançar. O disco com Ricardo Herz ficou tão ao gosto da dupla que eles decidiram mostrá-lo logo às pessoas. Os elogios não tardaram: o disco foi apontado como um dos melhores álbuns instrumentais do Brasil em 2018. Um encontro que rendeu ainda mais do que se esperava.

Templo deu lugar a urbanização

Outra igreja que também deixou de existir foi a do Rosário dos Homens Pretos, que ficava no atual Ponto de Cemitério. O prédio havia sido erguido no século XVIII. "Naquela época, existia a irmandade do Rosário, que foi extinta porque o Brasil se tornou laico. Após a Proclamação da República, as irmandades foram se desfazendo", ressaltou.

A Igreja do Rosário dos Homens Pretos foi demolida por conta da necessidade de urbanização e ocorreu no governo de Camilo de Holanda. "Ele actuou por bem solicitar ao bispo e houve uma negociação. A igreja foi vendida à Prefeitura. Aliás, todas as igrejas demolidas eram reconstruídas em outro local", frisou. Augusto



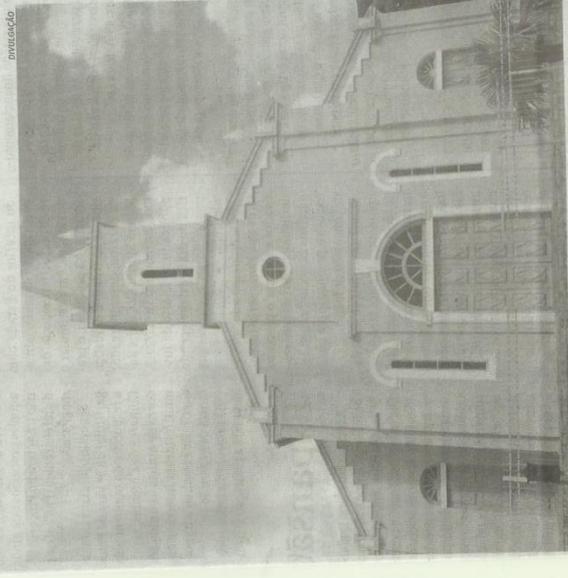
Registra. Foto antiga da Igreja do Rosário, localizada em Igarapé

Demolida e reerguida

Em 1924, foi demolida a Igreja Mãe dos Homens, que ficava na Praça Antônio Pessoa, bairro de Iambá. "Quando houve a urbanização da Lagoa em direção a Iambá, a igreja ficava no meio da passagem. Foi demolida e substituída pela Igreja Mãe dos Homens de hoje", lembrou o coordenador de Cultura da Arquidiocese da Paraíba, Augusto Moraes.

Ainda conforme os relatos históricos, em 1929 foi demolida uma igreja que ficava no Palácio da Redenção, a Igreja da Conceição. A medida foi tomada quando houve uma modernização do Palácio.

"Na verdade, a construção do prédio que já havia sido a antiga Casa dos Jesuítas. A igreja foi substituída pela Igreja da Conceição, que fica próximo ao Cemitério Senhor da Boa Sentença e foi inaugurada em 1930. **LM**



No Varadouro. A Igreja da Conceição foi erigida substituindo a que existia no Palácio da Redenção

HISTÓRIA DE ALGUNS TEMPOS ANTIGOS SÓ RESTAM RELATOS E REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Progresso mudou igrejas da Capital

Lucilene Meireles

Ao longo do tempo, com a chegada do progresso e a necessidade de ampliar os espaços urbanos, pelo menos quatro igrejas que existiam no Centro de João Pessoa tiveram que ser demolidas. Das antigas construções, restam apenas alguns registros fotográficos e os relatos de quem se aprofundou na história dos templos religiosos.

A última a ser extinta foi a Igreja das Mercês, há 74 anos. "A igreja das Mercês foi demolida no ano de 1945. Ela ficava localizada bem no meio da Praça 1817, paralela à Assembleia Legislativa, com a frente virada para a Praça", comentou Augusto Moraes, coordenador de Cultura da Arquidiocese da Paraíba.

Ele contou que, após a demolição, a igreja foi substituída pela construção atual. O novo templo que ganhou o mesmo nome fica na Rua Padre Weira, também no Centro da Capital, descida para a Lagoa.

Pouco conhecido o primeiro templo a ser demolido, no entanto, foi a Igreja Ermida dos Presos, que ficava no prédio onde funcionou o antigo Cinema Municipal, na Rua Visconde de Pelotas, esquina com a Rua Barão do Abaí. Em frente, conforme contou o coordenador, ficava a antiga cadeia pública. Desta igreja não existe nenhuma referência fotográfica. O templo foi demolido no século XIX.



Na fachada de Pelotas. A Igreja Ermida dos Presos deu lugar ao antigo Cinema Municipal. No local, hoje funcionam lojas

Dameres: "Vamos ensinar meninos a mandar flores e abrir as portas"

Folhapress

De Brasília

A ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, defendeu ontem que o governo adote ações nas escolas para ensinar meninos a levarem flores e abrirem a porta do carro para as mulheres.

Ela defendeu que sejam adotadas ações nas escolas para ensinar meninos a amar e respeitar as meninas no Brasil. "Vamos ensinar nossos meninos na escola a levar flores para as meninas, por que não? A abrir porta do carro para a mulher, por que não? A se reverenciar para a mulher, por que não? Não vamos estar dessa forma colocando a mu-

lher em situação de fragilidade, mas elevar a mulher para um patamar de ser especial, pleno e extraordinário. E é isso que queremos fazer na escola."

A declaração ocorreu durante evento em alusão ao Dia Internacional da Mulher e foi feita no momento em que ganha força a visão da data não como uma oportunidade de dar uma flor à mulher, mas de

discutir questões como desigualdade de gênero.

No evento comemorativo, a ministra assinou um acordo de cooperação técnica com o ministro Sérgio Moro, da Justiça e Segurança Pública, para tentar aumentar o uso de equipamentos como tornozeleiras eletrônicas e botão do pânico na prevenção de casos de violência doméstica.

Apesar da medida, ela defendeu que sejam buscadas outras iniciativas. "Vamos ver onde a rede de proteção está errando. Não adianta ter excelente delegacia para a mulher se a vara de proteção não está funcionando. Não adianta ter tornozeleira se a rede de proteção não está funcionando", afirmou.

Venezuela no escuro

Folhapress

De São Paulo

O governo da Venezuela anunciou o fechamento de escolas e a suspensão do dia de trabalho ontem, por falta de energia em Caracas e em outras grandes cidades do país.

O apagão começou às 16h50 (17h50 em Brasília) de quinta e até o final da tarde de ontem, o fornecimento já tinha sido restabelecido em parte de Caracas e alguns estados. O problema foi causado por falhas na principal hidrelétrica do país.

O presidente Nicolás Maduro "suspendeu as aulas e o dia de trabalho hoje para facilitar os esforços de recuperar o fornecimento de energia elétrica no país", avisou a vice-presidente Delcy Rodríguez em sua conta no Twitter.

De acordo com a imprensa local, o apagão afetou praticamente toda a Venezuela, com cortes em 23 dos 24 estados, incluindo Zulia, Táchira, Mérida e Lara (oeste), Miranda, Vargas, Aragua e Carabobo (centro-norte), Cojedes (centro), Monagas e Anzoátegui (leste) e Bolívar (sul).

No Twitter, Maduro acusou os Estados Unidos pelo apagão: "A guerra elétrica anunciada e dirigida pelo imperialismo americano contra nosso povo será derrotada. Nada nem ninguém poderá vencer o povo



Em Caracas. Em alguns bairros, energia chegou a voltar, mas faltou novamente logo depois

de Bolívar e Chávez. Máxima união dos patriotas".

A estatal elétrica Corpoelec também acusou uma ação intencional. "Sabotaram a geração na (central hidrelétrica de) Guri... Isso faz parte da guerra elétrica contra o Estado. Não permitiremos", publicou a empresa no Twitter.

A luz foi cortada em Caracas no fim da tarde, afetando serviços como o metrô. Na capital, com altos índices de criminalidade, a população voltou para casa na luz do dia. Houve painéis de protesto pela situação.

"Já estamos cansados, esgotados", declarou à AFP Estefanía Pacheco, mãe de duas crianças, obrigada a andar 12 km entre seu trabalho como executiva de vendas, no oes-

te da capital, até sua casa, no oeste.

Por volta da meia-noite, a vice-presidente Delcy Rodríguez denunciou um "ataque de grande envergadura" e disse que a energia havia voltado aos estados de Bolívar, Anzoátegui, Monagas e Nueva Esparta, no leste do país. No início da madrugada de sexta, mais de oito horas após o corte, alguns pontos da zona leste da capital voltaram a ter energia elétrica.

Situação caótica. Os apagões são comuns na Venezuela, onde a economia está em colapso, com falta de alimentos e remédios, além de grande êxodo de venezuelanos. Mais de três milhões de cidadãos já deixaram o país desde o início da crise.

Entenda

Guri, em Bolívar, é uma das maiores represas geradoras de energia da América Latina, atrás apenas da de Itaipu, entre Brasil e Paraguai.

Em um país onde a inflação deve atingir os 10.000.000% em 2019, a falta de energia também paralisa o comércio, impedindo as transações eletrônicas, hoje utilizadas até para as compras de valor frímo.

Vilão na 'guerra' contra o peso

Agência Brasil
De Brasília

Há décadas, a ciência busca descobrir por que é tão difícil manter o peso atingido após sacrifícios de uma dieta bem-sucedida e por que é tão fácil recuperar o peso perdido. Uma pesquisa, que contou com a participação de brasileiros, encontrou uma resposta. O hormônio do crescimento GH (do inglês growth hormone), que é responsável pelo desenvolvimento ósseo e aumento da estatura, também atua diretamente para evitar a perda de peso. Quando uma pessoa tem restrição alimentar, o corpo entra em uma espécie de "modo econômico" e começa a guardar energia, além de aumentar a fome.

"", explicou da Universidade de São Paulo (USP) e um dos autores do estudo.

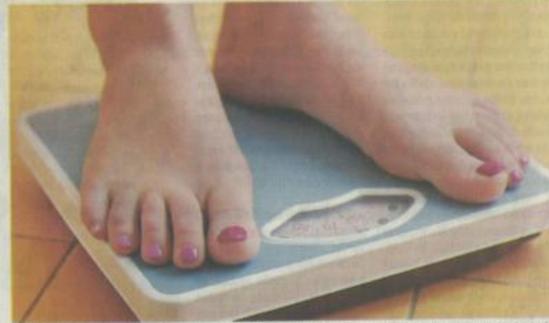
Já era conhecido que o GH está ligado ao desenvolvimento ósseo e ao aumento de estatura e é encontrado em grande quantidade nos músculos, no fígado, em tecidos e órgãos diretamente envolvidos no metabolismo de crescimento. Com este estudo, descobriu-se que o cérebro também está repleto de receptores desse hormônio. Os resultados foram publicados na revista científica *International Nature Communications*.

Antes, acreditava-se que a leptina fosse o principal hormônio a entrar em ação para conservar energia em casos de limitação alimentar. Quando há perda de peso, caem os níveis de leptina em circulação na corrente sanguínea. A leptina é um hormônio produzido pelas células do corpo que armazenam gordura. Quando começa a perder gordura, os níveis de leptina caem muito

e o cérebro sente essa queda e ativa os mecanismos de fome e economia de energia", explicou Donato.

Experimentos. Segundo o pesquisador, há cerca de 15 anos foram tentados experimentos de administração de leptina para quem estava em processo de emagrecimento para observar se havia melhora na manutenção da perda de peso. "Esses experimentos foram muito influentes na época, mas infelizmente deram resultados bastante negativos. Ficou uma pulga atrás da orelha. Como que o hormônio que regula o metabolismo, quando perde peso, não consegue emagrecer", disse. A descoberta mais recente revela que há uma forma redundante de o organismo para evitar essa perda.

Donato explicou que essa retenção de energia pode ser vista como algo positivo do ponto de vista da evolução da espécie, pois, se o corpo entende que há restrição de comida, ele é capaz de gastar menos energia e dá mais sobrevivência àquele organismo. Esse mecanismo, no entanto, atrapalha os sucessos das dietas alimentares. "Toda vez que o indivíduo engorda e tenta emagrecer, a ação desses hormônios (GH e leptina) atrapalham o emagrecimento



Perfeito. Se o corpo entende que há redução de alimento, se programa para gastar menos energia

redundante do organismo para evitar a perda de peso por meio do GH e da leptina aponta para uma possível administração combinada dos dois hormônios. Para isso, no entanto, são necessários testes clínicos. "Infelizmente, a gente ainda não dispõe desse tipo de remédio. Nós testamos uma droga no nosso estudo. Essa droga conseguiu realmente aumentar o gasto de energia durante a privação alimentar, mas a gente não avaliou efeitos colaterais. A gente já prevê que ela poderia ter efeitos colaterais porque bloqueava o hormônio do crescimento no corpo todo", ponderou.

“A gente se deparou com uma função completamente nova desse hormônio. Durante uma condição em que você não come o suficiente, está fazendo dieta, esse hormônio é secretado. Isso a gente já sabia, mas o que a gente descobriu é que ele acaba agindo sobre neurônios que estimulam a fome e, provavelmente, não só estimulam a fome, como também são capazes de regular o nosso metabolismo energético”

José Donato Júnior, Professor do ICB-USP

ne esse "modo econômico" do corpo. "Do ponto de vista evolutivo, toda vez que a gente tenta perder peso isso liga uma sirene de alerta como se fosse um perigo. Se a gente conseguisse impedir que isso ligasse, nada aconteceria

para perder peso, ou você gastaria energia ou come menos. Se gasta mais energia, claro que isso facilita muito o processo", disse.

O trabalho faz parte do projeto temático "Ação do hormônio do crescimento no sistema

AB | CORREIO

GERAL | Paraíba | Domingo, 10 de março de 2019

Prefeitura inicia campanhas

Da Redação

O Procon-JP e a Semam-JP dão o pontapé inicial às campanhas educativas específicas para o consumo sustentável. O projeto 'De bem com a vida' tem o objetivo de conscientizar a população a manter João Pessoa uma cidade agradável e estimular práticas ecológicas corretas para o bem-estar de todos e, como primeiro alerta, evitar o uso indiscriminado de um dos maiores vilões do meio ambiente: o plástico nosso do dia a dia, a exemplo dos canudinhos.

Para viabilizar as campanhas do consumo sustentável, a Secretaria Municipal de Proteção e Defesa do Consumidor e a Secretaria Municipal do Meio Ambiente vão trabalhar com outros parceiros. "Vamos atuar com outros parceiros, a exemplo de organizações da sociedade

civil, para que possamos fazer grandes campanhas ao longo de todo este ano", explica o secretário Helton Renê.

Ele acrescenta que o canudinho será o primeiro tema, mas outros produtos à base de plástico também estão na mira, como copos, pratinhos e sacolas. "Vamos conversar, inclusive, com fornecedores de bem e serviços. Já com a ideia da elaboração de um TAC junto a bares, restaurantes e similares da Capital para discutir esta questão e acharmos uma solução viável e que contemple a todos", esclarece o titular do Procon-JP.

Força e fragilidade. O secretário do Meio Ambiente do Município, Abelardo Jurema Neto, vibra com a parceria. "O meio ambiente é responsabilidade de todos e procurar alternativas é um dever. "A ideia de ambiente sustentável, hoje, é sua maior



força, mas, paradoxalmente, é também sua maior fragilidade, porque se trata da

consciência individual, que é muito mais difícil de se adquirir, como é o caso do

consumo de alguns artigos extremamente nocivos à natureza, a exemplo do canudinho de plástico, que é jogado diariamente às toneladas nas orlas de todo mundo. E parcerias com ações educativas/preventivas é um dos caminhos para a conscientização do indivíduo".

Abelardo Jurema acrescenta que há uma tendência mundial e, aqui, no Brasil, o Rio de Janeiro já baniu o canudinho de plástico através

de legislação. "Afirmo que a parceria Semam/Procon-JP para o consumo sustentável é uma força motriz e, através dessas campanhas, tenho certeza que vamos, de forma imediata, provocar a reflexão no cidadão sobre o uso irresponsável do canudinho e, a médio prazo, fortalecer a convicção da necessidade de banir esse objeto de nossas vidas. E, então, a sociedade como um todo vai ganhar em qualidade de vida".

PROJETO DE LEI

> Segundo informações de Helton Renê, a Câmara Municipal de João Pessoa deve votar ainda neste primeiro semestre, o Projeto de Lei do vereador Tanilson Soares, que propõe que restaurantes, bares, lanchonetes e similares forneçam apenas canudos de material biodegradável, reciclável e/ou reutilizável. "Existe a possibilidade mais que real de termos uma lei que regule essa questão, mas, independente disso, faremos a campanha junto à população para que todos tomem consciência".



Pior. O plástico dura muito, por isso, é um dos maiores vilões da poluição, sobretudo nos mares

Atitude do consumidor. Helton Renê sugere ao consumidor que também entre na briga por um mundo melhor. "Tudo é uma questão de

informação e conscientização. As pessoas devem saber que o plástico é muito nocivo para o meio ambiente e deve procurar também suas alter-

nativas. Como sugestão, o consumidor pode levar seu próprio canudinho, daqueles de alumínio ou inoxidável, quando sair de casa com

a intenção de comer e beber. Pode ter certeza que a natureza agradece".

O secretário adianta que outros temas serão tratados nas campanhas educativas direcionadas ao consumidor consciente.

"O Procon-JP e a Seman têm outras ideias de campanhas como aumentar o plantio de árvores na cidade de forma coordenada, descarte de remédios e produtos médicos em local apropriado nas farmácias etc. Já existem leis municipais que norteiam esses assuntos. Para nós, isto é apenas o começo. Sabemos que o processo de consciência é lento, mas que tem que ser iniciado e isso o Procon-JP e a Seman já estão fazendo", finaliza Helton Renê.

16/03/2019

Extorsão para o tráfico

ARCA GEMINIANO

Ainoá Geminiano

Sem mercado para agiotagem em seu país, colombianos invadiram o Brasil para emprestar dinheiro e cobrar juros abusivos de pequenos comerciantes, arrecadando dinheiro para financiar o tráfico de drogas na Colômbia. O esquema batizado de "Cobro" já chegou em 12 estados, conforme revelou a investigação e começou a ser desmontado ontem pela Polícia Federal (PF), que deflagrou a Operação Sicário, prendendo duas pessoas na Paraíba (em João Pessoa e Patos), uma no Amapá e ainda procura por dois foragidos. Segundo a PF, em apenas três meses, os colombianos faturaram quase R\$ 2 milhões com o esquema, somente na Paraíba.

Em entrevista coletiva, o delegado federal Fabiano Emídio de Lucena Martins, explicou que o esquema é bastante organizado, com um "chefe" em cada Estado e dois níveis de operadores abaixo, que atuam junto aos comerciantes. "O dinheiro é emprestado a pequenos empresários em dificuldade, com acordo de pagamentos de juros abusivos por dia, por semana ou por quinzena. Além do chefe, há um segundo escalão de gerentes, que guardam provisoriamente, contabilizam e repassam o dinheiro arrecadado. Na base do esquema há os chamados 'pelados', que são pessoas em motos, responsáveis por fazer a cobrança e arrecadação dos pagamentos.

Caso algum credor não consiga pagar, são ameaçados com armas e muita violência", explicou.

Para controlar a contabilidade do esquema, os colombianos utilizavam um aplicativo de computador, que já existe no mercado e foi adaptado ao esquema criminoso.

"Ainda não sabemos o montante total do que foi movimentado pelos colombianos, desde que começaram a operar na Paraíba. Mas uma análise inicial no aplicativo usado por eles encontramos um faturamento de aproximadamente R\$ 1,7 milhões, em um intervalo de cerca de três meses. Nesse mesmo período, eles faturaram R\$ 3 milhões, em Pernambuco. Para dificultar eventuais flagrantes, eles dividiam o valor em pequenas quantidades e guardavam em diversos lugares, conforme encontramos durante as buscas", acrescentou o delegado.

Mortes

O delegado ressaltou que não há registro de comerciante que tenha sido assassinado pelos colombianos, na Paraíba.

Coletiva. Delegados revelaram que em 3 meses, colombianos faturaram quase R\$ 2 milhões na Paraíba

Nas primeiras horas da manhã de ontem, 30 policiais federais foram às ruas da Paraíba e Amapá para cumprir sete mandados de busca e cinco mandados de prisão. Duas pessoas foram presas na Paraíba, sendo um colombiano e um paraibano, outro colombiano foi preso no Amapá e dois continuavam foragidos até o fechamento desta edição. Computadores, celulares e dinheiro foram apreendidos e serão examinados pela PF.

Justiça bloqueia R\$ 550 mil da Aliança

Wênia Bandeira

A empresa Aliança Comunicação e Cultura teve o valor de R\$ 550 mil bloqueado em sua conta após decisão judicial assinada pela juíza Ana Carmem Pereira. A quantia é destinada para possível pagamento de indenização aos familiares de um rapaz assassinado dentro do Parque do Povo, durante o Maior São João do Mundo, em 2017.

Segundo o despacho, o valor corresponde à metade do que é atribuído a causa. A decisão se deu em razão do envolvimento da empresa em possíveis crimes que teriam sido praticados entre 2002 e

2010 através de contratos com o Sistema S, que está em investigação na operação fantoche, da Polícia Federal.

A juíza explicou que a investigação e a prisão de seu administrador, Luiz Otávio Vieira da Silva, provavelmente refletirá na própria situação

financeira da empresa. Com isso, achou por bem bloquear a quantia para o caso de ganho de causa da ação de indenização por danos morais. "... provavelmente refletirá na própria situação financeira da empresa, senão perda de bens, propriamente dito,

ao menos prejuízo financeiro ante a mancha em sua credibilidade causada pela investigação criminosa de que envolvida, que ao tempo do provimento final, caso procedente o pleito autoral, possivelmente dificultará a execução da condenação. Dito isto, vislumbro a presença do perigo de dano ou risco ao resultado útil do processo", diz a magistrada em sua decisão.

Os autores pediram também o bloqueio da outra metade da causa nas contas da prefeitura municipal de Campina Grande. Como a Prefeitura Municipal de Campina Grande não é investigada na operação, Ana Carmem Pereira indeferiu o pleito.



Durante a festa, Davyson Oliveira Barbosa foi assassinado em junho de 2017

ENTENDA O CASO

Davyson Oliveira Barbosa foi assassinado próximo à pirâmide do Parque do Povo, no dia 19 de junho de 2017, por volta de 1h da madrugada, durante a realização dos festejos juninos. Ele foi atingido por uma facada durante o show do cantor Wesley Safadão. O CORREIO tentou contato com a empresa Aliança, mas até o fechamento desta matéria as ligações não foram atendidas.

06/04/2019

Axé abre, sofrência fecha

Wênia Bandeira

A programação oficial do Maior São João do Mundo 2019 foi lançada oficialmente ontem, no Teatro Facisa, em Campina Grande. A cantora baiana Ivete Sangalo é a grande novidade para este ano, que contará ainda com artistas sertanejos e nomes da música gospel. A baiana será a responsável por abrir o evento no primeiro dia de festas no palco principal do Parque do Povo. No mesmo dia, estarão Os 3 do Nordeste, Genival Lacerda e Biliu de Campina. No encerramento, a atração principal será Marília Mendonça.

A programação segue com nomes como Flávio José, Dorigival Dantas, Joelma, Mateus e Kauan, Gustavo Lima, Nando Cordel, Alceu Valença, Ma-

rio Walter e Wesley Safadão. Entre as atrações religiosas estão Padre Antônio Maria e Padre Nilson Nunes.

Elba Ramalho estará, como já havia sido divulgado, no dia 23 de junho, véspera de São João. Os demais artistas do dia que se apresentarão serão noticiados pela própria cantora que contará com convidados para festejar a data mais importante do evento.

A festa de aniversário da Rádio Correio FM será realizada no sábado, dia 15 de junho. A animação ficará por conta de Xand Avião, Coroné Grillo, Loirão, Forró Coco Seco e ainda um Grupo Folclórico. A emissora também comemora 36 anos no ar.

O Parque do Povo vai abrir todos os sábados e domingos. O objetivo é fazer com que os turistas e pessoas que normalmente não partici-

pam do São João conheçam o Quartel General do Forró, além de promover mais rendimentos para os barraqueiros. E os grupos folclóricos estão em todos os fins de semana e dias de maior fluxo de pessoas no evento. O prefeito Romero Rodrigues explicou que esta é uma forma de resgatar a cultura para as festividades.

"Acho que é uma programação fantástica que atende a todos os gostos e fará mais uma vez de Campina o palco do cenário de eventos culturais. Estou muito otimista que faremos a maior edição de todos os tempos", declarou Romero Rodrigues.

Além disso, a festa vai ser ampliada nos distritos de Galante e São José da Mata. Mais trios de forró serão contratados para que a música pé de serra siga sempre até as 18 horas, mostrando a cultura paraibana.

O lançamento do Maior São João do Mundo contou com apresentação de Isaías Vicente, cantando Jackson do Pandeiro. Ele será um dos homenageados, lembrando que em 2019 Jackson completaria 100 anos de nascimento.

Capilé interpretou músicas conhecidas do forró local e



Lançamento. O prefeito Romero Rodrigues destacou que a programação atende a todos os gostos

o lançamento teve ainda a presença do Grupo Acauã da Serra, com o número de dança 'Sequência Nordestina'.

Museu. O Parque do Povo terá ainda um local destinado para o Museu do Maior São João do Mundo. A ideia é contar toda a história dos 36 anos do evento, entrando em detalhes de local onde era

realizado no início e quem animava.

Festivais de quadrilhas. Começa no dia 8 de junho, o Festival das Estrelas Juninas. Na ocasião, serão escolhidas a escolha da rainha do São João, do melhor casal de noivos e melhor casal junino de Campina Grande e da região Agreste.

Nos dias 9 e 10, acontece o Festival de Quadrilhas Juninas do Agreste, com a etapa Paraíba Junino. Serão 15 quadrilhas representando 12 cidades da região. Já nos dias 13 a 14 de junho, será realizada a XXI edição do Festival Campinense de Quadrilha Junina. Toda a programação acontecerá na Pirâmide do Parque do Povo.

MISSÃO DA FUNAI. GRUPO DE 34 ÍNDIOS DA ETNIA KOBUBO FOI LOCALIZADO; HAVIA RISCO DE CONFLITO ENTRE ETNIAS DIFERENTES

Contato com índios isolados

Folhapress

De Brasília

Um grupo de 34 índios isolados da etnia korubo foi contatado em uma expedição realizada pela Funai (Fundação Nacional do Índio), o que reduziu as tensões na Terra Indígena Vale do Javari, na fronteira com o Peru, informou ontem o órgão indigenista. O grupo, de 17 mulheres e 17 homens, entre adultos e crianças, corria risco de um conflito com índios da etnia matís.

"Não houve nenhum tipo de resistência ou confronto, pelo contrário, foi um contato super pacífico. Esses índios

reencontraram seus irmãos, suas irmãs, seus parentes antigos, seus sobrinhos e agora um universo novo que vai ser aberto de diálogo com esses povos que passam a um contato mais perene e intermitente com o Estado", disse Bruno Pereira, coordenador da missão e da CGIIRC, o setor da Funai em Brasília responsável pela relação com indígenas isolados ou de recente contato.

A expedição, iniciada no final de fevereiro, durou 32 dias desde a chegada a Tabatinga (AM). Após uma quarentena de onze dias para evitar a transmissão de doenças para os indígenas, a equipe trabalhou oito dias na mata atrás de sinais dos índios na região do

Rio Coari, com foco nos ramos que haviam sido localizados em sobrevoados e imagens de satélite. "Mas eles não estavam lá, estavam se deslocando para se alimentar de 'pupunha' e atrás de um cipó que costumam usar. No primeiro momento (em 19 de março) eles não estavam com armas ou bordunas, nós também não. Houve bastante emoção nesse momento", disse Pereira.

"Desde lá estamos entabulando o diálogo com os indígenas e marcando uma nova visita. Não há relatos de doenças até agora, mais de 14 dias (depois). Eles estavam contatados por uma malária, não fomos nós que levamos. Fizemos três exames de malária.

Uma malária suave que ainda não tinha escourado, estava meio encubada, podem ter adquirido pela visita dos matís ou de caçadores que andam perto do Rio Coari", disse Pereira.

A expedição envolveu 30 pessoas, incluindo índios da mesma etnia korubo que foram contatados em momentos anteriores e atuaram como intérpretes, uma equipe da Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena) do Ministério da Saúde, além do apoio remoto do Exército, polícias Militar e Federal e outros órgãos públicos.

Uma expedição de contato dos índios, conhecidos como "korubo do Coari", em refe-

APROXIMAÇÃO

> A política do Funai com índios isolados tem sido de não contato para evitar transmissão de doenças e outros problemas. Mas devido ao risco de conflitos e mortes, a missão foi desencadeada com êxito.

rência ao rio homônimo da região, vinha sendo pedida há mais de quatro anos por indígenas matís, que chegaram a invadir uma base da Funai na região, em 2016, a fim de pressionar o órgão. Além disso, korubos contatados em anos anteriores também passaram a demandar um encontro com seus parentes ainda isolados.

A operação foi desencadeada porque os matís voltaram a alertar a Funai, em

uma carta à presidência do órgão, sobre o risco de confronto iminente com os isolados. Em 2014, um choque entre as duas etnias deixou dois matís mortos e um número indeterminado de vítimas entre os korubos. A Funai informou na época que ocorreu um massacre de índios que oito deles morreram no revide. O órgão temia que um massacre pudesse se repetir a qualquer momento.

ENERGISA BORBOREMA
DISTRIBUIDORA DE ENERGIA S.A.

20/04/2019

CRISTÃOS MANTÊM A ESPERANÇA POR SABER QUE ELE RESSUSCITARÁ

Via Sacra reforça a fé dos católicos

Barbara Wanderley

Desde a última quinta-feira a Igreja Católica celebra, no mundo inteiro, o Tríduo Pascal, considerada a parte mais importante da Semana Santa. Ontem, Sexta-feira Santa, foi celebrada a Paixão de Cristo, no único dia da semana em que não ocorre a Santa Missa.

"A experiência da Sexta-feira Santa é a experiência da entrega total por amor. Uma experiência que Deus testemunha para nós, entregando seu próprio filho e nos convidando também a, por amor a Deus, nos entregarmos a causa do Senhor", afirmou o Monsenhor Robson Mello, que participou da celebração da Via Sacra, ocorrida às 9h, na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves.

Em sua fala aos fiéis, o monsenhor lembrou que, apesar da tristeza pela morte de Jesus, os cristãos mantêm a esperança por saber que ele ressuscitará. Maria, no entanto, não sabia disso, por isso sofreu muito pela morte do seu filho. "Por isso nos solidarizamos com Nossa

Senhora das Dores", disse o Monsenhor.

Segundo ele, o primeiro momento, da Via Sacra, é um alimento da espiritualidade para que em seguida, os fiéis possam vivenciar o Ofício da Agonia, realizado ao meio-dia e a Procissão do Senhor Morto, realizada às 15h.

Sábado de aleluia. Este é o dia da chamada Vigília das Vigílias. Na noite do Sábado de Aleluia (ou Sábado Santo) a Santa Missa é marcada por momentos importantes: bênção do fogo (Liturgia da Luz) e o batismo de novos cristãos (Liturgia do Batismo). Nesta celebração, rica em simbolismos, todas as luzes da Igreja são apagadas e apenas o Círio Pascal é aceso. A partir dele, todos vão acendendo suas velas. "O Círio representa a Luz de Cristo e, a partir dele, temos vida, temos luz", diz Dom Delson. Na Missa também são batizados novos cristãos, normalmente jovens e adultos pertencentes à comunidade, que passaram pela devida preparação.

A noite do Sábado de Aleluia marca a Vigília pela ressurreição do Senhor, celebrada no Domingo de Páscoa. Na Ca-

tedral, a Missa do Sábado será às 19h.

Domingo de Páscoa. O Domingo de Páscoa é a grande festa da Igreja, dia que se celebra a ressurreição de Jesus. "Páscoa vem do hebraico - Pessach - que significa passagem; é a passagem da morte para a vida! Com a ressurreição, Jesus nos mostra que as trevas jamais vencerão e que o amor de Deus sempre triunfará. Nós devemos celebrar a Páscoa com a passagem para uma nova vida, transformada, livre do pecado, dispostos a uma verdadeira conversão. E tudo isso foi proposto e vivenciado durante o Tempo da Quaresma", comenta o Arcebispo da Paraíba.

O Tempo Pascal se estende por 50 dias, até a Festa de Pentecostes, que marca o dia em que os discípulos receberam o Espírito Santo. Este ano, Pentecostes será celebrado no dia 9 de junho e a Arquidiocese da Paraíba prepara um grande evento, que deve reunir milhares de pessoas no ginásio O Ronda.

Na Catedral, Dom Manoel Delson preside a Missa das 9h da manhã. Outras Missas serão celebradas às 6, às 11h e às 17h. Tradis

21/04/2019

Paraná | Domingo, 21 de abril de 2019

Moradores se arriscam em travessia de ponte

PARANÁ O RIO

Aline Martins

"Já caí três vezes quando estava atravessando. Uma delas foi de noite e eu quase ia morrendo porque fiquei presa em uma das tábuas que fica no meio da ponte. A minha sorte foi que, pouco tempo depois, vinha atrás um casal e me ajudou a sair. Foi muito ruim, mas a gente precisa passar. Não tem outro jeito". O relato é da aposentada Claudete Cavalcante que mora na comunidade da Usina há mais de 50 anos e todos os dias atravessa a ponte improvisada que liga o Centro de Santa Rita às comunidades. Assim como ela, diariamente dezenas de pessoas usam o espaço como alternativa de passagem, que inclusive já foi assunto da reportagem do CORREIO, em 12 de setembro de 2017.

Naquela época, a situação já era complicada porque a ponte várias vezes se desprende das margens e deixou a população isolada. Passados quase dois anos, a situação se tornou ainda mais crítica. A aposentada Claudete Cavalcante informou que a ponte improvisada foi construída pela própria comunidade. "Ninguém dá RS para ajudar. É só quem mora que faz. A gente não tem como ir por outros lugares porque fica muito distante. O jeito é passar por essa ponte com medo ou sem medo", afirmou. Ela conta que um dia, as cordas que seguram

sa a travessia a ponte. "A gente queria que consertassem isso e fizesse uma passarela segura para nós moradores. Todo mundo passa com medo", frisou.

Embora more em Tibiri, o agricultor Valter Wanderley César Macedo trabalha em uma casa na comunidade da Usina e todos os dias precisa atravessar essa ponte. "Já me acostumei, mas fico com medo pelas pessoas mais idosas. Teve um dia que deixei minha bicicleta antes de passar na ponte porque tinha uma senhora que estava há um bom tempo tentando passar, mas tinha medo. Eu tive que passar ela para o outro lado porque ela não podia ficar só lá. É bem difícil porque qualquer um pode cambalear e cair dentro do rio", comentou.

Há três anos, a dona de casa Ana Paula Macedo mora na comunidade e relata as dificuldades enfrentadas pelos moradores. "Tem várias pessoas que passam com crianças no braço todo dia, principalmente porque passa muita criança para ir à escola de manhã. Tem uma mulher que tem um filho cadáver e quando ela precisa passar leva ele nos braços e outra pessoa vem com a cadeira. Aqui a gente sofre com essa ponte desse jeito", comentou.

A mãe de Lurizivânia da Silva mora há anos na local e só passa quando as filhas vão bus-




Perigo. Ana Paula Macedo (acima) e Maria Anunciada usam a ponte

FOTOS ASSUNDO LIMA

Zika terá exames rápidos

Agência Brasil

Exames para identificar infecção pelo vírus da Zika em breve vão poder ser feitos em 20 minutos. Pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em Pernambuco, desenvolveram um método simples e 40 vezes mais barato que o tradicional. A expectativa é que chegue aos postos de saúde antes do final do ano, beneficiando, principalmente, os municípios afastados dos grandes centros, onde o resultado do teste de Zika pode demorar até 15 dias. As informações são de um dos criadores da técnica, o pesquisador da unidade Jefferson Ribeiro.

"Tendo em vista que a técnica atual (PCR) é extremamente cara e o Brasil tem poucos laboratórios de referência que podem realizar o diagnóstico de Zika - até um tempo atrás eram ape-

nas cinco, inclusive a Fiocruz de Pernambuco -, uma cidade pequena, no interior do estado, acaba prejudicada. A amostra precisa sair do interior, ir para a capital, para ser processada, enfim, se pensarmos nesses municípios, o resultado pode demorar 15 dias", destaca Ribeiro.

Outra vantagem do novo teste é que pode ser feito por qualquer pessoa nos postos de saúde, não exige treinamento complexo. Com um kit rápido, basta coletar amostras de saliva ou urina, misturar com reagentes fornecidos em um pequeno tubo plástico e depois aquecer em banho maria. Vinte minutos depois, se a cor da mistura se tornar amarela, está confirmado o diagnóstico de Zika, se ficar laranja, o resultado é negativo. Hoje, o teste PCR (reação em cadeia da polimerase), com reagentes importados, é feito com material genético retirado



Agilidade. Novo teste para diagnóstico da zika, além de baratear os custos, tem a vantagem de apresentar o resultado em 20 minutos

Ocorrência

A doença está relacionada à falta de urbanização e de saneamento básico e costuma aumentar nas estações chuvosas.

das amostras, o que demora mais.

O teste elaborado pela Fiocruz Pernambuco é também mais preciso, ou seja, tem uma taxa de erro menor, acusando a doença mesmo em casos que não foram detectados pela PCR.

A expectativa dos pesquisadores é que o kit seja desenvolvido pela indústria nacional, com a participação da Bio-manguinhos, e disponibilizado até o fim do ano. Testes semelhantes já são usados para o vírus da dengue e outras bactérias. "Essa é a nossa pretensão, para facilitar a disponibilidade para o Sistema Único de Saúde", disse Ribeiro.

A expectativa dos pesquisadores é que o kit seja desenvolvido pela indústria nacional, com a participação da Bio-manguinhos, e disponibilizado até o fim do ano. Testes semelhantes já são usados para o vírus da dengue e outras bactérias. "Essa é a nossa pretensão, para facilitar a disponibilidade para o Sistema Único de Saúde", disse Ribeiro.

A Zika é transmitida originalmente por picadas de mosquito, mas também durante a relação sexual desprotegida e de mãe para filho, na gestação.

A doença provoca complicações neurológicas como a microcefalia e a Síndrome de Guillain Barré. Começa com manchas vermelhas pelo corpo, olho vermelho, febre baixa e dores pelos corpos e nas juntas, geralmente, sem complicações.

23/04/2019

MS monitora malária na PB

Da Redação

A área técnica de Vigilância em Saúde da Secretaria de Estado da Paraíba (SES) esteve reunida, ontem, com técnicos do Ministério da Saúde (MS), do EpiSUS e da Secretaria Municipal de Saúde de Conde, com o objetivo de apresentar as ações de combate contra a malária que foram realizadas até o momento no município.

De acordo com a chefe do Núcleo de Doenças Transmissíveis, Dioneia Garcia, a equipe técnica da SES apresentou, de forma cronológica, as ações realizadas pela secretaria, em parceria com o município de Conde, desde o surgimento dos primeiros casos.

A apresentação contemplava tudo o que foi feito com relação à questão ambiental com os vetores em busca da larva, ao tratamento e à busca ativa de novos casos.

"Mostramos também as

estratégias de buscar novos locais de referências para ampliar atendimento e de capacitar mais pessoas para fazer o teste rápido no município. Foi apresentado tudo que a gente conseguiu realizar até agora pra deixá-los cientes do que foi feito e a partir daí eles montaram a programação deles em função dessas informações", conta.

A técnica do Programa Nacional de Controle da Malária do MS, Liana Blume, explica que veio com a equipe do EpiSUS para ajudar na investigação dos

casos de malária e apoiar na busca ativa de possíveis casos, no treinamento dos profissionais de saúde e assegurar a manutenção dos medicamentos, dos testes rápidos e os inseticidas para realização do controle vetorial.

Dioneia conta que a equipe do EpiSUS vai trabalhar em cima das informações apresentadas na agenda desta segunda. "Toda quarta-feira eles irão nos apresentar um relatório do que está sendo feito no município e a reprogramação de ações", conclui.

Contaminação

A transmissão ocorre após picada da fêmea do mosquito Anopheles, infectada por protozoários do gênero Plasmodium. No Brasil, três espécies estão associadas à malária em seres humanos: P. vivax, P. falciparum e P. malariae.



Saúde: Carros fumacê foram usados no trabalho de prevenção e combate ao mosquito transmissor

25/04/2019

Postes viram murais na Capital

Lucilene Meireles

Não é preciso andar muito pelas ruas de João Pessoa para perceber que os postes foram transformados em verdadeiros murais que ostentam cartazes colados, placas e faixas afixadas com anúncios diversos. A Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb) alerta que é proibido colocar qualquer tipo de material publicitário, de divulgação de serviços, entre outros, nos postes, e lembrou que, a partir de maio, 70 novos agentes de controle urbano devem entrar em ação para reforçar a fiscalização. Por sua vez, a concessionária de energia elétrica Energisa adverte sobre o risco de choques elétricos.

As vias de maior movimento na Capital são as preferidas dos anunciantes, a exemplo da Avenida Josefa Taveira, principal do bairro de Mangabeira; Hilton Souto Maior, que corta todo o bairro José Américo até o acesso à Praia da Penha;

além de outras ruas como Avenida Cruz das Armas, no bairro de mesmo nome, e Nossa Senhora de Fátima, na Torre. Por meio da assessoria de comunicação, a Sedurb informou que não notifica os responsáveis. Porém, durante as fiscalizações, todo o material é retirado, já que trata-se de uma irregularidade que vai de encontro ao que estabelece o Código de Postura do Município.

Já a Energisa chama a atenção para o risco de choques elétricos. Daniel de Oliveira Flor, coordenador de construção e manutenção da distribuição da empresa, explicou que está exposto ao perigo quem faz uso indevido dos postes de distribuição de energia. Ele lembrou que, em muitos casos, são utilizados materiais condutores de energia como placas metálicas, utilização de escadas, arames, vergalhões. "Além do risco de acidente na hora da aplicação, aumenta o risco de um problema na rede elétrica daquela região e também dificulta a execução de serviços correti-

“É importante que a população compreenda que mexer em estruturas com rede elétrica é perigoso e pode causar acidentes. Por isso, não é seguro fazer nenhum tipo de intervenção em uma rede elétrica, desde fixar ou mesmo colar algum tipo de cartaz, adesivo, placas, entre outros.

Daniel de Oliveira Flor. Coordenador de construção e manutenção da distribuição da Energisa.



Pelas ruas. Não é difícil flagrar a fixação de cartazes em postes

SEMAM E SEDURB

A Secretaria de Meio Ambiente de João Pessoa (Semam) informou que não trabalha com poluição visual. A reportagem solicitou à Sedurb a quantidade de material recolhido em 2018 e este ano. A assessoria de imprensa informou que os dados foram solicitados, mas nenhuma resposta foi enviada até o fechamento desta edição.

vos ou de manutenção, já que geram dificuldade para acesso das equipes emergenciais da distribuidora", completou.

Inspecões de rotina. A Energisa informou que realiza

inspecões de rotina nas suas redes de distribuição e, sempre que é identificada alguma situação de risco, o responsável é notificado. A empresa destacou que normas e multas sobre esse tipo de ação devem ser

regidas pelo Código de Postura de cada município, através das prefeituras que, normalmente regulam esse tema, em alguns casos com multa, já que também há impactos em poluição visual.

Gol prejudica passageiros

Portal Correio

Um voo com destino a São Paulo foi cancelado na madrugada de ontem, em Campina Grande, e deixou mais de 100 passageiros sem embarque direto para o Sudeste. Segundo alguns passageiros que não embarcaram, a empresa, Gol Linhas Aéreas Inteligentes, teria informado que o motivo do cancelamento se deu por questões meteorológicas e que o avião que deveria pousar no Aeroporto Presidente João Suassuna, em Campina Grande, teve que pousar em João Pessoa devido ao mau tempo.

Um desses passageiros, Allisson Bezerra Pereira, disse ao Portal Correio que estava viajando com destino a Salvador (BA) e iria pegar uma conexão em Guarulhos (SP). "A gente fez check-in em torno das 2h, estava tudo normal, até então não havia ocorrido



Fiscalização. Procon de Campina Grande autuou a Gol por má prestação de serviços aos clientes

Ela falou que a companhia aérea teria oferecido duas possibilidades de embarque para eles: uma era esperar a tentativa de fazer uma

conexão com outro grupo de companhia aérea que sairia às 16h de ontem de Campina Grande; a outra era que os passageiros po-

deriam arcar com o custo do combustível de uma van da empresa até Recife (PE) e de lá pegar um voo para Guarulhos.

27/04/2019

Ambulantes se instalam no HU

Lucilene Meireles
Katiana Ramos

Não é apenas o Centro de João Pessoa que tem sido adotado pelos ambulantes como espaço para instalar seus pontos comerciais. Outro local onde o comércio informal tem se multiplicado é na calçada em frente ao Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), no Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Também há vários atuando ao lado do ambulatório do HU. A Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb) alertou que está realizando fiscalizações em toda

a cidade e, quem estiver irregular, será notificado. Na área interna, porém, a responsabilidade é da Superintendência do Campus.

Entre os produtos disponíveis na área externa, há frutas, verduras e até sandálias. O proprietário de uma das bancas explicou que trabalha no local há mais de um ano e que só atua nas terças e sextas-feiras pela manhã. "Não tenho cadastro na Sedurb, mas passo pouco tempo e só venho duas vezes por semana", afirmou o vendedor Givaldo da Silva Nascimento.

A comerciante Rosângela Figueiredo, que tem um quiosque instalado há 13 anos

em frente ao HU, disse que há ambulantes na área externa, mas também dentro do "muro" do hospital, em frente ao ambulatório.

"Vendem de tudo, quentinha, munguzá, tapioca, cocada, bolo, salgados, refrigerantes. Isso nos trouxe prejuízo, pois pagamos impostos e eles, não. Como ficam mais próximos das pessoas, acabamos perdemos clientes", constatou.

Para Cecília Almeida, dona de outro quiosque, a concorrência é desleal. "As vendas caíram muito e tive que reduzir a quantidade de produtos que comprava para o dia. Precisa de rigidez, ou seja, todo mundo tem que se regularizar", opinou.

Como cliente, Vitor Matias, que atua na área da construção civil, disse que consegue ver o lado de cada um. "Todo mundo tem que ter o seu espaço. Só precisa estar regularizado".

Sedurb vai notificar. A Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb) informou, através da assessoria de co-



Campus I. Alguns comerciantes têm quiosques instalados na parte externa da universidade há mais de 13 anos

Universidade

A assessoria da UFPB reforçou que o ordenamento de ambulantes na parte externa da instituição é de responsabilidade da Prefeitura, por meio da Sedurb. Segundo o superintendente de Segurança, Saint Clair Avelar, no caso dos comerciantes que atuam nas dependências da universidade, há os permissionários. No entanto, com relação aos ambulantes que ficam no interior do Campus, não há normas que proibam a comercialização de alimentos no espaço.

municiação, que tem feito uma série de fiscalizações em relação à ocupação em calçadas, e o alerta é que, quem não estiver regularizado, deve procurar a Secretaria, levando RG, CPF, descrição da atividade. Caso contrário, será notificado e pode ocorrer, inclusive, a apreensão de mercadorias, com base no Código de Postura.

No balço de Mangabeira,

por exemplo, as vistorias feitas pelos agentes de controle urbano estão em andamento, com notificação e autuação de quem está irregular, inclusive lojas que estiverem ocupando as calçadas. No entanto, neste momento, as ações estão concentradas no Centro da cidade, onde a situação estava mais crítica.

A partir de 1º de maio, com a convocação dos 70 aprova-

dos no concurso de agente de controle urbano, o trabalho passa a ser focado nos bairros. A Sedurb reforçou que as fiscalizações são permanentes. No início do ano, entre os meses de janeiro e fevereiro, uma ação pontual foi realizada na orla do Cabo Branco, onde havia uma ocupação grande de ambulantes, e o cenário do local foi modificado, liberando o espaço para pedestres.

PIZA PREVÊ EQUILÍBRIO

Série C do Brasileiro começa hoje

Gabriel Botto

As disputas da Série C do Campeonato Brasileiro começam hoje, com seis jogos, sendo cinco do Grupo B e um da Chave A. Neste ano, um fato curioso: o Grupo A é formado exclusivamente por equipes nordestinas, dando ainda mais emoção a um dos campeonatos mais simpáticos do país. Imperatriz-MA e Globo-RN fazem a partida inaugural da chave, dando início à corrida para ficar entre as quatro equipes que conquistarão o acesso à segunda divisão do futebol nacional.

Sabendo disso, o treinador do Botafogo-PB, Evaristo Piza, falou sobre o equilíbrio de jogar com equipes da mesma região, caracterizando a Série C como "um novo Nordeste". O comandante do Belo falou também da questão logística, visto que as equipes terão uma melhor locomoção, devido às distâncias das viagens, favorecendo a uma melhor recupera-



Quem vai levar? 20 clubes vão tentar ganhar o belo troféu da Série C do Campeonato Brasileiro.

terão jogos pesados. São equipes de tradição, com torcidas apaixonadas, jogos grandes. Vai ser uma espécie de Nordeste. Então, isso é bom, jogos nesse perfil. São 18 jogos e temos que ter uma performance muito boa, sem erros", disse o treinador do Belo.

Paraibanos em campo. Repetindo o ano de 2014, porém de forma invertida, Belo e Galo defenderão a Paraíba na competição. Naquele ano, o Treze havia permanecido na Série C

Série D. Na ocasião, o time de Campina Grande acabou sendo rebaixado, e o Alvinegro da Estrela Vermelha perdeu a vaga no G-4 na última rodada, ficando na 6ª colocação.

Estreia. Depois de cinco anos sem se enfrentarem em competições nacionais, chegou a hora de dois clubes paraibanos duelarem. O Botafogo-PB estreia na competição amanhã, às 17h, no Estádio Almeidão, contra o Ferroviá-

ção acontece na rodada derradeira da competição. Primeiramente, no dia 22 de junho, em João Pessoa, e no último jogo da primeira fase, sem data definida, o duelo será na Rainha da Borborema.

OS JOGOS DE HOJE

GRUPO A

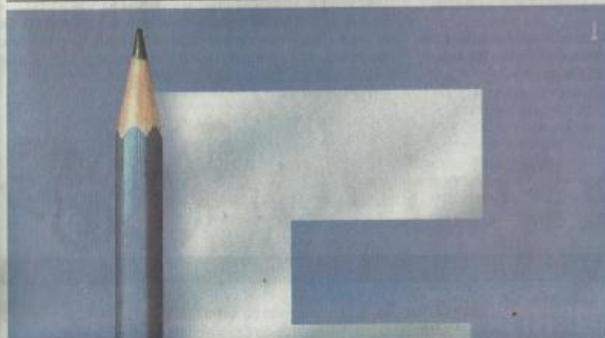
Imperatriz x Globo

28/04/2019

O sonho do acesso continua



Confiança. Com um elenco forte e unido, o Belo quer chegar à Série B do Campeonato Brasileiro



Gabriel Botto

O Botafogo-PB estreia hoje na Série C do Campeonato Brasileiro. Após uma eliminação traumática na edição passada da competição, o Belo aproveita o excelente início de temporada para tentar fazer de 2019, um ano marcado na história da equipe, com a conquista do tão sonhado acesso à Série B do Brasileiro. Às 17h, no Estádio Almeidão, o adversário do Botinha será o Ferroviário-CE, que subiu para a terceira divisão sendo campeão da Série D do ano passado.

Com a chegada de oito reforços, o Belo chega à competição com o melhor aproveitamento na temporada, entre as equipes do Grupo A, composto exclusivamente por clubes nordestinos. Porém, apesar das contratações, para a partida de hoje, o treinador Evaristo Piza deve manter a escalação que vinha utilizando ao longo da temporada e, só depois, analisar possíveis mudanças entre os titulares.

"Passo a passo, sem precipitação. Os atletas que chegaram vieram para nos ajudar o elenco. E um grupo que vem dando

resultado, então temos que dar sequência a essa fase positiva", disse o treinador Evaristo Piza.

Sobre a expectativa para a partida, Piza destacou que vai em busca de manter na Série C a boa fase desempenhada ao longo do início da temporada. O comandante alvinegro ressaltou que, por se tratar de uma estreia dentro de casa, a equipe deve se impor e entrar com o objetivo de vencer o jogo.

"Esperamos manter o que estamos fazendo ao longo do ano. É uma nova competição, a mais importante da temporada, pois pode culminar no acesso à Série B do Campeonato Brasileiro. Vamos estreiar forte, sabendo que vai ter aquela ansiedade, por não conhecermos tão bem a equipe adversária. Vamos nos impor, entrar bem e concentrados, para conseguirmos os primeiros três pontos", completou o treinador.

Tabu a ser quebrado. Desde que subiu para a Série C, o Botafogo-PB venceu apenas uma estreia da terceira divisão, contra o Treze, em 2014 pelo placar de 3 a 2. A partir de 2015, o Belo não sabe o que é vencer na estreia da competição. Foram duas derrotas e dois empates até aqui e, curiosamente, três estreias foram contra o Saigüeiro-PE, em 2015, 2016 e 2018. Em 2017, o Belo estreou com um empate em 0 a 0 contra o Guabá.

Adversário. O Ferroviário-CE tem vários atores conhecidos do torcedor botafoguense, como o treinador Marcelo Vilar, o goleiro Remerson, o zagueiro André Lima, os laterais Fernandes e Zeca, além do meia Januário. Porém, o destaque mesmo do Tubarão da Barra é do atacante Edson Carli, que já marcou 12 gols na temporada.

Bom momento. O Belo inicia a Série C confiante após o título do Campeonato Paraibano. Além disso, a equipe está classificada para a semifinal da Copa do Nordeste, onde vai encarar o Náutico-PE.

30/04/2019

QUE CERCA DE 20% DOS PARAIBANOS PODEM TER A DOENÇA E NÃO SABER

PB tem 1 milhão de diabéticos

Ainoã Geminiano

A Paraíba tem atualmente 220 mil pessoas diagnosticadas com diabetes, de acordo com a Secretaria de Estado da Saúde (SES). Mas esse número pode se aproximar de 1 milhão de pessoas, se aplicado o resultado de pesquisa publicada ontem pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), que aponta que cerca de 20% dos brasileiros pode ter diabetes e não saber. O levantamento foi feito em parceria com a Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD), entre os dias 14 de novembro e 12 de dezembro do ano passado, analisando o resultado de exames de 17.580 pessoas, de todos os Estados, que não tinham diagnóstico da doença. Na Paraíba, 445 pessoas participaram da pesquisa e, considerando a população atual do Estado (3,7 milhões de pessoas), a estimativa é de que cerca de 780 mil pessoas podem estar com diabetes, sem saber. A SES oferece acompanhamento na rede pública para as pessoas com a doença no Estado.

universidades, foram submetidos a testes de glicemia, cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC) e responderam a um questionário sobre hábitos alimentares, prática de exercícios físicos, histórico familiar de diabetes e histórico de testes de glicemia anteriores. Nos resultados finais, 22,6% dos pacientes apresentaram risco alto ou muito alto para desenvolvimento de diabetes, 20,1% apresentou risco moderado, 35,2% risco levemente moderado e 22,1% tem risco baixo.

O Conselho Federal de Farmácia ainda não calculou os resultados por unidade da federação, mas os primeiros resultados da pesquisa mostraram que, das cinco regiões do País, o Nordeste apresentou o segundo maior percentual de glicemia elevada (acima de 100mg/dl, em jejum) do País. A região Centro-Oeste teve o maior percentual (24,6%) e o Sudeste, registrou o menor índice (15,6%).

Diabetes. É uma doença crônica na qual o corpo não produz insulina ou não con-

tem a função de fazer com que as células do organismo transformem a glicose (açúcar) em energia. Dessa forma, a ausência ou insuficiência da insulina provoca aumento da quantidade de açúcar no sangue, principal manifestação da diabetes.

Por conta das formas de deficiência de insulina, a diabetes é classificada em Diabetes Mellitus tipo 1 (DM1) e Diabetes Mellitus tipo 2 (DM2). O DM1 ocorre quando o pâncreas deixa de produzir insulina, o que pode acontecer por razões hereditárias ou acidentais. O DM2 ocorre quando o organismo produz insulina, mas o faz em quantidade insuficiente ou a insulina não consegue funcionar corretamente. As complicações mais comuns de diabetes não tratada são: doenças cardiovasculares, cegueira, doenças renais e amputação de membros.

Sedentarismo. Durante as entrevistas com os voluntários, os farmacêuticos aplicaram um questionário de padrão internacional para avaliação de risco de diabetes.

Fo

P

33

64

VE

57

43

Tem

"A ir

mo su

TRANSPORTADORES. FUNCIONÁRIOS EM GREVE NÃO ABASTECEM CAIXAS

Pode faltar dinheiro hoje

Bárbara Wanderley

Os profissionais que atuam no transporte de valores na Paraíba entraram, ontem, em greve por tempo indeterminado. Como consequência, diversas agências bancárias podem ficar sem dinheiro para saques hoje. A greve coincidiu com o período de pagamento dos servidores estaduais e mu-

nicipais de João Pessoa, o que deve fazer com que o dinheiro acabe ainda mais rápido, já que há grande realização de saques nesses dias.

De acordo com o presidente do sindicato da categoria, Laudivan Gonçalves, a greve é por reajuste salarial. Ele contou que os vigilantes patrimoniais, categoria que é ligada aos mesmos patrões, receberam reajuste de 5%, enquanto os

profissionais que trabalham nos carros-fortes estão sem aumento desde março do ano passado.

Eles reivindicam o mesmo percentual de reajuste, mas segundo Laudivan Gonçalves, os patrões afirmam não ter condições para tal e chegaram a oferecer 2,5%, oferta que foi recusada pelos trabalhadores, cujos salários variam de R\$ 1.541 a R\$ 1.965.

O presidente do sindicato afirmou que a Paraíba possui entre 500 e 600 vigilantes em carros-fortes, que estão prejudicados pela falta de reajuste, e destacou que a atividade é arriscada. Ele contou que três reuniões já foram realizadas no sindicato patronal, mas como não houve acordo, optou-se pela greve, até que a reivindicação seja atendida. Laudivan Gonçal-



Tempo indeterminado. Funcioná-

ves afirmou ainda que, pela experiência dele, começa a faltar dinheiro nos caixas eletrônicos logo no primeiro dia de greve.

Uma alternativa pensada pelo presidente do Sindicato dos Bancários da Paraíba, Marcelo Alves pelos bancos seria a de contratar temporariamente carros-fortes de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, mas Marcelo Alves acredita que os

01/05/2019

Governo amplia parcelamento

Informe Legislativo

Por Josinaldo Apolinário

josinaldoapolinario@sistemacorreo.com.br

Assembleia discute com professores e alunos novas alternativas de ensino



A Assembleia Legislativa da Paraíba realizou, na última terça-feira (30), uma sessão especial para debater as novas alternativas em educação na Paraíba. A sessão, proposta pelo deputado Chiofá (REDE), aconteceu no Plenário José Mariz, e também comemorou o Dia Mundial da Educação, celebrado em 28 de abril. O evento aconteceu no Plenário

Da Redação

Com assessoria

O Governo da Paraíba vai conceder ampliação do parcelamento do ICMS para empresas que estão em processo de recuperação judicial. O governador João Azêvedo assinou ontem o decreto 39.149 no Diário Oficial do Estado, que garante a ampliação do parcelamento em até 84 meses, tendo em vista o convênio ICMS 59/2012.

Segundo o decreto, o parcelamento somente poderá ser requerido após o deferimento, devidamente comprovado, do processamento da recuperação judicial. O pedido de parcelamento abrangerá os débitos tributários existen-

tes em nome do devedor, na condição de contribuinte ou responsável, constituído ou não, inscrito ou não em Dívida Ativa. Contudo, os parcelamentos já em curso não serão incluídos.

Para fazer o pedido de parcelamento ampliado, a empresa precisa fazer a confissão irrevogável do débito e expressa renúncia a qualquer impugnação ou recurso, administrativo ou judicial, bem como desistência do que tenha sido interposto. A empresa precisa procurar a repartição fiscal mais próxima do seu domicílio para fazer a confissão e iniciar as tratativas do parcelamento.

Em caso de descumprimento dos termos do decreto como, por exemplo, o não

pagamento de duas parcelas consecutivas ou o não pagamento da última parcela e a decretação da falência, o parcelamento será revogado imediatamente, independente de comunicação prévia, ficando o saldo devedor automaticamente vencido.

Já o saldo remanescente se-

rá, conforme o caso, inscrito em Dívida Ativa ou encaminhado para prosseguimento da execução, vedado, em qualquer caso, o reparcelamento. No caso de parcelamento de débito inscrito em Dívida Ativa, o devedor pagará as custas, emolumentos e demais encargos legais.

Valor mínimo

O débito do parcelamento será consolidado na data da concessão e dividido pelo número de parcelas, observado o valor mínimo da parcela, atualização e os demais termos fixados pela legislação tributária estadual. O valor mínimo de cada parcela, segundo a legislação tributária, será de cinco UFR-PB (Unidade Fiscal de Referência do Estado da Paraíba). Em torno, atualmente de R\$ 250.

02/05/2019

Xeque-mate tem 5ª denúncia

Damásio Dias

O Grupo de Atuação Especial contra o Crime Organizado (Gaeco) do Ministério Público da Paraíba (MPPB) apresentou a quinta denúncia com base na investigação da força-tarefa da operação Xeque-mate. Catorze pessoas são alvo da denúncia. Todas elas envolvidas na terceira fase da operação, acusadas de participar de fraudes em licitação, corrupção e desvio de recursos públicos no município de Cabedelo.

Segundo a investigação realizada em conjunto pela Polícia Federal, Controladoria-Geral da União e Gaeco, a partir de informações obtidas com a análise de provas decorrentes da primeira fase da operação, desencadeada em abril de 2018, chegou-se à atuação lesiva da organização criminosa instalada em Cabedelo também em três dispensas emergenciais de licitação e uma concorrência relacionada aos serviços de limpeza

urbana. Nos procedimentos, que beneficiaram a empresa Light Engenharia e Comércio Ltda, foi detectada fraude e direcionamentos do processo de escolha, resultando em contratos irregulares estimados em mais de R\$ 35 milhões.

As fraudes licitatórias detectadas acabaram lesando o patrimônio público de Cabedelo e beneficiando empresários e servidores públicos, com o recebimento periódico de recursos ilícitos.

Entre os denunciados, está o ex-prefeito Leto Viana, que está preso no 5º Batalhão da Polícia Militar há mais de um ano, ainda na primeira fase da operação Xeque-mate. Em depoimento, tornado público

na segunda-feira, Leto revelou que os repasses realizados mensalmente dos recursos do lixo eram em torno de R\$ 100 mil e em alguns momentos chegou a ser de R\$ 200 mil, que eram rateados para o pagamento de diversos envolvidos no esquema de corrupção, que se instalou na administração pública de Cabedelo, após a renúncia (comprada ao ex-prefeito Luceninha).

No depoimento, Leto confessou ter participado da articulação para comprar o mandato do ex-prefeito José Maria de Lucena Filho, o Luceninha (MDB), e detalhou a participação de cada envolvido e os motivos pelos quais as negociações foram feitas.

Leto Viana também confessou o esquema criminoso relacionado ao pagamento de propinas, funcionários fantasma e controle sobre os vereadores da cidade.

Expectativa. Na segunda-feira, um inquérito da PF, contendo 175 páginas, foi encaminhado ao Gaeco para análise e as medidas judiciais cabíveis, que pode resultar na apresentação de nova denúncia contra os envolvidos, alguns deles, já denunciados ao Poder Judiciário e já respondendo a outras ações penais.

Até agora, a operação teve três fases e dois inquéritos policiais realizados pela PF, além dos envolvidos já denunciados, o delegado pediu o indiciamento formal de mais pessoas.

O delegado decidiu concluir as investigações com o envio de todo o material apreendido durante as três fases da operação, com a formalização de todos os indiciamentos apontados, e ficando à disposição para realizar novas diligências que sejam necessárias.

XEQUE-MATE. Denunciados por fraude no lixo

Wellington Viana França;
Érika Moreno de Gusmão;
Simone M. Bezerra;
Severino Medeiros R. Filho;
Maria Eliane de A. Medeiros;
Pedro Paulo A. Medeiros;
Sérgio Augusto D. Ramos;

Levanério de Q. D. Júnior;
Mário Sérgio Macedo Lopes;
Maykel Alexandre A. Filgueira;
Roberto Ricardo Santiago;
Kefner Maux Dias;
Fabrício Magno M. de M. Silva;
Marcos Antônio S. dos Santos;

CRÍSE NA VENEZUELA. JOAN GUAIKO DIZ QUE SERÁ GOLPE SE ELE FOR PRESO POR MADURO

Mais repressão na rua

Sylvia Colombo
Da Folhapress, em Caracas

A repressão da ditadura de Nicolás Maduro começou cedo ontem em todos os 20 pontos de concentração organizados pela oposição.

As pessoas ainda estavam chegando, com bandeiras, bonés, muitas em grupos de amigos, casais e famílias, à região nobre de Altamira, no final da manhã, quando a Guarda Nacional Bolivariana (GNB) começou a fazer um cerco impedindo a passagem de manifestantes.

Estes, por sua vez, levantaram barricadas de metal ou improvisadas com sacos de lixo e materiais de construção para impedir que os oficiais se aproximassem. Não adiantou: os obstáculos foram derrubados e, ainda que a manifestação estivesse pacífica, sem a presença de grupos de encapuzados ou membros do La Resistencia, que costumam se armar com pedras e coquetéis molotov, os oficiais avançaram.



Antecipando, forças de segurança de Maduro foram cedo às ruas para impedir avanço de manifestos

Esta repórter estava atravessando o local para se dirigir a uma outra concentração quando a moto em que viajava se meteu numa nuvem de fumaça proveniente de uma das bombas.

Alguns metros depois, já longe da concentração, encontrou-se com um grupo composto por uma família e duas mulheres, que se limpava com água e bicarbonato e emprestavam panos molhados para outros atingidos. "Somos famílias, teve gente que veio com filho pequeno, ninguém está provocando, eles são sádicos", disse à reportagem Diana Torres, 39, enquanto limpava os olhos da filha adolescente. Em Altamira, ainda assim, as pessoas continuaram se concentrando, enquanto em três outros pontos da cidade, Paraíso, Santa Mónica e La Florida, jornalistas venezuelanos informaram ter acontecido o mesmo, causando a dissolução completa dessas frentes.

03/05/2019

PB investiga óbitos por dengue

Beto Pessoa

Dez óbitos por dengue foram notificados entre janeiro e abril deste ano na Paraíba, segundo dados do último Boletim Epidemiológico. Os casos estão sendo investigados pelo Serviço de Verificação de Óbito (SVO) da Secretaria de Estado da Saúde (SES).

O documento informa também que nesta 16ª Semana Epidemiológica (1º de janeiro até 20 de abril) foram registrados 2.981 casos prováveis de dengue, sendo o maior número de notificações nos municípios de João Pessoa (1.143); Teixeira (287); Areia (250) e Esperança (184). Esse número representa um aumento de 20% em relação ao mesmo período de 2018, quando foram notificados 2.483 casos.

"É importante lembrar da necessidade da solicitação de exames, durante a suspeita clínica para os agravos, evitando que tal situação só possa ser evidenciada após o óbito de usuário", alertou a gerente de Vigilância em Saúde, da SES, Talita Tavares.

Quanto à chikungunya, foram notificados 310 casos prováveis em 56 municípios, o que corresponde a um aumento de 4% em relação ao mesmo período de 2018, quando foram registrados 298 casos prováveis.

Em contrapartida, para a doença aguda pelo vírus zika, até o momento, foram notificados 79 casos em 24 municípios, caracterizando uma redução de 3,5% em relação ao mesmo período de 2018, quando foram observados 82 casos prováveis.

No último dia 30 de abril, o Ministério da Saúde (MS) divulgou que entre os dias 1º e 13 do mesmo mês a Paraíba tinha 46 municípios em situação de risco e outros 125 em alerta para a infestação do mosquito transmissor da dengue, chikungunya e zika. Os dados da situação dos municípios representa o primeiro Levantamento Rápido de Índices de Infestação pelo *Aedes aegypti* (LIRAs) de 2019.

Segundo o relatório do MS, as cidades paraibanas que estão em risco estão inseridas entre os 20% dos municípios brasileiros com probabilidade alta de surto para as doenças dengue, zika e chikungunya. Na Paraíba, as cidades com o LIRA mais alto, maior do 10%, são Cacimba de Dentro (11%), Alagoa Nova (10,10%) e Beejo do Cruz (10,10%). O índice de infestação para condição de risco se dá com percentuais de infestação predial acima de 3,9%.

Já as cidades com índice satisfatório devem ter o LIRA abaixo de 1%. Na Paraíba, esse indicador ficou zerado, ou seja, praticamente sem o risco de infestação do mosquito, em Bonito de Santa Fé, Carrapateira, Coxixola, Curral Velho, Diamante, Lastro, Lucena, Salgadinho, São Francisco e Sobrado.

INFESTAÇÃO DO Aedes Aegypti

Situação dos municípios pesquisados

PARAÍBA
52 com índice satisfatório

BRASIL
1.804 com índice satisfatório



Localidade	TOTAL DE MUNICÍPIOS PESQUISADOS	em alerta	em risco
PARAÍBA	223	125	46
BRASIL	4.958	2.160	994

Fonte: Ministério da Saúde

70 dias sem água da Transposição

Wênia Bandeira

O bombeamento do Eixo Leste da Transposição do Rio São Francisco, completou 70 dias de paralisação ontem. Com isso, o Açude Epitácio Pessoa, em Boqueirão, que abastece Campina Grande e mais 18 cidades, passou a depender exclusivamente das chuvas. O manancial não ganha volume desde o dia 26 de abril.

Segundo o presidente da Agência Executiva de Gestão

das Águas (Aesa), Porfírio Loureiro, um problema em Pernambuco está impedindo a chegada dos recursos hídricos a Boqueirão. Ele explicou que a Agência Nacional das Águas (ANA) tem conhecimento do caso. "A retomada do bombeamento depende desse conserto, o que não tem prazo para acontecer. O problema aconteceu na barragem de Cacimba Nova, e a ANA notificou para urgência na solução", contou o presidente.

O bombeamento da água da Transposição foi paralisada no dia 22 de fevereiro. A princípio, a parada foi realizada por solicitação do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas do Ceará (Dnoces), para obras no ponto de captação para a Adutora do Pajeú, o que já foi finalizado.

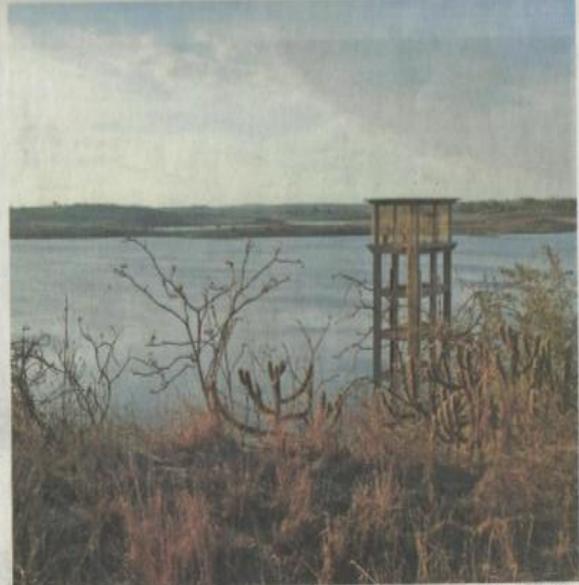
Porfírio Loureiro informou que, mesmo sem receber a água do São Francisco, não há

VOLUME

Boqueirão tinha até ontem 107.237.254,08 metros cúbicos, o que equivale a 26,05% de sua capacidade.

risco de colapso em Campina Grande e região. Ele falou que uma simulação da capacidade de abastecimento será fechada em 31 de maio, fim do inverno, mas que a retirada da Cagepa e dos pequenos irrigantes pode continuar.

O presidente da Aesa afirmou que, levando em consideração o Plano de Gestão das Águas do Projeto de Integração do Rio São Francisco (PISF) para 2019, o Açude Epitácio Pessoa deixou de receber nestes 70 dias, 15 milhões de metros cúbicos. O plano diz que seriam bombeados 3,5 metros cúbicos por segundo para o reservatório.



Bombeamento suspenso. Dependendo só das chuvas, Boqueirão não ganha volume desde 26 de abril.

Silêncio

O CORREIO procurou o Ministério da Integração Nacional (MIN), mas até o fechamento desta edição as respostas solicitadas não foram encaminhadas.

08/05/2019

Sai o edital do festival

Da Redação

O edital para seleção de propostas que irão compor a programação do Festival de Artes Jackson do Pandeiro, a realizar-se no período de 25 a 28 de julho, em João Pessoa, foi divulgado ontem pelo Governo do Estado. Realizado pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba, o evento faz parte das comemorações do centenário de nascimento do cantor, compositor e ritmista paraibano mundialmente conhecido como o "Rei do Ritmo".

O objetivo do edital é selecionar 47 propostas nas áreas de música, teatro, dança, circo, literatura, cinema e cultura popular. Os cachês variam de R\$ 500 a R\$ 3 mil, de acordo com as atividades descritas ao final da matéria.



No ritmo. Jackson do Pandeiro é um dos maiores nomes da Música Popular Brasileira de todos os tempos

BRASILIAÇÃO

'Eu Vou pra Lua' e os Auditórios serão o polo 'Luz do Saber'.

O lançamento do edital foi feito pela presidente da Funesc, Nézia Gomes, e contou com a presença de Fernando Moura, presidente da Comissão Organizadora das atividades alusivas ao Centenário de Jackson do Pandeiro. Além dele, o evento foi prestigiado pelo secretário de Estado da Cultura, Damilão Ramos, e pelo secretário de Cultura do município de Alagoa Grande, Marcelo Félix.

O homenageado. Nome artístico de José Gomes Filho, Jackson do Pandeiro nasceu em Alagoa Grande, em 31 de agosto de 1919, e que passou boa parte da vida em Campina Grande. Começou a admirar a música por meio da sua mãe, a cantora de coco Flora Mala, que colocou o filho para

EM CENA



'O Dia em que Cristo Voltou' em cartaz hoje

O cristianismo tem como uma de suas bases dogmáticas a crença do retorno de seu Salvador, Jesus Cristo, com o intuito de trazer a redenção aos fiéis que permanecem no plano terre-

11/05/2019

Bebida falsificada na mira do Procon-JP

Ainoã Geminiano

Uma operação do Procon Municipal de João Pessoa, desencadeada ontem pela manhã, apreendeu centenas de garrafas de bebidas alcoólicas falsificadas e outras fabricadas e vendidas sem nenhum registro dos órgãos fiscalizadores. A falta de controle de qualidade das bebidas é tanta que os fiscais encontraram, em uma loja do Mercado Central, uma garrafa lacrada e, dentro dela, uma traça com metade do corpo pra fora do casulo, boiando na bebida. A investigação começou a partir da denúncia do proprietário de uma marca, que estava sendo pirateada.

marca original não produz. Também estamos buscando garrafas das cachaças saborizadas, que foram fabricadas sem nenhuma autorização e registro sanitário, o que significa que não é um produto aprovado pelos órgãos reguladores e, conseqüentemente, não segue nenhum padrão de controle de qualidade. Isso representa um risco à saúde da população, uma vez que esses produtos estão sendo vendidos no varejo, como se fossem produtos legalizados", explicou o coordenador do Procon-JP, Helton Renê.

No Centro da Capital, quatro lojas foram fiscalizadas e

os donos foram autuados, por venda de produto falsificado e sem registro. "Inicialmente eles serão multados com uma multa que parte de R\$ 7 mil. Em caso de reincidência esse valor vai aumentar, podendo ocorrer que se chegue ao fechamento do estabelecimento", acrescentou Renê. Além do Centro, o Procon-JP já identificou revenda das bebidas irregulares nos bairros da Torre, Mangabeira e Jaguaribe.

O comerciante Geraldo Juandir de Oliveira, que tem uma loja de bebidas há 4 anos, no Mercado Central, foi um dos autuados. "Eu nunca imaginava que essa bebida

fosse falsificada. Os caras nos vendem pelo mesmo preço da original, eu nunca recebi aqui uma visita do representante da marca original e não desconfiava que havia problema", disse. Foi na loja dele que os fiscais encontram a garrafa com a traça dentro.

"Na correria de rotina, eu não parei pra examinar garrafa por garrafa. Difícilmente fazemos isso. Mas agora fica a lição", falou o comerciante. Geraldo disse que comprava o pacote com quatro garrafas das bebidas falsificadas pelo valor de R\$ 35 e revendia a garrafa a R\$ 9, lucrando R\$ 0,25 em cada.

Clandestinos investigados

23/04/2019

LITORAL: Nublado a parcialmente nublado com pancadas de chuva isolada. AGRESTE/INTERIORES: Chuva isolada. CHUVA ISOLADA: Chuva isolada. Min. 20°C Fracos/Moderados. ALTA: 06:47 21m 12:58 04m 26 de abril 11 de maio

NA PARAÍBA. SÓ NESTE MÊS, SEIS MULHERES FORAM ASSASSINADAS E SEUS COMPANHEIROS SÃO OS SUSPEITOS

17 feminicídios no ano

Ainoã Geminiano
Katiana Ramos

Faltando ainda uma semana para terminar o mês, o número de feminicídios registrados em abril já superou o total do mesmo mês do ano passado e é quase duas vezes a média registrada nos três primeiros meses deste ano. Até o domingo de Páscoa, seis mulheres foram assassinadas e seus companheiros são os suspeitos, na Paraíba, sendo quatro casos somente na semana passada. Na avaliação do Centro da Mulher 8 de Março, ainda são poucas e tímidas as políticas públicas voltadas à conscientização dos homens agressores. A entidade também vê falhas no atendimento da polícia às mulheres vítimas de violência, no interior do Estado. Há cerca de um mês, o Governo do Estado divulgou um balanço de ocorrências policiais, comemorando redução de feminicídios do Estado.

De acordo com os números divulgados pelo Governo do Estado, 11 mulheres foram assassinadas nos meses de janeiro, fevereiro e março deste ano, o que representa uma redução de 63% no número de feminicídios, comparando com os casos registrados no mesmo período de 2018. Porém, a curva descendente mudou no mês de abril. Embora a estatística oficial não tenha sido divulgada, o Centro da Mulher 8 de Março, que cataloga os crimes contra mulheres, com base no noticiário da imprensa, já contabiliza seis feminicídios no mês ainda incompleto, um a mais que em todo o mês de abril de 2018.

Em dois dos seis casos registrados o marido matou a mulher e se matou em seguida. Um deles ocorreu em Campina Grande, que vitimou a secretária de Educação do município de Boa Vista, Dayse Alves, de 40 anos e outro em João Pessoa, que teve como vítima a gerente de uma loja de carros, Tâmara Valêncio, de 37 anos. No caso de Ana Priscila Viana, de 31 anos, morta em Mangabeira e de Marilene da Silva, morta com 30 facadas em Santa Rita, os maridos foram presos. Já nos casos da agricultora Fabiana Ferreira da Silva, de 30 anos, morta em Sousa e da dona de casa Luciana Silva Santos, de 33 anos, encontrada morta na cidade de Belém, os maridos e principais suspeitos continuam foragidos.

Embora comemore os avanços conquistados na defesa das mulheres, Irene Marinheiro, a coordenadora do Centro 8 de Março lamenta a pouca eficiência das políticas públicas, no objetivo de conscientizar os homens da não agressão.

Irene também destacou que o atendimento da polícia às mulheres vítimas de violência é ruim nas regiões do interior do Estado. "Temos conseguido avanços nos grandes centros urbanos, mas no interior a polícia demora a chegar, os efetivos são pequenos e nem sempre há policiais disponíveis para atender", disse. A coordenadora, no entanto, lembrou que a violência contra a mulher não é só decorrente de falta ou pouca estrutura "é um problema nacional, influenciado por muitos fatores até mesmo essa intolerância política que tá espalhada pelo país, onde as pessoas se defendem com outras apenas porque pensam diferente. No meio disso, o homem agressor encontra mais um pretexto para violentar a mulher concluiu.

“Precisamos falar mais sobre o tema, sobre o respeito às mulheres e ao ser humano com um todo. Mais iniciativas na mídia, para ver se a sociedade também se conscientiza de que ela pode intervir nessa violência, acionar as forças de segurança e denunciar, sem precisar que o denunciante se envolva na ocorrência.”

Irene Marinheiro, Coordenadora do Centro 8 de Março

Ações contra a violência

Por conta dos últimos casos de feminicídio na Paraíba, a Comissão da Mulher da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), presidida pela deputada Camila Toscano (PSDB), vai realizar uma audiência pública para discutir ações que possam ser desenvolvidas para reduzir os casos de violência.

Prefeituras. Prefeitas paraibanas integrantes do Movimento de Mulheres Municipalistas (MMM), que é ligado a Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), se reúnem quinta-feira, às 9h, em um hotel, em João Pessoa, para discutir políticas públicas voltadas às mulheres. Na pauta,

encontra-se o aumento dos casos de feminicídio no Estado. O encontro terá a presença da fundadora do MMM no Brasil, Tânia Ziulkoski.

Segundo a presidente do

“**Vamos discutir desde o aumento nos casos de feminicídio como políticas públicas voltadas ao empreendedorismo.**”

Anna Lorena. Presidente do MMM na Paraíba e prefeita de Monteiro

MMM na Paraíba, a prefeita de Monteiro Anna Lorena, a participação das gestoras é essencial para que se desenvolva e fortaleça uma rede de proteção às mulheres, tanto as que são vítimas de violência, como as que necessitam de oportunidades para garantir o sustento da família.

Para fundadora do Movimento de Mulheres Municipalistas, Tânia Ziulkoski, a iniciativa criada com o apoio da Confederação Nacional de Municípios (CNM), que é o primeiro movimento de mulheres municipalistas apartidário brasileiro, tem como um de seus objetivos empoderar as mulheres para que cada vez elas se engajem e sejam destaque no meio municipal.

NÃO OBTEVE CONTATO

A reportagem do CORREIO procurou, por telefone, a coordenadora das Delegacias da Mulher no Estado, Maísa Félix, para comentar os últimos casos de feminicídio ocorridos na Paraíba e o atendimento às vítimas de violência doméstica prestado nas delegacias especializadas e no interior do Estado. Mas, até o fechamento desta edição, as ligações não foram atendidas.

11/05/2019

D2 | CORREIO

Sonhando em ser milionário

ASSUERO LIMA

Bárbara Wanderley

A Mega-Sena acumulou pela 14ª vez consecutiva e pode pagar um prêmio de R\$ 275 milhões, o maior valor dos concursos regulares da história da Mega-Sena, excluindo a Mega da Virada. O sorteio será hoje à noite. O prêmio atraiu diversos paraibanos para as casas lotéricas nos últimos dias.

É tanto dinheiro que fica até difícil imaginar o que fazer com ele. O militar Ismael Jorge de Lima, que resolveu passar em uma casa lotérica para “fazer uma fezinha” ontem, contou que, se ganhar, só tem destino certo para uma parte do dinheiro. “Sei o que fazer com uma parte, mas o resto acho que eu investiria, só que é tanto dinheiro que nem precisa investir. Só de aplicar já rende um bocadinho”, ponderou.

De acordo com a Caixa, caso haja apenas um ganhador para os R\$ 275 milhões e o dinheiro seja integralmente aplicado na poupança, o rendimento mensal superará R\$ 1 milhão por mês.

O aposentado Aluísio Guedes foi à casa lotérica para fazer um depósito, mas não resistiu e acabou pegando alguns bilhetes para fazer suas apostas.

Não resistiu. Aluísio Guedes diz que foi fazer um depósito e acabou fazendo diversas apostas



Quando questionado sobre o que faria com tanto dinheiro, ele só tem uma certeza. “Eu vou ajudar minha filha. Daria uma parte para ela, o resto não sei. Ainda não pensei nisso”, afirmou.

Por que acumulou. O sorteio mais recente da Mega-Sena foi realizado na última terça-feira e o valor do prêmio estava acumulado em R\$ 170 milhões. Como não houve ganhador, o valor acumulado aumentou e chegou aos R\$ 275 milhões porque, segundo a Caixa, concursos que possuem final zero e cinco recebem um adicional de 22% do valor do prêmio. Este é o concurso de número 2.150.

Como apostar. As apostas podem ser feitas até as 19h de hoje, no horário de Brasília, em qualquer lotérica ou pela internet. A aposta mínima custa R\$ 3,50, mas para apostar pela internet é preciso gastar pelo menos R\$ 30.

“**Eu jogo esporadicamente, principalmente quando está acumulado. Compro mais de dez bilhetes e faço minha tentativa. Se não der certo, tudo bem.**”

Aluísio Guedes. Aposentado

15/05/2019

Presos serão transferidos de quartéis militares até sábado

Adriana Rodrigues

Termina no sábado o prazo para a transferência do ex-prefeito de Cabedelo, Leto Viana, e de mais 24 presos civis em regime especial, que se encontram no 1º e 5º Batalhões da Polícia Militar e no Corpo de Bombeiros, para presídios comuns de João Pessoa. Inicialmente o prazo estava previsto para o dia 13 de maio, mas a prorrogação do período inicial para o cumprimento da medida, estabelecida pela Justiça Militar da Paraíba, foi solicitada pela Vara da Execução Penal (VEP) da Comarca de João Pessoa e pela Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (Seap), para a adoção das medidas cabíveis para o cumprimento da decisão e a devida acomodação dos presos.

Os termos da prorrogação estão definidos na Portaria

03/2019, assinada por Eslú Eloy Filho, da Justiça Militar da Paraíba, na qual diz: "Atender o pleito e conceder, em caráter excepcional, a prorrogação do prazo por mais dez dias, para que providenciem as medidas necessárias ao cumprimento da ordem".

Inicialmente, o magistrado tinha publicado a Portaria 02/2019, onde determinava que a transferência dos presos civis deveria ter acontecido, num período de 10 dias, o que se daria até o dia 13 deste mês. Contudo, ele considerou os motivos apresentados pelo juiz titular da VEP, Carlos Neves da Franca Neto, e pelo secretário da Seap, Sérgio Fonseca, que argumentaram precisar de mais tempo para melhor operacionalização logística.

O advogado Jovelino Delgado, que atua na defesa do ex-prefeito Leto Vianna, impetrou um mandado de segurança, com pedido de liminar, junto

ao Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), contra o ato do juiz Eslú Eloy Filho, que tem como relator o desembargador Ricardo Vital e está aguardando o julgamento.

O advogado Inácio Queiroz, que atua na defesa de presos que se encontram nesse regime e estão para ser transferidos para os presídios, também ingressou com medidas para reverter a determinação da portaria do Juiz Militar. Ele disse que está aguardando o julgamento das ações, mas vem sendo procurado diariamente pelos clientes contrários a essa determinação, devido a falta de estrutura e segurança para os que não só precisam, mas que fazem jus ao regime diferenciado, ou seja, a prisão especial.

"Essa portaria fere a legislação. Já entramos com as medidas cabíveis contra a determinação da portaria, pois entendemos que os presídios

comuns não possuem celas especiais para abrigar a todos", comentou.

O ex-prefeito de Cabedelo, Leto Viana, preso no 1º Batalhão da PM por envolvimento na Operação Xeque-mate, deve ser transferido para o Presídio do Róger ou PBI. Cópias da Portaria 03/2019, publicada no dia 8, foram encaminhadas para os comandantes-gerais da PM e do Corpo de Bombeiros, para que sejam publicados boletins de conhecimento geral. O Cartório da Justiça Militar da Capital também enviou cópias ao Juízo da VEP e à Câmara Criminal do TJPB.

Legislação

Para editar o texto da Portaria, o juiz Eslú Eloy Filho levou em consideração a Loje e a Lei de Execução Penal.

Atendimentos serão online

Redação

Com agência

Os pedidos de benefícios e demais serviços da Previdência serão realizados a distância até o final de junho, informou o diretor de atendimento do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), Clóvis de Castro Júnior. Na opinião de quem precisa do serviço, essa medida irá dificultar ainda mais o atendimento prestado no Instituto.

Porém, afirma o INSS, a mudança acaba com os agendamentos para o atendimento posterior em uma das agências da Previdência, como ainda ocorre para a maioria

das solicitações feitas pelos segurados.

Até o final do semestre, o órgão terá todos os 90 tipos de requerimentos disponíveis exclusivamente pela internet ou por telefone, acabando com os agendamentos.

Com as alterações no atendimento, há a expectativa de que o INSS consiga liberar mais funcionários para rea-

lizar análises e, assim, cumprir o prazo de 45 dias para conclusão dos processos dos segurados, segundo o diretor de atendimento.

O tempo médio de resposta aos trabalhadores que pedem aposentadorias ao órgão é de cinco meses atualmente, conforme levantamento realizado pela reportagem com dados fornecidos pelo Instituto.

“ Isso permitirá que o INSS fique dispensado de realizar cerca de 600 mil agendamentos por mês. Representa 40% de todas as interações que o INSS tem que estão ligadas a requerimentos”, afirma Castro Júnior. É uma economia de recursos sem precedentes.

Clóvis de Castro Júnior, Diretor de atendimento do INSS

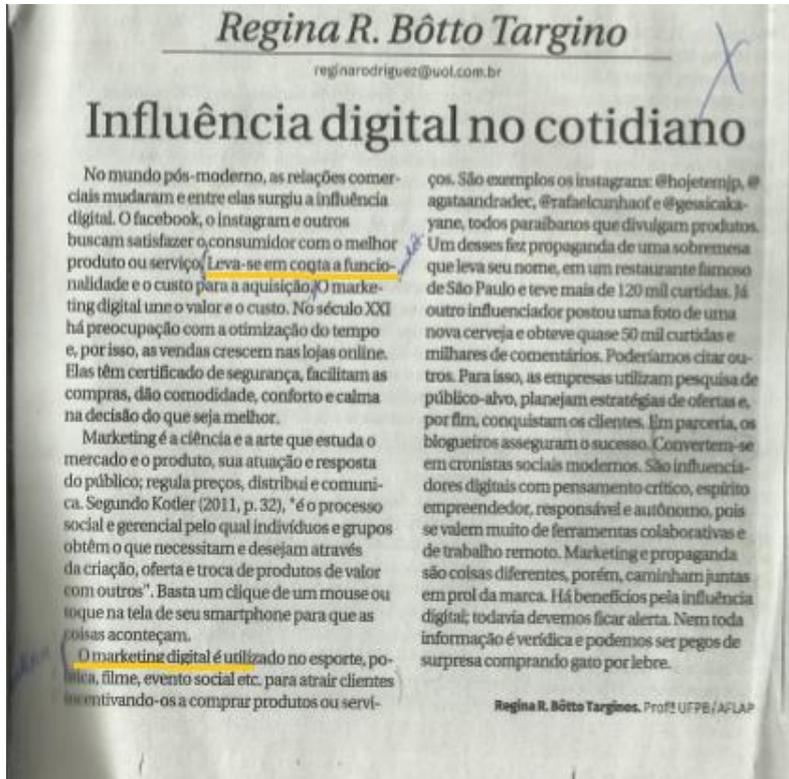


Prejudicados. Trabalhador que precisa dos serviços do INSS tem que ter paciência para es

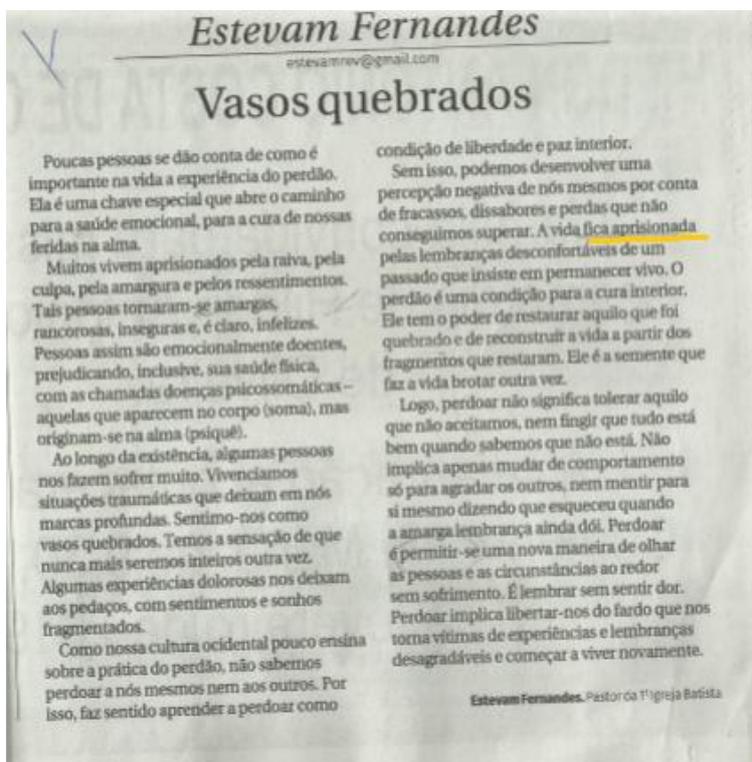
ANEXO

ARTIGO DE OPINIÃO

26/01/2019



03/02/2019



Resgate histórico

Quero mergulhar em 119 anos de história e parabenizar o grupo de abrigados que fundou, em 7 de setembro de 1905, o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense (IHGP), e também aos que aceitam o desafio de mantê-lo vivo e atuante.

É a nossa mais antiga instituição cultural em funcionamento. Para situar melhor, quando foi criada, nossa capital ainda se chamava "Paratyba" e o estado, "Paratyba do Norte".

No presente - 2019 -, contemplando seu funcionamento em sede própria, na tradicional Rua Barão de Azevedo, 64, após várias localizações provisórias ao longo dos seus anos, constatamos por que a instituição é motivo de orgulho para os paranaenses.

O IHGP foi criado como associação cultural de utilidade pública, sem fins lucrativos, com o objetivo de estudar e difundir conhecimentos sobre história, geografia e ciências afins, promover a cultura e defender nosso patrimônio histórico e artístico. Continua com o mesmo compromisso dos visionários fundadores.

Além da preciosidade do acervo como um todo - são milhares de títulos, entre livros, periódicos e folhetos -, temos que destacar que guarda várias obras raras, de autores nacionais e internacionais.

Sim, o IHGP tem livros únicos no mundo, já imaginou o valor disso? São preciosidades.

Para a Paratiba, é de valor inestimável. Abriga as coleções de todos os jornais que já circularam em nosso Estado, que registram a nossa história com detalhes que permitem compreensão de causas e consequências.

Estão extintos, mas preservados. Com muita honra para nós, o IHGP guarda o Correto da Paratiba, que significa o presente. Tem mais do que papel. Entra as realidades do seu museu está a mesa na qual estava

sentado o presidente João Pessoa, na conflituosa Glória, no momento do seu assassinato. Ao lado da fotografia que mostra o paraibano em seu gabinete, estão expostas a mesa e sua cadeira de trabalho, molduras e outras condecorações.

Eu considero preservar nossa história como missão nobre e de fundamental importância para definição de caminhos que nos conduzam a uma sociedade mais justa.

Não ter referências do passado é caminhar sem rumo para o futuro.

O momento presente já é passado no instante seguinte. A vida é uma sucessão de instantes. Se não

atrazarmos esses instantes, perderemos as referências.

Essa consciência me leva a abraçar o movimento em prol da preservação da nossa história.

Quero concluir o Estado e a sociedade para que, unidos por essa compreensão, possamos assegurar recursos visando a solidez de um orçamento que permita a plena

manutenção desse Instituto que hoje é mantido pelo heroísmo de abrigados que integram seu quadro.

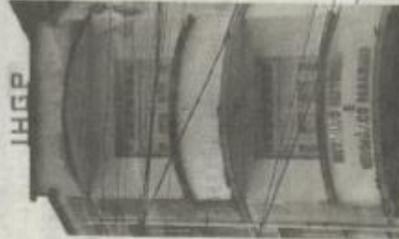
Esta nota ao Estado, à Prefeitura ou a um

parlamentar (através de emendas a que tem direito no orçamento) garantiriam recursos para que esse trabalho de inestimável valor possa continuar a ser feito e aperfeiçoado.

Temos tanto a conhecer, tanto a aprender, tanto do que nos orgulha, tanto que pode nos inspirar... É importante conhecer o IHGP e nossa riquíssima memória ali preservada.

Temos que acordar enquanto é tempo, para evitar a destruição desses registros da nossa história.

Roberto Cavalcanti, empresário e diretor do CN



Roberto Cavalcanti

rcr@sistemacorreio.com.br

Não pare!

Já experimentou guardar por um bom tempo algum equipamento que você muito estima, como um binóculo, um gravador, uma máquina fotográfica? Deixou um apartamento fechado entre um verão e outro e não foi mais lá? Ou aquele armário cheio de roupas de frio que você guarda na fazenda para uma eventual ida no inverno? Seu carro esporte que você evita usar e o deixa sem acionamento por mais de 30 dias? Já soube de algum equipamento que, bloqueado pela Justiça, permaneça imobilizado por vários meses e não se destrua? E aquela lanchar que seu último passeio foi no verão passado e por falta de uso nem o motor foi acionado?

Eu poderia fazer centenas de questionamentos para configurar que a imobilização, o não uso, é fatal. Onde quero chegar? Ao ser humano!

Caminhando essa semana pela praia de Cambinho, no litoral norte da Paratiba, com minha mulher, registrei para ela que vinha me sentindo mais bem disposto a cada dia após esse ciclo de caminhadas. De pronto, ela comentava que o sedentarismo destrói também o homem, a máquina humana.

Fiquei pensando comigo mesmo, e no túnel do tempo me transportei para a Grécia clássica e para Roma antiga do Século II. "Menis sana in corpore sano".

Referida afirmativa, supostamente derivada da Sátira X, do poeta romano Juvenal (Decimus Iunius Iuvenalis), foi parte da resposta do autor à questão sobre o que as pessoas deveriam desejar na vida: "Mente sã, niteli ob-pò são". Nos dias atuais expressa o conceito de um equilíbrio saudável no modo de vida de um ser.

Hoje está provada uma correlação entre o nível de atividades físicas e a preservação do cérebro.

Pensei de imediato sobre pessoas que me cercaram ao longo da vida. Fazendo uma análise primária, percebi o contraste entre as sedentárias e as ativas. A começar por minha família, minha casa. Já perdi todos! Intelectuais, passaram a vida lendo, estudando.

Fui contestado de imediato e com razão. Jamais poderia pensar dessa forma, até porque você pode conciliar as coisas, ler e se exercitar.

Aprendi a velejar junto com meu pai, que já vinha da escola de regatas a remo, um atleta intelectual. Temos que dosar as coisas na vida. Nem tanto ao céu, nem tanto ao mar. Tudo tem a sua dosimetria certa.

Comentávamos sobre o livro "Inteligência Emocional" e fizemos as individualizações caso a caso. Passamos a comentar sobre a necessidade de darmos à mente pausas. Meditações! Nossa musculatura mental também necessita de descanso.

Tendo plena consciência disso, tenho, ao invés do que se ser correto, agido de forma desconexa. Não parei Faço dezenas de coisas ao mesmo tempo. Quase uma ludoterapia compulsiva. Afirmando a todo momento e a todos que o ritmo de vida que levo é o que me traz felicidade. Sou puxado pela orelha cotidianamente para aproveitar o momento presente. Viver o agora, o hoje.

Nessa batalha pessoal, posso chegar à seguinte conclusão. Cada um tem o seu tempo, o seu ritmo. De uma coisa eu tenho plena certeza. Não pare! Não deixe de ser ativo. Somos semelhantes às máquinas, aos equipamentos. Use com moderação, mas use sua vida. Não guarde!

Deixe um dos três pedidos a fazer a uma lâmpada maravilhosa, um seria, com certeza, me tire dessa vida plenamente ativo.

Roberto Cavalcanti, empresário e diretor do CN

10/02/2019

Damião Ramos Cavalcanti

damiao.r.c@uol.com.br

Repetição das variações

Todos os dias, durante três anos da minha vida, escutei o Bolero de Ravel que acompanhava a dança do Sol poente, ao entardecer da Praia do Jacaré. E se chovesse? O Sol também lá estava, de qualquer jeito se pondo, apenas escondido pela chuva e por nuvens escuras; mas tudo orquestrado como sempre. Além de ser um ritual, era uma obrigação da nossa parte, mais do que do Sol que, pela sua grandeza, pouco pode se esconder somente nas silenciosas horas da noite. Quando começava a descer na outra margem do Rio Paraíba, por trás da longínqua mata verde, Mocotó iniciava os primeiros toques da bateria; logo seguido pelo sax de Jurandir ou de Arnaud e aos quais se juntava o violino de Paulinho. Assim se foram 1.080 vezes que ouvi o Bolero de Ravel, com olhos no Sol poente, sem que aquele espetáculo viesse me enfadar alguma vez.

A boa música não enfada, sobretudo se foi composta na possível riqueza das suas variações. Quanto mais varia, mais dribla a monotonia, mais encanta, mais surpreende. E tais variações agradam à medida que oferecem aos nossos ouvidos a surpresa.

Aristóteles assim filosofava: a arte é aquilo que nos provoca surpresa ou obra do artista que é capaz de causar surpresa. O genial Mozart, na sua juventude, brincava de improvisar variações, causando inveja e espanto a Antonio Salieri, maestro da Corte Real, que tinha sido professor de Liszt e Beethoven.

Parece-nos contraditório o bom gosto desejar que as variações sejam repetidas; há quem passe o dia inteiro ouvindo a Apassionata, de Beethoven, apreciando as variações se movimentarem e se unirem para ser uma mesma bela obra. Continuo a escutar Ravel, e ainda aguardar o aparecimento de cada instrumento, como me ensinou o meu professor belga, Eduardo Hoomaert: escuta-se uma Orquestra Sinfônica, procurando perceber a presença de cada instrumento e sentir as variações da música. Poucas são as notas musicais, apenas sete, mas milagrosamente sua possibilidade de variação parece ser infinita. É como na Literatura, com apenas 23 letras, o escritor ou a escritora faz a magia de falar páginas e escrever livros; de pensar ideias e imagens em palavras.

Damião R. Cavalcanti. Membro da APL

Damião Ramos Cavalcanti

damiao.r.c@uol.com.br

Repetição das variações

Todos os dias, durante três anos da minha vida, escutei o Bolero de Ravel que acompanhava a dança do Sol poente, ao entardecer da Praia do Jacaré. E se chovesse? O Sol também lá estava, de qualquer jeito se pondo, apenas escondido pela chuva e por nuvens escuras; mas tudo orquestrado como sempre. Além de ser um ritual, era uma obrigação da nossa parte, mais do que do Sol que, pela sua grandeza, pouco pode se esconder somente nas silenciosas horas da noite. Quando começava a descer na outra margem do Rio Paraíba, por trás da longínqua mata verde, Mocotó iniciava os primeiros toques da bateria; logo seguido pelo sax de Jurandir ou de Arnaud e aos quais se juntava o violino de Paulinho. Assim se foram 1.080 vezes que ouvi o Bolero de Ravel, com olhos no Sol poente, sem que aquele espetáculo viesse me enfadar alguma vez.

A boa música não enfada, sobretudo se foi composta na possível riqueza das suas variações. Quanto mais varia, mais dribla a monotonia, mais encanta, mais surpreende. E tais variações agradam à medida que oferecem aos nossos ouvidos a surpresa.

Aristóteles assim filosofava: a arte é aquilo que nos provoca surpresa ou obra do artista que é capaz de causar surpresa. O genial Mozart, na sua juventude, brincava de improvisar variações, causando inveja e espanto a Antonio Salieri, maestro da Corte Real, que tinha sido professor de Liszt e Beethoven.

Parece-nos contraditório o bom gosto desejar que as variações sejam repetidas; há quem passe o dia inteiro ouvindo a Apassionata, de Beethoven, apreciando as variações se movimentarem e se unirem para ser uma mesma bela obra. Continuo a escutar Ravel, e ainda aguardar o aparecimento de cada instrumento, como me ensinou o meu professor belga, Eduardo Hoomaert: escuta-se uma Orquestra Sinfônica, procurando perceber a presença de cada instrumento e sentir as variações da música. Poucas são as notas musicais, apenas sete, mas milagrosamente sua possibilidade de variação parece ser infinita. É como na Literatura, com apenas 23 letras, o escritor ou a escritora faz a magia de falar páginas e escrever livros; de pensar ideias e imagens em palavras.

Damião R. Cavalcanti. Membro da APL

Mercês Camelo
mmcamelo@hotmail.com

Renovando a Terra

Na sociedade industrial ou de serviços, há os que ganham e os que perdem com a globalização. O equilíbrio é felicidade a se espalhar na superfície das águas, através dos pingos da sensatez. O metano, presente na decomposição orgânica, pode produzir gás doméstico e fertilizante, além das vantagens econômicas. O que dizer de aproveitar em alta escala os gases do efeito estufa na fabricação de novos produtos com tecnologia de reciclagem de nutrientes biológicos? A preservação global é uma mentalidade necessária. O planeta é a nossa casa. Dos 41 elementos encontrados nos ultra modernos telefones celulares, apenas nove são reaproveitados.

O empenho dos pesquisadores é no sentido de extrair mais eficiência ambiental em todos os objetos e bens de consumo vindos da natureza, redesenhando produtos e sistemas com ética, inteligência e qualidade, visando melhorar a saúde dos seres vivos. O detergente e o shampoo retornarão à biosfera para enriquecer e não degradar. Qualidade de vida precisa ser pensada do papel impresso saudável à construção de edifícios. O químico alemão, Michael Braungart, alertou sobre os painéis brasileiros renováveis de energia solar, substituindo os que são importados da China e transformando-se em resíduos tóxicos. Os serviços serão impulsionados.

Muita gente é a favor de zerar o desmatamento na Amazônia. Afinal, a conservação da biodiversidade é para o cerrado, a Mata Atlântica, a caatinga, o pampa, a área marinha e no uso dos recursos naturais da pesca, agricultura e mineração, observando a legislação vigente e reduzindo os impactos na esfera onde habitamos. Educação e responsabilidade viabilizam o ecoturismo. Proteção, fiscalização e implementação de ações do homem é a contrapartida harmônica diante do que Deus faz, criando e renovando a face da Terra, enviando o Espírito Santo (SI 104. 30).

Mercês Camelo, Advogada

10/03/2019

Roberto Cavalcanti
rcr@sistemacorreiio.com.br

Mulheres aladas

Em casa, nas empresas ou no meu círculo de amizades, estou sempre rodeado de mulheres admiráveis, que se impõem pelo que são e cujas contribuições têm sido decisivas para a construção de uma sociedade igualitária, ética e desenvolvida.

Com tantos exemplos poderosos, não poderia deixar de homenageá-las quando o mundo reservou uma data para enaltecer seu valor, suas lutas e conquistas.

Farei isso destacando uma mulher que iniciou no jornalismo, foi editora e integrou conselho editorial de várias empresas, depois dedicou-se à literatura e se transformou na primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, sendo ainda acadêmica correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Real Academia Galega: Nélida Piñon.

A escolha não resultou apenas dos laços com o jornalismo, mas da grandeza de sua premiada obra literária, da interpretação dos tempos, do pensamento que expõe com firmeza e ousadia, mas principalmente da defesa do hábito de leitura e sua importância na nossa formação.

Numa entrevista em Portugal, Nélida Piñon falava apaixonadamente sobre literatura quando disparou que “a precariedade dos estadistas de hoje” resulta de falta de leitura e referências. “Eles não se olham no espelho porque não se viram na literatura”.

Para Nélida Piñon, nada indica mais quem nós somos que a literatura.

“Interpreta o homem, revela o homem”. Sustenta que nenhum outro campo sociológico/psicológico consegue o mesmo resultado.

Entre os exemplos, cita obras como “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, que pode ser compreendida em todo o mundo, as de Honoré Balzac, “registro

civil da França”, e o poder da narrativa do alemão Karl May.

Quem não assistiu “O Mercador de Almas”, baseado em livro do norte-americano William Faulkner? A literatura influenciando o cinema.

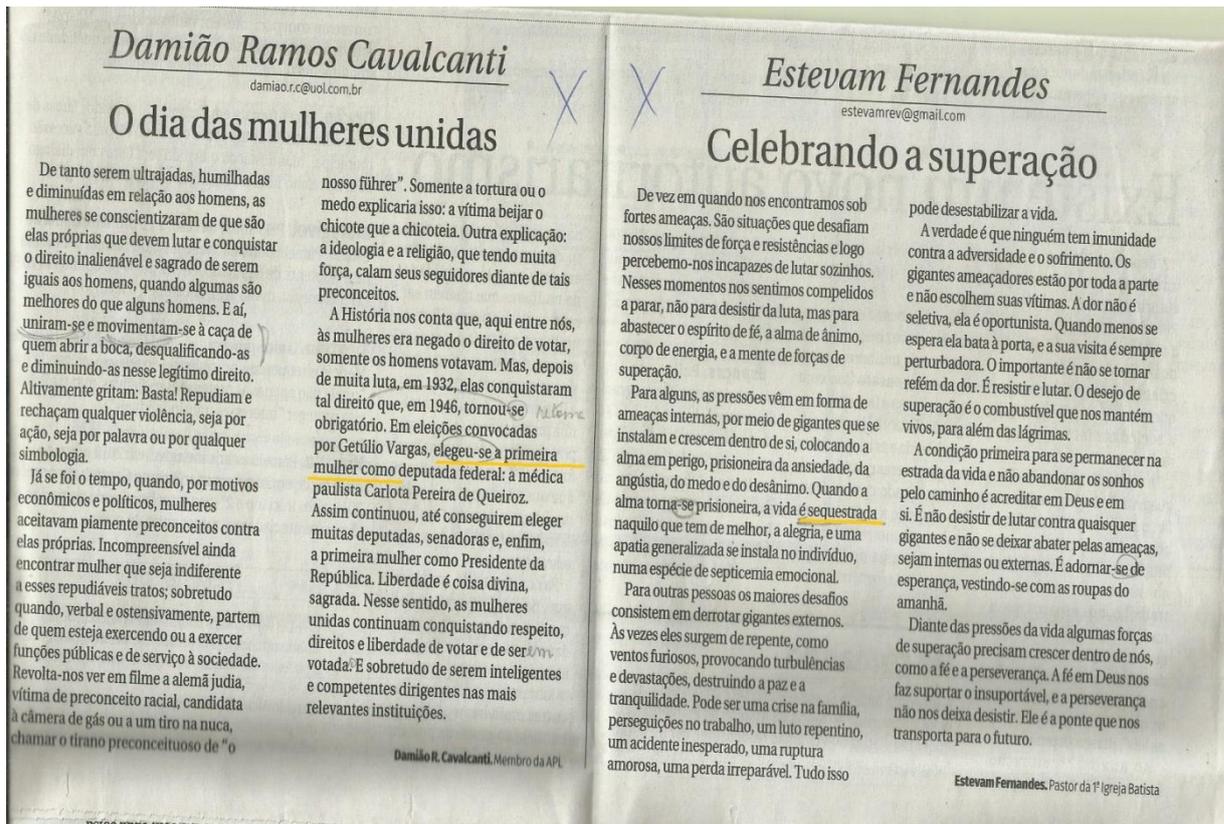
Como essa mulher de valor, também acredito que o hábito da leitura é adquirido na infância e vai permitir melhor interpretação da realidade, respeito e compreensão das pessoas. Ela conta que foram as aventuras de Flash Gordon e Mandrake que despertaram o gosto por aventuras que anos depois passou a também criar.

Aqui na Paraíba temos uma cidade com intensa produção literária, que é Cajazeiras. Conhecida como “a que ensinou a Paraíba a ler”, deve essa referência ao legado do famoso Padre Inácio de Sousa Rolim, um poliglota, fluente em 10 idiomas - francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, latim, sânscrito, hebraico, tupi-guarani e grego - que fundou em 1829 um colégio que atraía alunos de todo o Nordeste, entre eles Padre Cícero Romão Batista.

Hoje é consequência do ontem. O DNA intelectual de Cajazeiras vem do passado, é resultado principalmente do exemplo do Padre Rolim. A posição da mulher, hoje, em qualquer área do conhecimento também é resultado do esforço de muitas, cujas histórias são retratadas pela literatura e servem de inspiração para as novas gerações.

Nélida diz que a literatura é alada. Tem o poder de nos transportar para qualquer universo. Espero que o Correio da Paraíba seja asas para a literatura, principalmente a produzida por mulheres que fazem a diferença.

Roberto Cavalcanti, Empresário e diretor da CNI



20/04/2019



Octávio Caumo Serrano
caumo@caumo.com

Por que usar dois sujeitos?

Não sei quem inventou a frase com dois sujeitos quando um deles é desnecessário. Parece anglicismo. Nos escritos não aparece. Restringe-se às oratórias. Exemplifico colocando entre parêntesis o que pode ser abolido sem fazer falta: - Os homens (eles) são preconceituosos. Criticam demais as mulheres. - E as mulheres (elas) tentam se defender. - Vimos um acidente de automóvel quando (ele) era dirigido por uma senhora que perdeu o controle. O governo (ele) cobra, mas não faz sua parte.

O fenômeno não ocorre nos jornais de bancada quando o texto está num "teleprompter". E nos escritos o segundo sujeito, ele, ela, eles, elas, etc., não entram. Observa-se mais na reportagem ou entrevista; de rua ou estúdio. Ouve-se também nas novelas, quando o ator de fora o que vai dizer, usando seu próprio português, geralmente cheio de erros. Do tipo "pra mim fazer", "entre eu e você", etc. Como o tal gerúndio importado dos telemarketings americanos como "amanhã vou estar ligando para o senhor" ou "hoje vamos estar encaminhando a sua reclamação ao setor" quando poderia dizer diretamente, "amanhã ligarei para o senhor" ou "hoje encaminharemos sua reclamação ao setor".

Já não bastam os erros de concordância envolvendo singular e plural, a confusão quanto ao uso de vim e vir, está e estar, dar e dá, mas e mais, mal e mau, e flexões dos verbos derivados de ter, quando as pessoas dizem "o policial o deteu", em vez de deteve, ele se "entretreu" com o bloco e foi roubado, em vez de se entretive. O mesmo com os derivados de "por". Se ele "transpor" a ponte, correrá perigo; em vez de "transpuser".

Não me julguem um chato. Apenas gostaria de ver pelo menos os de nível superior falando um idioma parecido com nosso vernáculo. Os do zap e face vão continuar escrevendo asneiras cada vez mais. A mídia escrita, falada e televisada sim. É a elas que me dirijo. Este comentário não vai mudar nada, mas como a bronca é livre faço uso desse direito.

Octávio Caumo Serrano, jornalista e poeta

Onaldo Queiroga
onaldoqueiroga@gmail.com

A Páscoa

Estamos no período da Páscoa, que consiste em celebração importante da Igreja Cristã, quando se comemora a Ressurreição de Jesus Cristo.

A Páscoa é festejada em diversos países, registrando-se, ainda, que existem alguns símbolos que foram, ao longo do tempo, incorporados à Páscoa. Um deles foi o coelho, animal que passou a ser símbolo em tempos idos, no hemisfério Norte, quando a celebração começa na primavera, ocasião em que os coelhos apareciam nos campos com seus filhotes.

Outro símbolo desse período é o ovo, que representa o começo da vida. Era costume dos povos antigos presentear amigos com ovos, no intuito de desejar felicidade.

Hoje esses símbolos são bem explorados, principalmente, o ovo que recebeu o incremento do chocolate, e, assim, sua venda proporciona lucratividade para a indústria e comércio. Outro ponto que nos chama atenção é que o feriado da

Semana Santa também vem servindo para que ocorra um incremento maior do turismo. Porém, um aspecto negativo é que muitas pessoas se reúnem, não para rezar ou vivenciar a Páscoa, mas para se entregarem à bebedeira.

O lado religioso muitas vezes fica esquecido, relegado, e o feriado, que era para permitir que a sociedade cristã mergulhasse em orações e em instantes de rememorar reflexivamente todo o sofrimento de Jesus Cristo, termina por servir para outros fins, completamente diversos.

A humanidade precisa se voltar mais para Deus. O coelho e ovo são símbolos que servem mais para o lado material, por isso, o homem precisa refletir sobre a importância do Sofrimento e dos Ensinaamentos deixados por Jesus Cristo, pois só assim, se caminhará para o abraço com a paz e o amor.

Onaldo Queiroga, Juiz de Direito

23/04/2019

Francisco A. C. Júnior
assisjr@yahoo.com.br

Vencedor!

Couraça é o item da armadura onde temos de estar. Tal brigo é o próprio Cristo que nos cobre pela sua conquista. Basta uma simples oração sincera, pois a todos que creram nele e o aceitaram, ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus. Sua justiça e santidade acham-se intimamente associadas, não se podendo abstrair uma da outra.

Na original criação, o homem era naturalmente bom e tendia a executar o que era reto e justo. Mas, o pecado afetou-lhe de forma flagrante e quase que irremediável. Recebendo a Redenção, os descendentes de Adão e Eva são justificados e transformados pelo Espírito de Deus.

A regeneração faz com que superemos tudo e passemos a viver sob o manto da justiça de Cristo, ensino encontrado nas epístolas paulinas. A proteção defensiva em forma de um manto de ferro revestido com couro, trás de metal ou escamas de bronze, tinha a função de proteger pescoço, peito, ombros, abdome e costas. Dependendo da época e civilização,

chegava até a coxa. Guerra, batalha, luta, combate, peleja, debate, discussão e as dificuldades da vida são metáforas que se aplicam também na pregação e ensino da Palavra.

As guerras são sempre produtos da pecaminosidade humana, seja sua motivação por instigação imediata ou causa indireta. É necessário a agilidade na pregação do evangelho da paz, a esperança viva como capacete e as Escrituras que vieram do Espírito Santo como espada.

A oração vigilante em todo tempo mostra que não existe super-homem na Igreja. Mas, todos somos dependentes do Senhor Jesus e contamos uns com os outros. O Reino dos Céus é a Palavra de Deus e está dentro de nós.

Os inimigos da Igreja e da salvação não são humanos, mas estão por trás deles. Os demônios liderados pelo Diabo já foram derrotados. Nos posicionemos com Cristo, o Vencedor! "Eu te recebo, Senhor, reconhecendo que sou pecador".

Francisco A. C. Júnior, Jurisconsulto

25/04/2019

Lincoln Cartaxo de Lira

lincoln.consultoria@hotmail.com

Aventuras jurídicas

Observa-se que a aplicação distorcida do CDC (Código de Defesa do Consumidor) com vista às vantagens pessoais do consumidor, como o enriquecimento ilícito, tem trazido fragilidade a prerrogativa de vulnerabilidade que lhe confere esse instrumento normativo.

Perdão, mas até minha cachorrinha de estimação, chamada Baby, sabe que essa prática da litigância de má-fé por parte do consumidor é corriqueira nos processos em tramitação na Justiça. Não é por acaso, que o magistrado Gustavo Urquiza, do 3º Fórum Cível da Capital, em declaração recente a este privilegiado jornal (14/4), afirmou que 35% dos processos que julga, classificou como "aventuras jurídicas".

Diz ainda o ilustre magistrado que uma das mazelas da acessibilidade à Justiça é a abusividade do direito de litigar, o que gera avalanche de pedidos de indenizações por danos morais totalmente descabidos. E mais: registrou que a expectativa de um "ganho fácil" não poderia gerar outra consequência senão a banalização do dano moral.

Para mim, não representa nenhum ine-

ditismo ou surpresa. Não faz muito tempo a nossa Consultoria foi notificada de uma Ação de Indenização por um devedor que se dizia ter sido constrangido com uma carta de cobrança entregue na portaria do seu prédio, cuja missiva tinha sido endereçada sem envelope, o que levou os empregados do prédio e alguns condôminos tomarem conhecimento da sua inadimplência.

Na Audiência de Conciliação, provamos que a carta de cobrança, objeto da lide, foi entregue através do Livro de Protocolo, onde tinha a seguinte descrição: "Envelope lacrado, colado e confidencial". Subscrito pelo o porteiro e datado.

Depois de um momento de silêncio, o juiz observou atentamente o devedor, e completou com sobriedade, para não deixar qualquer margem de dúvida: "Infelizmente, o senhor vai ser condenado como litigante de má-fé".

Logo, não se deve entender o consumidor como sempre indefeso, ingênuo e coberto de razão.

Lincoln Cartaxo. Advogado e mestre em Administração

ROBERTO CAVICANTI

rcr@systemacorrinio.com.br

Pobre Nordeste

Por que nossa dependência política é tão intensa? Qual a razão de, por décadas, mantermos, no quadro nacional, liderando em desigualdades sociais e econômicas? No início do século passado não estávamos tão distantes do Brasil como um todo.

Merci alguns dados atuais que exibem nossas feridas econômicas. Temos uma população que representa 27,5% da nacional e ocupamos apenas 18,5% do emprego formal. Participamos com miséros 7,5% das exportações brasileiras e 9,4% da arrecadação previdenciária.

Nossas desigualdades ficam ainda mais evidentes quando olhamos a receita de impostos: a região Nordeste arrecada 17% do ICMS nacional, enquanto o Sudeste atinge 49,2%.

Para o PIB nacional contribuímos com 14,6%. Quando analisamos o PIB per capita, que revela o nível de vida de uma população, vivemos em 2018 o valor de R\$ 13,7 mil, ligeiramente do PIB nacional que foi de R\$ 26 mil. Somos aproximadamente 50% mais pobres que o resto do Brasil.

Apegue-nos aos índices de um setor que acompanha há mais de 50 anos, o industrial, e veja que a participação do Nordeste no PIB Industrial foi de apenas 13%, contra 53% da região Sudeste. Está explicado!

Sempre questione! a dependência política regional. Na nossa Paraíba, as eleições nunca acabam. Uma sucede à outra, inapelavelmente. Não temos do que viver economicamente senão apenas dos poderes públicos.

Somos, no caso da Paraíba, totalmente dependentes dos governos federal, estadual e municipal. Não é por acaso que apesar de sermos o 22º em extensão territorial, ocupamos o 9º lugar em número de municípios: são 223. O Nordeste tem 1.794, o que representa 32,2% dos 5.570 municípios brasileiros.

Criar municípios é artifício histórico para proporcionar transferências de arrecadação. Na minha visão, pouco inteligente porque deveríamos atrair investimentos em atividades geradoras de emprego e renda.

Espanha-me a pouca consciência política de que a máquina governamental um dia se esvai. O gigantismo da dependência financeira do Estado é sem limites.

Montamos no Nordeste uma máquina geradora de empregos públicos. A cada novo município criado, fruto do desmembramento de outro também invível, é montada estrutura pública sem limites.

Profiteira, Câmara de Vereadores e um sem-fim de cargos e órgãos. Todos pagos por quem produz e paga impostos. Ao meu ver, é a perpetuação da pobreza. Nunca sairemos desse redemoinho.

A maior prova de que parte da nossa pobreza é originária desse equívoco político é o surgimento de bolsões de progresso.

Temos em todos os Estados da nossa região exemplos de pujança e de geração de riquezas. Pequenas cidades, muitas vezes singelas vilas, têm receitas próprias e renda per capita com padrões de decência. Não os nominamos para não cometer falhas de esquecimento. Todos sabemos quem e onde estão.

Estamos há poucos dias com um novo governo que teve em sua plataforma de campanha fazer diferente. Espero que o Nordeste seja o foco desse novo modelo.

Amo essa região com a mais desconprometida das minhas intenções. Rogo a Deus que nos ilumine e que, na verdade, possamos ter, na prática, o fim dos desequilíbrios regionais.

Um país gigante como o Brasil, hoje em crise, imagine suas consequências no pobre Nordeste.

Roberto Cavicanti, empresário e diretor da RCR

Adhailton Lacet Porto

adhailton@globo.com

Acreditando e desconfiando

Estamos vivenciando um momento sem acreditarmos plenamente em nossas instituições, sempre desconfiando daquilo que nos é dito. Essa desconfiança me fez lembrar o poeta Thiago de Mello, quando em seu poema Estatutos do Homem, no artigo IV vaticina solene: "Fica decretado que o homem/não precisará nunca mais/duvidar do homem./Que o homem confiará no homem/ como a palmeira confia no vento,/como o vento confia no ar,/como o ar confia no campo azul do céu".

Por outro lado, acreditamos em tantas coisas como horóscopo; vida após a morte, céu e inferno. Tem gente que acredita em governos, outros em religiões. Muitos não acreditam em nada, e mesmo assim são felizes.

Tolstoi e Voltaire não acreditavam no talento de Shakespeare. No amor muitos ainda acreditam, mas ao dinheiro se apegam com mais fervor. Numeroso contingente só acredita na beleza exterior e nos

ornatos de grife para seu realce. E a poesia, devemos nela acreditar? Para que serve? E o poeta maranhense Ferreira Gullar é quem responde: "serve para quando a morena for embora".

Acredita-se em quem escreve difícil. Dizem que quando Hegel começou a escrever sua obra, só ele e Deus sabiam o que ele queria dizer; ao final, só ele. Epicuro acreditava que a morte era uma quimera, "porque enquanto eu existo, ela não existe; e quando ela existe, eu já não existo". Um bom bocado só acredita na força bruta. Acredita-se também em esquerda e direita. E mesmo apregoando-se contrário, há quem acredite em almoço grátis. Eu, por minha vez, acredito no menino que ainda não deixei de ser, na esperança de que "o homem confiará no homem/ como um menino confia em outro menino", como poetou Thiago de Mello.

Adhailton Lacet Porto, Juiz de Direito

28/04/2019

Damião Ramos Cavalcanti

damiao.r.c@uol.com.br

O valor do borracheiro

Quarta-feira passada, avisaram-me que era o meu aniversário. Pela oportuíssima segunda vez, foi comemorado esse dia, já que, quando nasci, não se festejavam os meses iniciais da vida, só quando se completasse um ano inteiro. Lembrado, esfocrei-me em recordar os aniversários mais felizes da infância, dos quais um foi uma viagem à Itabalama para consertar o pneu da motocicleta do meu pai. circunstância em que cresceu em mim a importância da profissão de borracheiro. Explica-se isso pelo fenômeno de que as crianças de hoje não nascem, nem crescem, tampouco se educam como as crianças de antigamente. Tudo, agora, é rapidamente diferente...

Aos meus seis anos, havia na minha pequena casa, no meio da sala, uma motocicleta estrangeira que me impressionava e dava-me o orgulho de tal transporte daquele tipo, único na cidade, pertencer ao meu pai. Tal motocicleta viveu, por muitos meses, com pneu furado. De início, atrapalhava minhas brincadeiras, mas ao passar do tempo, tornou-se objeto das minhas imaginações: viajava nela, às vezes, em alta velocidade, sem que ela saísse do canto. Brincava em torno dela, parada, empoleirada, silenciosa; seu barulho saía da minha boca. Mas, sempre com o pneu furado, imaginei que tivesse preguiça de andar. Minha mãe reclamava do óleo que pingava no lustroso cimento queimado da sala de visita e da futilidade pela qual meu pai discutiu e se intriguou com o único borracheiro de Pilar.

Então, o jeito, depois que meu pai foi pressionado, seria levar a moto, em cima do camunhao do "seu" Nelson, para Itabalama, onde já havia umas duas borracharias. Achei que a borracharia fosse uma coisa do outro mundo, tão importante como o consultório do pediatra da cidade vizinha, Doutor Tancredo, que era citado acima do procuradíssimo farmacêutico Israel, considerado o médico do Pilar.

Assim foi feito. Por isso, achava que a tal de borracharia fosse uma coisa do outro mundo. Mas, chegando lá, eu, meu pai e o pneu furado, encontramos um pequeno quarto, de chão batido, teto baixo, escuro, em cuja porta mal cabiam, em várias linhas, a sua denominação: Borracharia Tabalense. Suas paredes, manchadas pelas marcas dos pneus pendurados, eram tortas e condiziam com a sujeira no chão. Num espaço mais vago, estavam pregados um calendário do ano e vários dos anos passados, mas todos com retratos de mulheres nuas, mostrando todos os peitos, que eram separados por um bloco do Sagrado Coração de Jesus e por um crucifixo de madeira. A essa altura, já me tinha acostumado com a sujeira do ambiente, recuperando-se assim a importância daquela borracharia: quando a gente se acostuma com o indesejável, não passa a desejá-lo, mas também se torna indiferente à sua existência.

O borracheiro, sem camisa, vestia uma calça de madapolão bege que tinha petrdido sua cor para a do barro do chão, onde o borracheiro trabalhava sentado, à espera que um raparola lhe entregasse a câmara de ar furada da vez. Ali ficamos em pé para não nos encostar na parede ou não nos sentar no chão. Viámos curiosamente o traio que aquele homem, parrudo, dava à fina câmara de ar da motocicleta. Jogou-a num tanque de água barrenta, onde se viam umas bolhas de ar subindo, e logo se verificou que o ar estava escapando. Afobado, ele arrancou o tampão para pôr um novo remendo.

recomendando o trabalho: "Quem não faz bem a primeira vez faz duas vezes"; e refaz o serviço com eficiente maestria. Não sei porque não esqueci aquele homem simples, que inspirou a simplicidade desta crônica: coisas da vida. O pneu voltou a Pilar para completar a motocicleta do meu pai, que, há muito tempo, não saía do lugar...

Damião R. Cavalcanti, Membro da APL

Roberto Cavalcanti

rcr@systemacore.io.com.br

Restaurações

O tempo passa! Existe uma irreversibilidade em tudo na linha cronológica. Há mais de 856 anos, o teto da catedral de Notre-Dame de Paris, era de madeira. Suportar o peso de sua majestuosidade exigiu restaurações periódicas, até que foi consumido pelo fogo no último dia 15.

Não incidiu sobre ele apenas a espiritualidade ali contida - a esgrêgora (forças cósmicas/forças telúricas). Pesava, sim, o tempo.

Tenho passado no longo dessa minha diminuta existência por manutenções periódicas. Graças a proteção divina, meus pequeninos incêndios foram todos, até agora, debelados sem danos.

Quando falo em manutenções periódicas, abroço as físicas e as mentais. Diferentemente das primeiras, operadas de forma material, as espirituais são visivelmente menos evidentes, mas igualmente importantes para nosso bem-estar e felicidade.

É fácil avaliar a ação do tempo sobre nossa estrutura física: um andar capengante, um garbo de peso indesejado, perda de massa muscular, redução da elasticidade da nossa pele, perdas progressivas - como no meu caso - da juba, e tantos outros danos que sucessivamente, com ajuda de um bom espelho, tornam-se evidentes.

Preocupo-me, adulto, com esse lado físico, porém não relaxo um só instante do meu lado espiritual/mental. Procuro me autoavaliar.

Como estáo comportamentalmente me conduzindo? Quem sou eu hoje?

Por formação profissional, sou afeiçoado às curvas de tendências, que uso também para identificar se estou melhorando ou piorando comparativamente a uma situação anterior. Procuro, de forma aplicada, me referenciar, olhando para o meu próprio umbigo, neste caso, o da minha alma. Aprendi que para julgar tenho que antes me autoanalisar, permanentemente.

Parodiando o samba entredo "É Hoje", da União da Ilha do Governador, nessa luta entre o rochedo e o mar, reconheço uma constante erosão. As várias gerações com as quais tenho tido a oportunidade de conviver, trazem-me garbo inquestionável. Não posso negar, por outro lado, minhas dificuldades quanto a adaptabilidade evolutiva no meu mundo.

Nenhuma outra geração na história da humanidade passou tão rapidamente por tudo que tem vivenciado a minha - a da pós II Guerra Mundial. Vou me reconstruindo, no meu viver, atentamente. Um olho em mim e outro nos que me cercam.

Como é triste assisr alguns no meu entorno involuêrem espiritualmente. Já fui taxado de intolerante, mas o que não posso e caçar diante dessa constatação. Considero os que estão à minha frente nesta corrida oportunidade de segui-los ou trilhar meu próprio caminho.

Ler entrevistas, para mim, tem significado ímpar. Só que as considero apenas retratos daquele momento. As biografias, essas, sim, são minha paixão, por retratarem com relativa exatidão histórias de toda uma vida. São lições valiosíssimas.

Voltando aos flagrantes, posso atestar que me entristeço ao perceber toques de pessimismo em alguns que estão à minha frente na linha do tempo. Comentários sempre negativos, céuticos e derrotistas trazem a público um lado que jamais desejo caminhar. Sou amante da crítica, mas nunca todo o tempo ou ignorando o contraponto.

Não tenho tempo para reclamar dos outros. Se tenho tempo, desejo utilizá-lo plenamente na minha autocorreção. Quero permanecer amadurecido jovem de espírito. Desejo e me aplico para continuar evoluindo.

Cada dia tem sido mais entusiasmador à medida que abraço novas conquistas.

Renovo-me na boa contestação, no aprimoramento das ideias, na diversidade de opiniões. Dedico-me com o máximo das minhas energias ao novo. Assim, encontro e convivo com a modernidade, onde predomina o otimismo.

Preferindo me dissociar cada dia mais dos negativistas. Só assim caminharé em direção da felicidade. Tenho como propósito de vida rejuvenescer.

Já que meu teto físico, de madeira, estará sempre em risco, cuidarei do mental, cujo desgaste é real, porém sua manutenção requer apenas uma decisão de vida. Evoluí!

Roberto Cavalcanti, Espiritista e diretor da CM

Evaldo Gonçalves

evaldogoncalves33@gmail.com

Tribunais de Contas

Inegável a contribuição dos Tribunais de Contas, tanto o Federal quanto os Estaduais na orientação prestada aos Governos, federal, estaduais e municipais. Criados há algum tempo, tais instituições têm correspondido às aspirações nacionais no que tange à fiscalização e aplicação dos recursos públicos nas três áreas do exercício do Poder.

Agora mesmo, o ministro Augusto Nardes, do Tribunal de Contas de A União, foi convidado pelo atual Governo Federal para dar aulas não só ao atual presidente da República, mas também aos seus ministros e auxiliares, visando colocá-los a par das mais corretas práticas da Administração Pública, evitando assim maiores transtornos quando das inevitáveis prestações de contas aos órgãos fiscalizadores dos recursos públicos.

Essa interação entre os entes administrativos da Paraíba e seu Tribunal de Contas já existe, há bastante tempo, tanto com relação ao Estado como no que tange aos Municípios. O TCE, em boa hora criado pelo governador João Agripino, vem prestando ao Estado e municípios da Paraíba

os melhores serviços, tanto na orientação de como os recursos devam ser bem aplicados, bem como no atendimento às reais necessidades dos seus municípes. O que se pode afirmar, sem se temer erros, é que os governadores da Paraíba, desde a criação do TCE, têm sabido escolher os respectivos conselheiros, técnicos ou políticos, são portadores de rara sensibilidade administrativa.

Por outro lado, os que têm sido distinguidos com sua Presidência, não têm se descuidado da preservação da memória paraibana, colocando nomes dos seus Benfeitores em todas as dependências de sua sede. Convém destacar: João Agripino; Celso Furtado, cujo centenário de nascimento estamos comemorando; Linaldo Cavalcanti e Ariano Suassuna. Pelo exposto, o Tribunal de Contas do Estado não só tem se preocupado com as prestações de contas dos entes públicos. Tem cumprido com seus compromissos com a memória dos homens públicos paraibanos.

Evaldo Gonçalves. Do IHGP e da APL

01/05/2019

Octávio Caumo Serrano
caumo@caumo.com

Chico: Esperto ou tolo?

Nossa geração teve a ventura de conviver com um mineiro nascido em Pedro Leopoldo em 2 de abril de 1910: Chico Xavier. Desde pequeno conversava com sua mãe falecida queixando-se dos maus tratos da madrinha, sua cuidadora. Sofreu muito por ouvir vozes e ver os mortos, até ser aconselhado pelo padre local a procurar o Espiritismo.

Aos 21 anos, em 1931, escreveu um livro de poemas, *Parnaso de Além-Túmulo*, com cerca de cinquenta autores, incluindo alguns estrangeiros, que causou polêmica no meio intelectual que o acusava de plágio, embora ele afirmasse não ser o autor. Poderia ter assumido a paternidade da obra e entrar para a Academia Brasileira de Letras, com louvor. Só o paráibano do século XX, o poeta Augusto dos Anjos, ditou-lhe cerca de trinta páginas no seu inconfundível estilo. Mas ele se recusava a receber os méritos pelo trabalho porque se dizia apenas o lápis que escrevia o que os Espíritos ditavam.

Numa vida de renúncia e socorro ao semelhante, escreveu cerca de 450 livros, vertidos para 30 idiomas que venderam 60 milhões de exemplares, doando a renda para obras de caridade. Quem agiu assim

não pode ser chamado de impostor; seria o esperto mais tolo da história! Nem por isso deixou de sofrer calúnias, como a do "parapsicólogo" Padre Quevedo que agora falecido pode comparar sua vida à do Chico. E o médium, por certo, estará amparando o seu caluniador que, como dizia Jesus, não sabia o que fazia.

Afirmou que morreria num dia em que o Brasil estivesse feliz. Faleceu em 30/06/2002 quando nosso povo exultava com a conquista do pentacampeonato mundial de futebol!

Obrigado, Chico. Seus livros são roteiro para uma vida mais feliz porque têm os alertas de que necessitamos para alcançar dias de ventura, embora tendo de viver ainda por um tempo neste vale de dores; sem falar das lágrimas que você já enxugou, porque muitos ganharam novas esperanças depois de lê-los.

Deus lhe pague pelo exemplo de amor ao próximo nos seus noventa e dois anos de vida, apesar das graves enfermidades vividas nesse tempo! Na Terra negaram-se o Nobel da Paz, mas no Céu o galardão é seu!

Octávio Caumo Serrano, jornalista e poeta

Maria das Graças Santiago
mgsantiago@gmail.com

Como estrelas na areia

Gosto de assistir bons filmes mas não sou, nem de longe, especialista para falar sobre o assunto. Mas recentemente vi "Como Estrelas na Areia", uma produção indiana de 2007, que me tocou de tal forma, que não posso deixar de comentar.

Trata-se da história de um menino, Ishaan, magistralmente interpretado por Aamir Khan. Oito anos, grandes e expressivos olhos negros, denuço e simpático, Ishaan mostra, desde o início, ser um garoto diferente. Atento às coisas da natureza, ninhos de passarinhos, minúsculos peixes na sarjeta ou entredito com os seus cachorros, ele não convive com os outros meninos da sua idade.

Desobediente, teimoso e sempre atrasado é repetente da terceira série e pelas notas obtidas na escola será reprovado novamente. Esconde o boletim, gazeta aula e padeca de um permanente bullying dos colegas. Em casa sofre a pressão do pai que o compara com o irmão mais velho, exemplo de bom aluno e bom filho, tudo que Ishaan não consegue ser. Ouve de todos que é burro e preguiçoso, nenhuma qualidade positiva. A sua revelia, é levado para um internato cujo lema é obediência e disciplina onde continua

Maria das Graças Santiago, D2 APL

Mário Tourinho
admariotourinho@gmail.com

Dia do Trabalho... sem empregos!

Uma frase comumente usada por lideranças sindicais, relativamente à passagem de uma data como a de hoje (1º de maio), instituída como o Dia do Trabalho (ou Dia do Trabalhador), é a de que "nada há para comemorar".

Na verdade, de uns anos para cá, com o Brasil apresentando alto índice de desempregados, até mesmo os que estão com a graça de um emprego são tomados pelo sentimento de tristeza ao constatarem alguns parentes, vizinhos, amigos ou tantos desconhecidos mostrando seus currículos e pleiteando vínculo empregatício.

Vivemos momentos bem mais desafiantes do que aqueles do 1º de maio de 1886, em Chicago/Estados Unidos, quando trabalhadores lutaram por melhores condições de trabalho, como, por exemplo, pela redução da jornada diária de 14 para 8 horas e por um dia de folga na semana. Foi a partir daqueles tempos que as jornadas de trabalho foram ficando mais humanas,

de tal modo que agora há categorias cujas jornadas diárias são menores que a de 8 horas e o descanso semanal corresponde a dois dias (normalmente o sábado e o domingo). E nesta semana a folga semanal acresceu-se de mais um dia por conta deste feriado dito do trabalho, mas, sem ele.

Nesta semana, nas redes sociais, estava um vídeo mostrando uma loja autônoma sendo inaugurada em Vitória/ES e já projetando a inauguração de uma outra em São Paulo/SP. Loja autônoma: em suas dependências nenhum atendente; tudo é digital... até a entrada, o abrir da porta, faz-se mediante o reconhecimento facial do(a) comprador(a), que autonomamente pega os produtos, coloca-os na cestinha e ao sair pela porta por onde entrou, debita-se em seu cartão o valor do que colocara na cestinha. É uma loja autônoma... uma loja que não proporciona empregos. Fica difícil comemorar-se Dia do Trabalho... sem empregos.

Mário Tourinho, Administrador

Vale a pena?

Volto à relatividade das coisas, ao dimensionamento dos problemas, aos conflitos humanos. Acho inconcebível dentro de qualquer análise lógica, como potencializarmos o nada.

Em todos os meus voos, físicos ou imaginários, impossível não constatar a insignificância das coisas quando delas me afasto. Quanto maior a distância, mais evidentes ficam as nossas diminutas dimensões.

Nosso planeta é uma insignificância astronômica. Somos um grão de poeira cósmica, dependentes da gravidade solar. Não somos nada! Apenas um ponto de tênue luz perdido no universo.

Por que será que tão poucos têm essa macrovisão?

Assisto e percebo, ininterruptamente, a mediocridade dos nossos conflitos. Que pena testemunharmos dois vizinhos rurais brigando por uma braça de cerca. O que ela representa? Pessoalmente já constatei o imaginável: familiares brigados por 45 centímetros por animais em busca de alimentos.

Presentei lutas fratricidas em razão de uma eventual invasão de pasto vizinho por animais em busca de alimentos. Tivemos as duas últimas duas guerras mundiais motivadas por cobiza expansionista de áreas geográficas. Nossa história, desde o surgimento da espécie humana, registra a constante luta por frações dessa poeira cósmica. Brigamos por tudo e com todos pelo nada, pelo inerte.

Mirando as lutas pelo poder, afé que nos deparamos com a mediocridade no foco de visão. Nos matamos, nos digladiamos cada vez mais intensamente, quanto mais inexpressivos somos.

Já escrevi que o burro briga, o inteligente compõe. A cada dia que passa aumenta meu desapreço pelos permanentemente

belligerantes. Esse desprezo é gerado pela identificação do despreparo, da mediocridade, da falta de visão relativa. Confrontam-se com o vento, quando na verdade deveriam tirar partido dele.

Será que o ser humano, cuja capacidade criativa é inimaginável e o tom levado até o cosmo, não enxerga isso? Como podemos conviver com inteligências fantásticas de um lado, e do outro assistirmos mentes negras? Será que não nos apercebemos que quanto maior a nossa capacidade de enxergar à distância, menor será a importância do que tem apenas valor material?

As brigas, contendas e confrontos são atestados incontestes de miopia mental. Descredenciam os que permanentemente depreciam os outros. A tática do ataque ensandecendo nada mais é que uma estratégia burra, fruto do desespero. E animal, não é racional.

Vejo na humildade a referência correta para atestarmos que nada somos. Estamos neste planeta, por nós chamado de terra, de forma diminuta. Minúsculo também é o nosso tempo de presença física.

Será que vale a pena, nessa linda e con-sagrada passagem, não ponderarmos sobre a consistência das coisas? Será que vale a pena colocarmos no cesto do lixo o nosso exíguo tempo, nosso espaço e nossa felicidade?

O contestador inteligente descobre um novo caminho, uma nova forma de superar obstáculos. O burro briga, denigre, imputa aos outros o que está na sua essência.

Distanciam-se do mal. Busquem sempre, nos espaços infinitos, as soluções para os seus problemas. A vida é um tênue lampejo, passa muito rápido. Curta sua vida. Essa, sim, vale a pena.

Roberto Cavalcanti, Empreiteiro e diretor da CMI

02/05/2019

Regina Rodriguez Bôtto Targino

reginarodriguez@uol.com.br

Vou de Uber

Em viagem, usa-se muito o taxi para tudo. Reclamando da carência fui aconselhada por meu irmão: "experimente usar o Uber e veja a diferença". Realmente vi diminuir o custo em 50%, pelo mesmo trajeto. Coisa inacreditável. O que passa? No capitalismo visa-se o lucro. Há uma nova ordem econômica, imposta pela expansão de novas tecnologias, formas de prestação de serviços e relações de trabalho. É o chamado capitalismo consciente que prevê não só o lucro mas gerar valor para a sociedade. Neste contexto, surgiu a Uber em 2009, em São Francisco, na Califórnia. Startup de incrível sucesso, as oportunidades que dela advêm são imensuráveis. Surgiram outras que não só copiaram a tecnologia da Uber mas as aprimoraram, como: Didi Chuxing, dona da 99, esta conecta mais de 300 mil motoristas a 14 milhões de passageiros em 400 cidades no Brasil. Objetivam tornar a mobilidade urbana mais barata, rápida e segura. A Ola na Índia, e a Careem no Oriente Médio.

Outras alternativas de mobilidade urbana estão sendo adotadas no mundo: skate, longboard, patinete, unicycle, segway e a

bicicleta, a mais popular. São meios rápidos de transporte planejados para o futuro. Através do dispositivo móvel e internet resolve-se todo o processo de utilização do serviço que é automatizado e tem sistema de segurança avançado de rastreamento. Descongestionam as cidades e diminuem a poluição local, além da agilidade e praticidade no trajeto.

A ONU (2014) projeta que 2,5 bilhões, o equivalente a 66% da população mundial, viverá nas cidades. No Brasil, 83% é urbana e desta 66% é economicamente ativa dependente de transporte público, e 22% passa mais de duas horas por dia no trânsito. Urge que se desafogue o tráfego. Horas perdidas de trabalho refletem na economia do país. Há de se ter políticas públicas que promovam a mobilidade urbana sustentável, priorizando o acesso básico às necessidades dos cidadãos: trabalho, educação, saúde, lazer e cultura. A uber veio para ficar, se constitui em fonte de renda e emprego para a população que se beneficia. E eu constatei, pois tive uma economia de R\$ 400. Preciso dizer mais?

Regina Rodriguez Targino, Da AFLAPB

Lincoln Cartaxo de Lira

lincoln.consultoria@hotmail.com

Desastre econômico da Argentina

Um amigo, em visita recente a cidade de Buenos Aires, me falou da triste situação econômico-financeira que passa os nossos vizinhos hermanos argentinos: 1 peso equivalente a 11 reais e ao dólar já na casa de 45. Com a inflação anual próxima a 50%.

Olhando-se para trás, numa das viagens que fiz a Buenos Aires, a primeira no início da década de 80, eu fiquei hipnotizado com àquela cidade imponente, elegante e cheia de histórias para ser explorada, onde o Tango ainda é uma das expressões (artista e cultural) mais forte do povo portenho, sem falar que a mesma continua conhecida como a Paris da América do Sul.

Infelizmente, um pouco da sua beleza está sendo ofuscado em decorrência de governos populistas, desmando dos militares no poder, paridade artificial entre o peso e dólar e a corrupção; levando o país da condição de nação rica (na década de 1920: chegou a ser a sexta maior economia do mundo) a um quadro de decadência, minada por desconfiança do mercado.

Em meio à bagunça, o futuro dos argentinos é incerto. Está sendo um país de desca-

misados, enganados principalmente pelos últimos governos. Espanto, ironia e desalento foram à decisão agora de congelar preços de artigos considerados essenciais, entre eles alimentos, energia e transportes. O resultado de tais medidas (e sem fazer profecia de botequim), nós, brasileiros, já conhecemos o desagradável desfecho.

Pessoalmente, está sendo uma surpresa a gestão melancólica do presidente Mauricio Macri, de quem esperava uma agenda responsável de ajustes, rendeu-se a práticas a esta altura quase folclóricas de antecessores populistas. Isso passou a ser um carma!

Argentina exposta às vísceras mostra que a péssima gestão econômica persistiu por tanto tempo que nenhum governo conseguirá restaurar a ordem em prazo curto. Detalhe: o choque cambial desvalorizou tanto o peso e o país foi obrigado a recorrer ao FMI, obtendo financiamento de US\$ 56,3 bilhões, em troca um programa de ajuste, que até agora não funcionou.

Lincoln Cartaxo, Advogado e mestre em Administração

08/05/2019

caumo@caumo.com

Reforma muito importante

A propósito de reformas, diz o Espiritismo: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelo esforço que faz para vencer suas más inclinações”. É a reforma íntima que, segundo Emmanuel, mentor de Chico Xavier, é a principal tarefa que temos na Terra. A luta para ser melhor é a razão de cada nova encarnação, embora a maioria de nós pensa que está no mundo para consertar os outros.

As arenas onde fazem as tais experiências são o lar e a família, o trabalho, a escola, a rua e a sociedade em geral, onde temos de conviver com a desonestidade e a esperteza. Quando o Espiritismo diz que o Brasil é o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho, as pessoas duvidam, pois não condiz com a criminalidade e toda a inferioridade moral do seu povo, salvo limitadas exceções.

Quem duvidar analise-se e descobrirá suas próprias mazelas. Não há inocentes sofrendo neste planeta, mundo de provas e expiações, que abriga espíritos imperfeitos que faliram em outras vidas e agora voltam com nova oportunidade de aprendizado e aprimoramento. Os que superaram suas fraquezas já vivem em planetas mais

adiantados. Afinal, “na casa do Pai há muitas moradas”, segundo ensinou Jesus!

Quando me iniciei no Espiritismo tinha como colega um diretor do sindicato de panificação em São Paulo, que possuía seu próprio negócio. Acordava às quatro, tomava café, pegava o carro e saía. Aproveitava o trajeto para rezar e fazer reforma íntima. Até aí tudo bem. Mas quando chegava na padariaiiii! Ele imaginava que uma doutrina que ensina as lições de Jesus se aprende isolando-se, repousando, na praia, na festa ou numa mesa regada a bons vinhos.

Outra colega dizia que ao levantar punha uma música clássica, sentava-se numa confortável poltrona, fechava os olhos e começava a fazer sua reforma íntima.

Ah! povo equivocado. O aprendizado é filho do sofrimento, da dificuldade e da competição. É a vitória do homem sobre si mesmo. E você, caro amigo, tem também por hábito fazer reforma íntima? Como? Rezando, repousando ou trabalhando? Pense nisso! Meu abraço aos eventuais leitores!

Octávio Caumo Serrano. Jornalista e poeta

Mário Tourinho

admariotourinho@gmail.com

A barreira do CB na AL/PB

A erosão da falésia do Cabo Branco é o tema da audiência pública que a Assembleia Legislativa realiza hoje, por proposição do deputado Ricardo Barbosa. Ele - Ricardo - certamente orientou o Cerimonial da AL/PB no sentido de que nessa audiência estejam, como convidados, os representantes da Prefeitura de João Pessoa (responsável direta pelo projeto de contenção da referida barreira) para que, na ocasião, ele, como líder do Governo, possa dizer que o Estado também está disposto a efetivamente participar, até financeiramente, para que “republicanamente” salvemos tão referencial ponto turístico como a área mais oriental das Américas!

Na Câmara de Vereadores várias audiências públicas já foram realizadas. Em abril de 2016 o vereador Bruno Farias destacou que o importante não é encontrar culpados para um problema que se arrasta há muitos anos, mas saber “como andam as ações” e “como podemos ajudar”. Em novembro de 2014 o então titular

da Seplan/JP, Rômulo Polari, diante de questionamentos à eficácia de quebra mares que se planejava colocar, disse:

“Não podemos ficar só olhando a barreira desmoronar-se”. Raoni Mendes enfatizou: “Essa causa ultrapassa bandeira de oposição

ou de situação”. Lucas de Brito acentuou: “Salvemos este patrimônio geográfico, histórico e cultural”.

Em 21 novembro de 2018, no Correio da Paraíba, e em face de uma reportagem publicada no dia anterior com uma foto chamativa sobre a erosão da

barreira do Cabo Branco, escrevemos o seguinte: “No Governo Ricardo Coutinho, ele como prefeito, parecia que a solução estava próxima. Não aconteceu. No Governo Agra, mais pertininho parecia estar. Também não aconteceu. Sobre esta questão existe crônica desde 1982, como uma de Nathanael Alves (que já está nos céus), cobrando providências contra essa erosão da barreira do Cabo Branco”.



Mário Tourinho. Administrador

11/05/2019

Kubitschek Pinheiro
kubipinheiro@correiodoparaiba.com.br

Todas as mães se reconheçam

Que mais poderia eu dizer que não tenha já sido dito ontem, a semana passada, sobre o crescimento do feminicídio no Brasil? De homens matando suas mulheres - suas, (vírgula). Ninguém é de ninguém.

Dentro dos lares, e cá em mim, uma dor, um lamento, um filho que assiste a cena, uma mãe que enterra uma filha e essa agonia brasileira repetida. Esse cinema de horrores chamado feminicídio.

Homens esfoladores, cupins, tiranos, se ainda valem das calças que usam. O que cada um de nós poderia fazer para dar um basta nessa crueldade com mulheres espancadas, sendo filmadas e mortas? Quais foram as suas culpas, por deixarem de amar seus maridos que lhes sufocam todos os dias? Vão pagar. Tantos corações acorrentados...

Rogar que Deus proteja as mulheres, que Ele acorde os homens para que elas tenham paz, ou devemos esperar por milagres? Eu fico entristecido, viro bicho, sem entender tanta maldade difundida no noticiário de todos os dias.

Aqui na Paraíba foram seis mulheres mortas numa só semana. Que vergonha! Cadeia é pouco! Tem aumentado muito a morte de mulheres no Brasil e ninguém faz nada. Quanto mais tarde, pior será.

Para seguir a sombra dessas mulheres em flor, que haveriam de avançar, trabalhar, evoluir, criar seus filhos e são assassinadas pelos seus maridos, namorados, não está fácil. O mundo está doente. Nós estamos nesse mundo. As pessoas nascem, se amam e depois se matam.

Homens covardes, que afundam em suas agonias. Homens petardos, bombas, e pessimamente representados ou representando tradições arcaicas. Homens furiosos e doentes.

Que todas as mães da canção do poeta Carlos Drummond de Andrade e Milton Nascimento se reconheçam. Que todas as mães nos convidem para a luta, que todas as mães salvem suas filhas, seus netos sobre esse perigo que acontece às claras lá fora, além do ódio de seus maridos.

Vamos pensar nas crianças! Benção, mãe".

Kubitschek Pinheiro. Jornalista

15/05/2019

Givaldo Medeiros
givaldomedeiros@uol.com.br

Demônios de volta para o inferno

Em criança, meus irmãos me assustavam anunciando que o mundo iria acabar dali a pouco. Qualquer ventania era seu prenúncio. Descobri, tempos depois, que tudo estava no Apocalipse. O fim terá duas etapas: primeiro, Deus destruirá as falsas religiões; depois, voltará suas mãos sobre os governantes os quais serão destruídos na grande guerra, Armagedom. Pois volto a me preocupar com o fim, não o de Deus, mas o terreno.

O doomsday, o relógio do Juízo Final, mexeu-se 30 segundos para perto da meia noite. Explico: um grupo de cientistas afirma que o mundo se aproximou do apocalipse no último ano. Contam, para isso, com um cenário de insegurança, notadamente, depois das palavras meio destrambelhadas do presidente americano, Donald Trump.

Os ponteiros do doomsday é uma metáfora de quão vulnerável está o mundo. O mais próximo que já chegou foi em 1953, quando esteve a dois minutos da meia noite, levando em conta testes de bomba de hidrogênio feitos pelos EUA e pela Rússia. O dispositivo simbólico, criado pelo Boletim dos Cientistas Atômicos, em 1947, conta, hoje, com físicos e cientistas ambientais de todo o mundo, que decidem como ajustar o relógio depois de consultar o Conselho de Patrocinadores, grupo que inclui 15 prêmios Nobel.

Nos últimos anos, ele permaneceu a uma distância de três minutos. Mas, as posições de Trump minimizando os fenômenos climáticos, a expansão do arsenal nuclear americano e os folguedos nucleares iranianos, puseram em desequilíbrio o risco global, puxando o ponteiro 30 segundos para junto da meia noite.

Como ainda temos dois minutos e meio antes do caos, pode ser que tenhamos tempo de observar os passos desses insanos. Se nada der certo, e Deus não acabar com eles, vamos tirar a pilha desse relógio, e sobrepor a humanidade a esses arrogantes senhores que estão a descortinar um cenário de ameaça. Mandar esses demônios de volta para o inferno de onde saíram. Depois, é sentar na varanda e esperar o apocalipse.

Givaldo Medeiros. Doutor em Psiquiatria e Profº da UFPB